TEMER NO PARNASO

Cesse tudo o que a antiga musa canta. Dono de tamanha vocação poética, por que enveredou ele pelo iletrado mundo da política? **Pág. 55**

O PAPEL DE LULA

Na memória da companheira Marisa Lula encontra inspiração para ir à luta. Só ele pode acordar o povo brasileiro. **Págs. 12 e 22**

CartaCapital

cartacapital.com.br

EDITORA CONFIANÇA

ANO XXIII Nº 939 R$ 14,90
15 DE FEVEREIRO DE 2017

ESCÁRNIO

A ABSURDA INDICAÇÃO DO TUCANO MORAES AO STF MOSTRA COMO OS GOLPISTAS PRETENDEM COMPLICAR AINDA MAIS A NOSSA VIDA

banco.bradesco @Bradesco facebook.com/Bradesco
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

CRÉ

Crédito sujeito a aprovação.

DIZ O

Crédito Pessoal.
Para você equilibrar
as contas em 2017.

Pagamento em até 48 meses,
com a primeira parcela em até 60 dias.

Saiba mais em banco.bradesco/credito

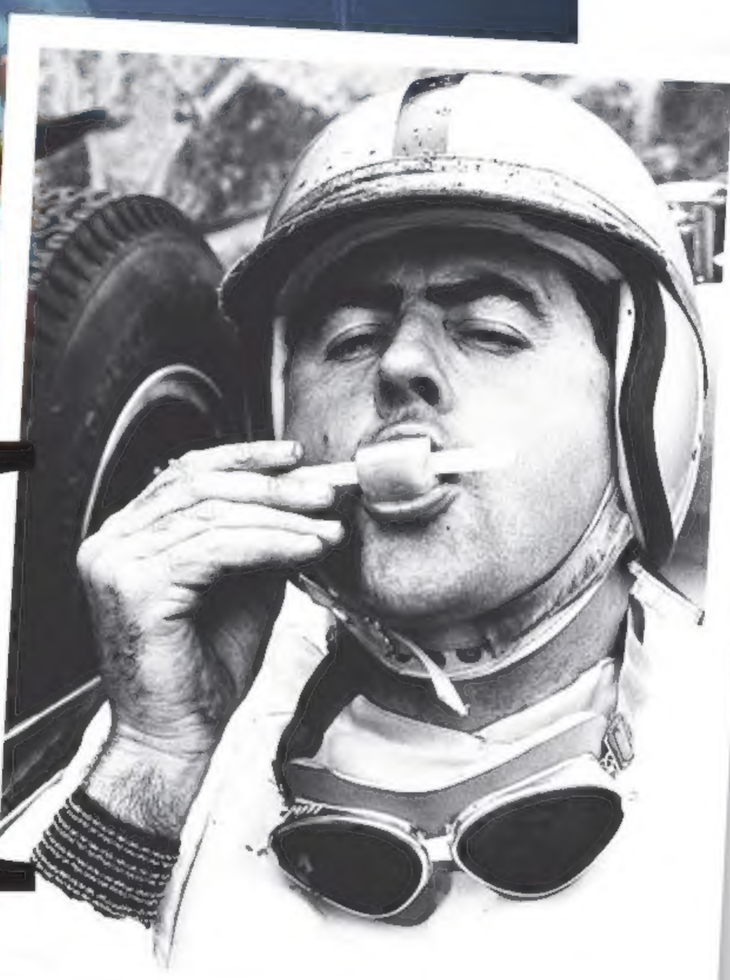
Bradesco

Y&R

CartaCapital

15 DE FEVEREIRO DE 2017 • ANO XXIII • Nº 939

No velório, a foto da memória. Pág. 22



8 BRASILIANA
A greve da PM no Espírito Santo e a histeria coletiva

10 ROSA DOS VENTOS
Mauricio Dias e os rumos do mundo político

13 A SEMANA

Seu País

22 HOMENAGEM
Lula promete defender a honra de Marisa Letícia

27 WÁLTER FANGANIELLO

28 EDUCAÇÃO
O desmonte do ensino médio

Economia

30 TRANSPORTE
A regulação dos aplicativos que mais fogem às normas e tributações

34 DELFIM NETTO

35 LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Nosso Mundo

36 FRANÇA
A eleição que decidirá os rumos da União Europeia e do mundo

40 EUA
O condado onde Donald Trump só recebe aplausos

Plural

44 MÚSICA
O sucateamento das orquestras brasileiras

47 BRAVO!

Capa: Diego Vara/Reuters/ZUMA Press/Fotoarena

QI

55 TEMER NO PARNASO
O QUE A ACADEMIA DE LETRAS ESTÁ ESPERANDO PARA AGASALHAR O TALENTO FICCIONAL DO PRESIDENTE FICTÍCIO?

61 SAÚDE *Por Drauzio Varella* 62 ESTILO A era de ouro do automobilismo 64 AFONSINHO 65 PAPINHO GOURMET *Por Marcio Alemão* 66 CHARGE *Por Venes Caitano*

16 SOLUÇÃO MICHEL
AO ESCOLHER ALEXANDRE DE MORAES PARA O SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, O PRESIDENTE TENTA SALVAR A PRÓPRIA PELE

NELSON ALMEIDA/AFP E RAINER W. SCHLEGELMILCH

CENTRAL DE ATENDIMENTO DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, DAS 9 ÀS 18 HORAS, EXCETO FERIADOS SP: 11 3512-9486 / RJ: 21 4062-7183 / MG: 31 4062-7183 / DF: 61 4063-7183 FALE CONOSCO: WWW.ASSINANTECARTACAPITAL.COM.BR

★★★★★ THE GUARDIAN

★★★★★ TIME OUT

★★★★★ VARIETY

THE FILM STAGE

"UM DOS **MELHORES DOCUMENTÁRIOS DO ANO.**
PULSA COM RAIVA E **ANSEIA POR COMPAIXÃO.**"

theguardian

"UM DOS MELHORES FILMES **SOBRE DIREITOS CIVIS**"

Los Angeles Times

"O QUE TORNA 'EU NÃO SOU SEU NEGRO' UMA EXPERIÊNCIA CINEMATOGRÁFICA
FASCINANTE, INTELIGENTE E QUESTIONADORA, VAI MUITO ALÉM DAS PALAVRAS."

INDICADO AO OSCAR® 2017 – MELHOR DOCUMENTÁRIO

EU NÃO SOU SEU NEGRO

ESCRITO POR
JAMES BALDWIN

DIRIGIDO POR
RAOUL PECK

COM A VOZ DE
SAMUEL L. JACKSON

16 DE FEVEREIRO NOS CINEMAS

WWW.IMOVISION.COM.BR /IMOVISION

IMOVISION

Cartas Capitais

O ADEUS A MARISA

Diante dos últimos acontecimentos, mais especificamente o falecimento de dona Marisa Letícia, fico a me perguntar se o ex-presidente Lula ainda estaria disposto a ser candidato ao cargo de presidente da República. Ele foi o estadista que mais fez pelo povo e pelo País. Importante lembrar a importância que muitos países lhe atribuíram no papel de erradicação da fome e da miséria no mundo. Lula dedicou-se de corpo e alma a fazer um governo de verdadeira inclusão social. Para completar, ressalto a presença de companheiros históricos de Lula que partiram desta vida, como Luiz Gushiken, Marcelo Déda, Celso Daniel, Toninho do PT, além de Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, Oscar Niemeyer, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Hugo Chávez e, agora, Marisa Letícia. Acrescento ainda a sua caminhada, a perseguição judicialesca, política e midiática implacável, caracterizada pela falta de provas contra ele, tudo alimentado pelo ódio de uma parte da população ingrata, ignara e pérfida e teleguiada pelos meios de comunicação, servos do grande capital e deste governo espúrio. Tais ataques, infames e insolentes, provêm de classificados com um apedeutismo que salta aos olhos. Perguntaria a Lula se vale a pena lutar por um povo assim. Há os que clamam pela sua volta, como eu, mas, como dito, os outros não merecem um presidente da República que os liberte ou lute para lhes proporcionar, ao menos, dignidade. A história o absolverá de todas as mentiras que lhe impingem, e seu governo está chancelado pelos que o reconhecem e glorificado pelos que têm um mínimo de razão e honestidade política.

Paulo Sérgio Cordeiro Santos
Curitiba, PR

OS BANQUEIROS E O BRASIL

Parabéns a *CartaCapital* pelo projeto que investe não só no jornalismo analítico, mas também no participativo e mostra que se pode fazer bom jornalismo ao mesmo tempo aberto a todos. A primeira edição do Direto da Redação foi excelente em trazer a economista Leda Paulani e o ex-ministro Ciro Gomes, que com o seu jeito franco de se expressar apresenta-se como uma boa alternativa da esquerda à Presidência da República.

Diego José da Rosa
Sarapuí, SP

COMPANHEIRA MARISA

Lamentável e triste o falecimento de Marisa Letícia. Fica a sensação de que tanta pressão e perseguição

WWW.CARTACAPITAL.COM.BR

• Em entrevista a RENAN TRUFFI, o coordenador-geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Daniel Cara, classifica a MP 746 como uma volta ao passado, mas no sentido de retrocesso para a educação pública brasileira. • O governo federal, estados e municípios anunciam programas de venda de ativos públicos. Entenda os resultados do processo de privatizações no Brasil e no mundo. Por CARLOS DRUMMOND. • Facebook: o internauta Edson Bueno Toledo, que publicou em seu perfil duas postagens carregadas de ódio contra eleitores nordestinos, nortistas e cariocas por votarem em Dilma Rousseff em 2014, foi condenado por incitar a descriminação.
• Senado aprova MP de Temer que desmonta a EBC e transforma a comunicação pública em governamental. No INTERVOZES

O ministro Moreira Franco discute concessões com empresários em São Paulo

Estudantes protestam contra a reforma do ensino médio, que representaria um retrocesso para a educação pública

ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

"REFORMA DO ENSINO MÉDIO É UM RETORNO PIORADO À DÉCADA DE 90"

Reforma feita em uma canetada via MP sem qualquer diálogo com quem realmente será atingido. Totalmente autoritária. Tiraram história, geografia e biologia das disciplinas obrigatórias. É a volta à Idade Média.

Amarante Filho

Ganhe uma assinatura. Na primeira edição de cada mês, CartaCapital *vai premiar a melhor carta publicada no mês anterior com uma assinatura digital semestral da revista. Data de divulgação do 133º vencedor: edição 941, que circula a partir de 24 de fevereiro*

política a Lula e sua família contribuiu para o agravamento de sua saúde. Precisamos de mais ética e civilidade.

Erivan Augusto Santana
Teixeira de Freitas, BA

TREMORES PLANALTINOS

A ex-presidenta Dilma foi severamente criticada por todos os meios de comunicação ao tentar indicar Lula para ministro da Casa Civil e, como assim apontavam os veículos, presenteá-lo com o direito a foro privilegiado. Para nossa surpresa, o presidente em exercício, Michel Temer, comete o mesmo tipo de procedimento ao conferir a Moreira Franco o status de ministro da Secretaria-Geral da Presidência. O "Angorá" da Odebretch está atolado no lamaçal da Operação Lava Jato e a mídia não emitiu nenhum sinal contrário. Só queria entender o que é o tal do "status de Ministro". É uma titularidade com prerrogativas constitucionais? Ou o parlamentar é ministro ou não, obter o status para o cargo sem exercê-lo me soa como um jabuti em cima da árvore.

Paulo Sérgio Rodrigues Pereira
Rio de Janeiro, RJ

TRAGÉDIAS SEM FIM

Nunca será demais estampar a foto do Sergio Moro cochichando com Aécio Neves. Foto mais que oportuna, reveladora da promiscuidade que assola nossas instituições "republicanas", haja vista a morte do Teori Zavascki, que viajava no avião do amigo milionário, envolvido em processo na Justiça. O autor dessa foto merece receber o prêmio do ano, se bem que, neste caso, a prudência recomenda o anonimato.

Marina Mendes
Belo Horizonte, MG

O SHOW DE TRUMP

Política exaltada e resultados duvidosos. Assim será a gestão Trump, como mostrou Antonio Luiz M. C. Costa, que deve ter sido a única com uma avalanche de protestos na primeira semana. A onda política dos "não políticos" se alastra, especialmente na capital paulista. As fronteiras de São Paulo ainda estão abertas, mas a arte de rua foi a primeira vítima, em um país que vivenciou recentemente os percalços do Ministério da Cultura. Sem crer em numerologia, é instigante que aquele seja o presidente americano número 45.

Adilson Roberto Gonçalves
Campinas, SP

UM TIRO NOS CARCINOIDES

A culpa sempre recai sobre o SUS e o Estado, os convênios sempre estão certos, assim como a população que está acostumada a cuspir no prato que come. Isso sem levar em conta a inadimplência, cada dia maior.

Ibaraki Nelson

ATÉ O FIM DO ESTOQUE

Fosse o Brasil um objeto de consumo, caberia colocar uma placa de SALE, assim mesmo, em inglês, na bandeira nacional. *CartaCapital* nos contempla ao longo da sua edição com a queima de estoque que os estafetas emplumados de Brasília realizam com os bens nacionais. O cardápio é variado. Vai da entrega de blocos do pré-sal, passa pela utilização do BNDES por empresas estrangeiras e atinge as instituições de ensino. Enquanto isso, seis bilionários brasileiros acumulam fortuna equivalente aos ganhos de 100 milhões de indivíduos nascidos no País do Carnaval.

Antonio Mattar
Rio de Janeiro, RJ

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

e-mail: cartas@cartacapital.com.br,
fax: 11 3474-0195, ou para a Al. Santos, 1.800,
7º andar, CEP 01418-200, São Paulo, SP.

•

Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Nirlando Beirão
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITOR ESPECIAL: Mauricio Dias
EDITORES: Antonio Luiz Monteiro Coelho da Costa e Carlos Drummond
REPÓRTERES: Miguel Martins. Brasília: André Barrocal e Renan Truffi. Paris: Gianni Carta
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Estella Maris, George B. J. Duque Estrada (Fundador), Mariana Ochs (Projeto Original)
DESIGNER: Milena Branco
FOTOGRAFIA: Wanezza Soares (Produtora Editorial)
REVISORES: Ali Onaissi (Coordenação) e Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Antonio Delfim Netto, Carlos Leonam, Claudio Bernabucci (Roma), Drauzio Varella, Eduardo Graça, Eduardo Nunomura, Gabriel Galípolo, José Genulino Moura Ribeiro, Jotabê Medeiros, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Marcio Alemão, Marcos Coimbra, Oliviero Pluviano, Pedro Alexandre Sanches, René Ruschel, Riad Younes, Roberto Rockmann, Rogério Tuma, Rodrigo Casarin, Thomaz Wood Jr. e Wálter Fanganiello Maierovitch
FOTÓGRAFOS COLABORADORES: Anna Carolina Negri, Carol Carquejeiro, Greg Salibian e Sergio Amaral
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão e Venes Caitano
ASSISTENTE ADMINISTRATIVO: Ingrid Sabino

CARTA ON-LINE
EDITOR-GERAL: José Antonio Lima
EDITOR EXECUTIVO: Rodrigo Martins
EDITORA ASSISTENTE: Tory Oliveira
EDITOR DE VÍDEO: Tadeu Amaral
EDITORA DE MÍDIAS SOCIAIS: Claudia Belfort
REPÓRTERES: Débora Melo, Gabriel Bonis e Thais Paiva
ANALISTA DE MÍDIAS SOCIAIS: Vitório Tomaz
ESTAGIÁRIOS: Felipe Campos de Mello, Ingrid Yurie Paes Matuoka e Victoria Martins Damasceno
INOVAÇÃO DIGITAL: Adriana Corradi (Diretora) e Daniela Neiva (Editora)
DESIGNERS: Lidiane Siqueira e Regina de Assis
SITE: www.cartacapital.com.br

EDITORA CONFIANÇA
EDITORA CONFIANÇA LTDA. Alameda Santos, 1.800, 7º andar
CEP 01418-200, São Paulo, SPTelefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR EXECUTIVO: Sergio Lirio
DIRETORA DE PUBLICIDADE: Simone Puglisi
ASSISTENTE DE PUBLICIDADE E COMUNICAÇÃO: Elis Negrão
GERENTE DE MARKETING – RELACIONAMENTO: Ariel Maturana Gajardo Meisen
COORDENADORA DE MARKETING: Daniela Mancuso
ASSISTENTE DE ADMINISTRATIVO: Claudinéia da Cruz
E-MAIL: COMERCIAL@CARTACAPITAL.COM.BR
REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Ênio Santiago/Fernando Silva, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br, fernando@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
BRASÍLIA (DF): Vertmídia, (61) 3711-2112, Solange Tavares, solangetavares@vertmidia.com.br, Sávio Otaviano, savio@vertmidia.com.br
ESPÍRITO SANTO: Enio Santiago/enio@gestaodenegocios.com.br Flávio Castro (27) 3389-3452/flavio@gestaodenegocios.com.br
MINAS GERAIS: Marco Aurélio Maia, (31) 31 3047 4947/9983-2987. marcoaureliomaia@marcoaureliomaia.com
SANTA CATARINA: Marcucci&Gondran Associados (48) 333-8497. marcucci.gondran@terra.com.br
PARÁ: Glicia Diocesano, (91) 3242-3367, gliciadiocesano@yahoo.com.br
CE/PB/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
RIO GRANDE DO SUL: Armazém de Mídia, (51) 3061-0208, opec@armazemdemidia.com
PARANÁ: SEC Estratégias, (41) 3019-3717, opec@sec-estrategias.com.br
GO/MT/MS/TO: W Veríssimo Mídia e Comunicação, Walison Veríssimo, (62) 3945 8295, comercial@wverissimocomunicacao.com.br
ANALISTAS DE CIRCULAÇÃO: Bruno Resendes e Gabriela Miranda
DIRETORA-ADMINISTRATIVA/FINANCEIRA: Renata Ribeiro dos Santos
COORDENADOR ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO: Mario Yamanaka
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos e Juliana Torres Corrêa
ANALISTA DE RH: Olga Targa
ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Fone (11) 3463-6555
CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Confiança Ltda. Cartacapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584 De 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316 De 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.
IMPRESSÃO: Plural Industria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: Dinap S/A – Distribuidora Nacional de Publicações, Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, nº 1678, CEP 06045-390 – São Paulo – SP
ASSINANTES: Treelog S.A. Logística e Distribuição.

Impresso na PLURAL com tinta ecológica resultante de uma combinação de matérias-primas renováveis que causam menos impacto ao meio-ambiente.

CENTRAL DE ATENDIMENTO
Assinaturas, sugestões e reclamações
São Paulo: (11) 3512-9486/ **Rio de Janeiro:** (21) 4062-7183/
Belo Horizonte: (31) 4062-7183/ **Distrito Federal:** (61) 4063-7183
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados
Fale Conosco www.assinantecartacapital.com.br
Edições anteriores avulsas@cartacapital.com.br
Trabalhe conosco trabalheconosco@cartacapital.com.br

Ilha do medo

Em Vitória, capital do Espírito Santo, a greve da PM alimenta a histeria coletiva

POR ROBERTO LEMOS

As panelas, recolhidas a seus antigos afazeres após o *impeachment* de Dilma Rousseff, voltaram a ressoar em Vitória, capital do Espírito Santo. Estavam nas mãos de meia dúzia de mulheres, mães e filhas de policiais militares, que formavam uma frágil, mas até o momento intransponível barreira na porta do quartel, no bairro de Maruípe. E saíram das cozinhas para as sacadas dos autoproclamados homens e mulheres de bem, em um misto de protesto contra a greve mal disfarçada da PM e apoio ao desfile dos soldados do Exército deslocados para o patrulhamento das ruas que os agentes públicos aquartelados foram "proibidos" pelas famílias de realizar.

Panelas contra panelas. Civis contra civis. Boatos contra fatos. Ilha de 355 mil habitantes, Vitória tornou-se um experimento psicossocial a céu aberto, potencializado pelas redes sociais. A histeria coletiva começou a se manifestar no sábado 4 e explodiu três dias depois.

Até a quinta-feira 9, era este o saldo: mais de cem assassinatos, dezenas de saques, incontáveis assaltos, depredações e terror gratuito. Lojas, supermercados e repartições públicas cerraram as portas. Escolas suspenderam as aulas. Moradores estocaram comida, como se o planeta estivesse à beira de uma terceira guerra mundial. "Faroeste capixaba", estampou o jornal *A Gazeta*. Ladrões roubavam ladrões. Literalmente, como mostra um vídeo no qual dois homens em uma motocicleta furtam a televisão de um senhor que acabava de sair de um saque a uma loja. De nada adiantou a chegada das tropas do Exército e do reforço da Guarda Nacional, em número bem inferior ao efetivo da PM estadual.

A boataria surfou na onda da violência real e da desinformação. Em um áudio distribuído pelas redes sociais, um suposto integrante do Le Coq, famoso grupo de extermínio capixaba, prometia uma guerra santa contra os "bandidos", uma noite de selvagerias e sangue. Em outro, uma suposta jornalista de tevê garantia: a situação seria muito pior do que aquela admitida pelas autoridades. "Só hoje encontraram um corpo perto da Terceira Ponte, outro em Cariacica, mais um na Serra", descrevia, ao elencar áreas da região metropolitana de Vitória. "Fiquem em casa. Não saiam." Por pouco pedestres não entraram em conflito com familiares dos PMs na porta do quartel, sob olhares atentos dos grevistas.

Alexandre Curtiss, professor da Universidade Federal do Espírito Santo, tem registrado de forma crítica, em sua página no Facebook, o avanço galopante do pânico. "A violência, obviamente, não se justifica, mas o sentimento coletivo me leva a enxergar uma certa fascistização", afirma. "Em momentos como este, mais gente se mostra disposta a aceitar uma mão forte, militar, como solução. Daí o panelaço de boas-vindas ao Exército. Reforça-se a tese do prende e arrebenta. E quem é o inimigo? No fundo, aflora o ódio

A violência e o caos resultam da celebrada austeridade fiscal do governo Hartung

Terra de ninguém. Familiares dos PMs reclamam dos baixos salários. As tropas do Exército não conseguem conter o tumulto: saques, depredações e 87 mortos em cinco dias. "Chantagem", acusa o governador. E pede paciência

ao Brasil, na sua expressão mais pura: pardos, sujos e feios."

A greve da PM (perdão, o protesto das mulheres dos soldados) irrompeu em um momento de acefalia no comando do governo estadual. No sábado 4, enquanto os policiais se aquartelavam, o governador Paulo Hartung enfrentava, em São Paulo, uma cirurgia para a retirada de um tumor. Convalescente, Hartung retornou ao Espírito Santo na quarta-feira 8 e concedeu uma entrevista coletiva, na qual confrontava os grevistas. "O caminho é errado. Chantagem. É como sequestrar e cobrar resgaste. Não vou ceder a nenhuma chantagem."

Visivelmente debilitado, Hartung repetiu algumas vezes um bordão que fez dele uma celebridade entre os economistas ortodoxos e estrela de reportagens dos jornais paulistas, mas explica em grande medida o descontrole nas ruas do Espírito Santo: "Temos de cumprir a lei de responsabilidade fiscal".

A austeridade do governo Hartung tem sido celebrada de norte a sul. Como de costume, produziu-se um "equilíbrio" fiscal à custa de cortes brutais nos investimentos públicos. Programas de reaparelhamento das forças de segurança foram praticamente pulverizados. Um policial contou a *CartaCapital* que existe uma cota de gasolina para as viaturas. "Tenho de ficar parado três ou quatro horas, para não gastar combustível. Se a gente gastar além da cota, sofre sanção disciplinar." Há sete anos, o reajuste dos salários dos policiais tem ficado abaixo da inflação. O Espírito Santo registra um dos mais baixos vencimentos para a categoria no País: piso de 2,6 mil reais contra a média de 3,9 mil.

Antes de voltar ao repouso e devolver o comando a César Colnago, vice-governador, Hartung pediu um dose de sacrifício aos grevistas. Segundo o governador, em algum momento o Brasil voltará a crescer e será possível contemplar as demandas corporativas. Por enquanto, os PMs precisam cumprir a Constituição. "Paciência", conclamou o mandatário. Nas ruas e nos quartéis capixabas, a paciência foi, porém, uma das primeiras vítimas do caos. Só o governador Hartung não percebeu. •

VINICIUS MORAES/AFP E GABRIEL LORDELLO/MOSAICO IMAGEM/AGÊNCIA O GLOBO E FRED LOUREIRO/SECOM-ES

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS

"Alexandre de Moraes tem todos os predicados para compor o STF"
(De Gilmar Mendes em livre e espontânea articulação)

O risco Gilmar Mendes

▶ O ministro que impediu a posse de Lula na Casa Civil de Dilma avança inexoravelmente para tornar-se maior do que o próprio Supremo

Gilmar Mendes deixou o Supremo Tribunal Federal em palpos de aranha ou, traduzindo em gíria talvez ainda moderna, meteu a Corte numa fria. Embora esta não seja a primeira vez, a situação de agora traz mais incômodo e caberá a Celso de Mello, decano da Corte, encontrar uma saída para ela.

Mello vai julgar a nomeação de Moreira Franco para a Secretaria-Geral da Presidência. Encalacrado nas denúncias da Lava Jato, Moreira foi blindado por Michel Temer com o status de ministro e, assim, ganhou julgamento em foro privilegiado.

Em 2016, Mendes tomou a decisão de atender a mandados de segurança, apresentados pelo PPS e PSDB, contra a nomeação do ex-presidente Lula para chefiar a Casa Civil no governo Dilma. Suspendeu a nomeação, em caráter liminar, a pedido desses dois partidos de oposição. Em seguida, pediu vista. Posteriormente, ele afirmaria: "O objetivo da falsidade é claro: impedir o cumprimento de ordem de prisão de juiz de primeira instância".

Naquele momento, Lula não era réu nem havia sido condenado em qualquer ação penal. Não havia impedimento jurídico para o ex-presidente ser nomeado.

O ministro Celso de Mello, de qualquer forma, está diante do seguinte problema: a bem da equidade com a decisão anterior terá de cometer a mesma ilegalidade cometida por Gilmar. Caso contrário, mantendo a nomeação de Moreira Franco, vai expor os erros de Mendes e a forma que usou para atropelar a Constituição. A decisão de Gilmar foi uma brutal interferência do Judiciário nas ações do Poder Executivo. Além de tudo, como anotaram os advogados do ex-presidente, o ministro do Supremo "ofendeu a prerrogativa constitucional" dos presidentes de poder nomear os ministros.

Recentemente, os advogados de Lula voltaram à carga. Encaminharam ao STF um pedido para o plenário da Corte corrigir o "erro histórico" provocado por Gilmar Mendes contra Lula.

Gilmar tem visitado Temer com uma frequência surpreendente. Nem sempre sob os olhos do povo. Isso pode torná-lo o ausente mais presente nas atividades políticas do governo.

A comprovação das reuniões entre o Judiciário e o Executivo está no encontro ocorrido no Palácio do Jaburu, no fim de janeiro. Até se tornar uma versão acreditável, e talvez isso nunca aconteça, a curiosidade tornará inevitável voltar a especular sobre a pauta daquele encontro entre Michel Temer, Gilmar Mendes e Moreira Franco.

No calor do fim do mês de janeiro, à sombra de uma árvore do Cerrado, de que falavam? Sobre quem falavam? Ou, quem sabe, o que tramavam? Alguma articulação para frear a Lava jato?

A presença de Mendes, que, no momento, acumula a presidência do Tribunal Superior Eleitoral, favorecia várias versões. A mais branda delas seria a busca de informações sobre nomes capazes de suprir a ausência de Teori Zavascki, morto dias antes em acidente aéreo. Não deu outra. Em novo encontro com Temer, o ministro Gilmar avalizou a indicação de Alexandre de Moraes para recompor o número de 11 juízes do STF.

Se puder, Gilmar Mendes, de grão em grão, tornará o Supremo Tribunal Federal menor do que ele próprio. •

Celso de Mello, caso negue posse a Moreira Franco, cometerá a mesma ilegalidade do colega Gilmar

"Botafogo" e "Índio" entendem-se à perfeição

Sintonia fina I

Rodrigo Maia, na primeira entrevista como presidente da Câmara, deixou as coisas politicamente claras.

A pauta será francamente reacionária.

E sinaliza para os 400 deputados da base governista: "A maioria será atendida".

Definição nesse mesmo caminho fez o presidente do Senado, Eunício Oliveira.

Mordeu a jugular dos que esperavam por freio no abuso de poder.

"É importante, mas não é tão urgente."

Sintonia fina II

Maia e Eunício estão sintonizados inclusive no contencioso da Lava Jato. Os delatores de ambos, ex-diretores da OAS e da Odebrecht, já falaram demais.

Amarelou

Michel Temer não pôs o pé em Minas Gerais para prestar solidariedade às famílias das vítimas da febre amarela.

O número de mortos já ultrapassa 60 pessoas.

Para ir a Minas seria preciso que ele se vacinasse, dando bom exemplo aos moradores das áreas afetadas.

Temer não reagiu à espetada da agulha. Fugiu, sim, de um estado com mais de 20 milhões de habitantes governado pelo petista Fernando Pimentel.

Decisões como a de Temer servem aos interesses políticos do tucano mineiro Aécio Neves.

Michel Trump

Eis uma visão recente do Brasil pelo olho cego do *Washington Post*:

"Em um grande país multiétnico construído por imigrantes e escravos, um líder masculino branco septuagenário está montando uma reação direitista depois de uma era de governo esquerdista... Seu sobrenome de cinco letras começa com um 'T'. Mas é Temer e não Trump".

No relato americano, a história passa ao largo do golpe.

Temer não é um "populista como Trump".

Trump, naquilo que entende como interesse da sociedade americana é, de longe, melhor.

O Brasil, segundo o jornal, estaria "à espera de um populista".

Populismo, para o jornal, é uma referência medrosa, preocupada com a eleição de 2018. O "populista" Lula, fator preponderante do processo eleitoral, não é mencionado.

O *Post* também teme que o operário volte ao poder.

O "xis" do problema

É uma farsa política, tramada no Planalto, botar a reação à indicação do tucano Alexandre de Moraes para o STF na conta do fator partidário.

Na história do Supremo há nomes expressivos partidariamente à esquerda, como Evandro Lins e Silva (PSB), e à direita, como Aliomar Baleeiro (UDN).

É fácil buscar exemplo. Difícil é fazer comparação.

Na mosca

Bandeira de Mello, integrante de um seleto grupo de juristas brasileiros, ao tomar conhecimento dos desatinos postados por internautas sobre a morte da ex-primeira-dama Marisa Letícia, desabafou: "A classe média alta é constituída por uma escória, uma ralé".

mauriciodias@cartacapital.com.br

ROSINEI COUTINHO/STF, MARCELO CAMARGO/ABR E EDILSON RODRIGUES/AG. SENADO

Mino Carta

O papel de Lula

▶ Só o ex-presidente pode acordar o povo e encontrar a saída do beco cego em que o golpe nos atirou

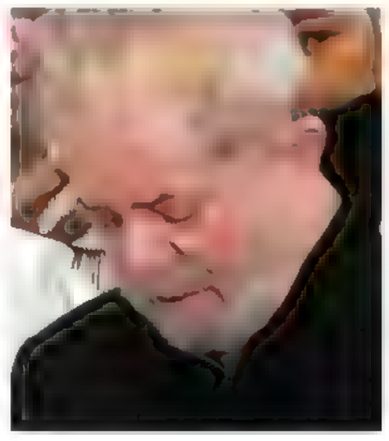
Do velório de Marisa, mulher e companheira de Lula, saí entristecido e amargurado, e ainda ecoam na minha memória as palavras de despedida do ex-presidente no seu discurso da dor extrema e da justa indignação. Ele disse da canalhice, leviandade, imbecilidade, maldade de quem acusa o casal e certamente precipitou a morte de Marisa. Que eu chamo e recordo como Marisa apenas, mesmo porque nunca ouvi Lula chamá-la Letícia.

A ida ao Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema foi um retorno ao passado, quando acompanhei de muito perto as greves de 1978, 79 e 80. Lá estavam os fiéis de Lula naquela luta de resistência à ditadura e na transformação do peleguismo em um sindicalismo digno da realidade do Brasil e destemido a ponto de desafiar a prepotência. E encontrei também, prontos ao abraço, muitos jovens, moças e moços esperançosos, a confiarem no futuro. No meio do povo que fez filas intermináveis nas calçadas imaginei muitos e muitas que há quase 40 anos lotaram o gramado da Vila Euclides em comício permanente.

A morte de Marisa e as reações que suscita na chamada classe média são mais uma prova da medievalidade deste país da casa-grande e da senzala, assolado pela ferocidade do ódio de classe, pela ignorância, pela irresponsabilidade, pela violência dos senhores. Sou jornalista, e de jornalistas se pretendem, em teoria, visões quase frias de tão pacatas. Pois em relação aos golpistas sinto profunda repulsa, e aqui fala o cidadão antes do jornalista.

Nunca me filiei ao PT, mas saudei o seu nascimento, na certeza de que o Brasil precisa de um forte partido de esquerda. Quando do fracasso do *Jornal da República*, que diariamente abria uma página para a análise de questões do trabalho e um artigo assinado por representante da jovem leva de sindicalistas surgida na esteira de Lula, a dívida acumulada pelo jornal foi paga com a venda de *IstoÉ* a Fernando Moreira Salles.

Fiquei na direção da revista mais um ano. O jovem filho do famoso banqueiro me despediu por três razões, e uma delas era minha simpatia por Lula e o PT, enquanto ele pretendia aproximar-se do PMDB. Mais atento, talvez, ao desenrolar dos eventos, o chefe da Casa Civil do ditador João Figueiredo, Golbery do Couto e Silva, perguntou-me mais de uma vez a respeito de Lula. Mais tarde, ao ficar preso no Dops aos generosos cuidados do delegado Romeu Tuma, Lula recebeu por duas vezes cavalheiros engravatados dispostos a conversar amavelmente a respeito das suas visões da vida, do mundo e das coisas da política.



[redacted] que Lula não ficará no discurso da dor extrema

Apresentavam-se como enviados do "cacique" e o próprio Lula me contou a história sem entender de quem se tratasse. Romeu Tuma, já senador, me esclareceu anos atrás: "cacique" era Golbery. O ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema se tornara então presidente da República. E, como primeiro mandatário, equilibrou-se entre o cravo e a ferradura para comandar o melhor governo brasileiro de todos os tempos, conforme é do conhecimento até do mundo mineral.

Como amigo leal e sincero, entendo que Lula falhou ao se cercar de figuras como Zé Dirceu e Palocci, para citar os mais vistosos. O PT, que na oposição cumpriu dignamente o seu papel, no poder agiu igual aos demais falsos partidos nativos. O PT não é vítima dos Torquemadas da República de Curitiba, e sim de si mesmo, a facilitar decisivamente manobras e ardis da casa-grande.

Excepcional negociador, Lula várias vezes foi leniente demais com seus adversários, para não dizer inimigos. Ele transcende, porém, o destino do PT, tal a força da sua liderança. De nada adianta argumentar em contrário, quem sabe ao alegar razões científicas: as urnas o levariam inexoravelmente de volta ao poder. E não há outro motivo para a disposição de condená-lo por aquilo que não fez, prova mais clamorosa da absoluta ausência de justiça no Brasil do golpe. Bom sublinhar que, diante da ameaça, prestes talvez a ser realizada, Lula mantém a serenidade que já o vi exibir em inúmeras outras ocasiões de risco.

Só haverá saída do beco cego em que nos atirou o golpe de 2016, se o povo, vítima de um poder imperial que livremente age a seu talante empenhado apenas em ampliar seus próprios alcances, não sair à rua. E somente Lula pode acordá-lo. Em abril de 2015, imaginei que o ex-presidente se dispusesse a um périplo de pronunciamentos em praça pública Brasil afora, para denunciar a manobra e antecipar seu desfecho. Tenho certeza de, ao agir desta forma, Lula obrigaria os golpistas ao recuo, assim como se daria se já então assumisse a chefia da Casa Civil de Dilma Rousseff. Quero crer que agora não ficará no discurso da dor extrema. •

NACHO DOCE/REUTERS/ZUMA PRESS/FOTOARENA

Joesley Batista bloqueado

O Ministério Público Federal pediu o bloqueio de 3,8 bilhões de reais de Joesley Batista, principal acionista da J&F, holding que controla a Friboi. A Procuradoria acusa Batista de descumprir um acordo assinado em 2016 de indenização dos fundos de pensão Petros (da Petrobras) e Funcef (da Caixa Econômica Federal), acionistas minoritários da Eldorado Celulose, uma das empresas do grupo. Os bens de José Carlos Grubisich, presidente da Eldorado, também devem ser bloqueados, pede o MP. Batista classificou de "estapafúrdias" as denúncias.

DANIELE RODRIGUES/GOVBA E ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

Preconceito em uma festa negra

Salvador/

Racismo no dia de Iemanjá

Três negras são expulsas de festa em loja de decoração por "destoarem" dos convidados

Um caso de racismo em Salvador, cidade com a maior população negra fora da África, turvou as festividades em homenagem a Iemanjá, realizadas tradicionalmente no bairro de Rio Vermelho, em 2 de fevereiro.

O episódio envolveu três mulheres negras e aconteceu durante a festa Odoyá Sobre o Mar, realizada na loja de decorações Nino Decor, um sobrado de três andares com vista para o mar. Segundo testemunhas, elas foram expulsas pelo dono do espaço, o empresário Nino Nogueira, por "destoarem" dos demais convidados do evento vip.

O administrador Harley Henriques, que testemunhou o ocorrido, conta que duas senhoras e uma jovem de 18 anos foram abordadas pelo proprietário, causando constrangimento público e intimidação. As mulheres eram convidadas do produtor cultural Moacyr Villas Boas, que tinha ingressos de cortesia pelo serviço de assessoria prestado à festa. Além de reprovar publicamente a presença das mulheres, informa Henriques, Nogueira teria dito a ele para "deixar a empregada em casa".

Procurado pela reportagem, Nogueira negou a acusação de racismo e alegou que as mulheres não estavam na lista de convidados. "Elas não foram barradas na entrada, pela lista, mas sim pelo dono da festa", rebate Villas Boas. "Foi uma junção de preconceito racial e social." O caso foi registrado em Boletim de Ocorrência. Recusar ou impedir o acesso a estabelecimento comercial por motivos de preconceito de raça, cor, etnia ou religião é crime, com reclusão prevista de um a três anos.

Pá de cal no Minha Casa Minha Vida

O governo Temer anunciou as medidas como se fossem uma retomada do projeto habitacional "Minha Casa Minha Vida", criado nos mandatos petistas. Os movimentos populares de moradia refutam, porém, essa versão. As mudanças, acusam, acabaram com o cunho social do MCMV, convertido em mais um programa de crédito imobiliário. "Foi uma pá de cal", afirma Guilherme Boulos, coordenador do MTST. Assista às críticas de Boulos às medidas em www.cartacapital.com.br

O governador e o vice cometeram abuso do poder econômico, segundo os desembargadores

Rio de Janeiro/ Governo cassado

Pezão e Dornelles devem perder os cargos, decide Tribunal Regional Eleitoral

O Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro cassou os mandatos do governador Luiz Fernando Pezão, filiado ao PMDB, e do vice Francisco Dornelles, do PP. A dupla continua, porém, a exercer o poder até uma decisão definitiva do TSE. Caso Brasília acolha a posição do TRE, os dois serão imediatamente afastados dos cargos e ficarão inelegíveis por oito anos.

Pezão e Dornelles cometeram, segundo o tribunal fluminense, abuso de poder econômico e político durante a campanha à reeleição de 2014. O governo teria concedido benefícios a empresas que, em seguida, teriam contribuído para o caixa eleitoral da chapa. "Contratos milionários foram celebrados em troca de doação", destacou em seu voto o desembargador Marco Couto. O TRE determinou ainda a realização de novas eleições.

O governador e o vice têm até três dias após a publicação do acórdão da decisão para recorrer ao TSE. Pezão é afilhado político do ex-governador Sérgio Cabral, preso pela força-tarefa da Operação Lava Jato.

Vaticano/ NAS SOMBRAS DA CONTRARREFORMA

FACÇÕES REACIONÁRIAS CALUNIAM O PAPA FRANCISCO

Campanha ardilosa nos muros de Roma

Cartazes de um papa carrancudo apareceram nos muros de Roma para acusá-lo de ter afastado do seu caminho as facções mais reacionárias da Igreja Católica. É o último lance de uma campanha que vem de longe e que reúne desde o cardeal Gerhard Muller, herdeiro de Ratzinger como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, até os derrotados da Cúria Romana. Todas as decisões e orientações de Francisco destinadas a atualizar a Igreja são contestadas, entre elas, asperamente, aquela que dá acesso dos divorciados à Comunhão, gesto de misericórdia segundo o papa e imperdoável ofensa à regra pela qual o homem não pode separar o que Deus uniu, segundo os tradicionalistas. Os adversários de Bergoglio pretendem interpretar literalmente os textos do Antigo e do Novo Testamento, sem exclusão das alegorias e metáforas bíblicas. A hipocrisia que caracterizou os comportamentos da Igreja Romana em diversos momentos da sua história, desde quando se tornou poder temporal e se instalou como a mais duradoura monarquia por direito divino, não é novidade. À campanha contra Francisco adere, obviamente, a extrema-direita política, na primeira linha a Liga Norte. Parece claro, de todo modo, que o papa não arreda pé. Prega contra a calúnia como pecado humano e vai em frente. Os cartazes foram removidos.

FÁBIO MOTTA/ESTADÃO CONTEÚDO, RODRIGO BUENDIA/AFP, HAZEM BADER/AFP E MAX ROSS /REUTERS/ZUMA PRESS/FOTOARENA

Equador/ Teste bolivariano

Um Lenin chegará mais perto do poder ou uma revolução ao seu fim

Ao contrário de outros bolivarianos, Rafael Correa teve o bom senso de não buscar a reeleição indefinida. Abriu caminho ao ex-vice Lenín Moreno, à cabeça de seu partido Alianza PAIS e de uma frente de 17 partidos de esquerda, para sucedê-lo. Indecisos à parte, Moreno tem de 28% a 35% das intenções de voto e o segundo lugar é disputado entre o banqueiro Guillermo Lasso, do movimento "Criando Oportunidades", com 16% a 22%, e a jornalista Cynthia Viteri, do Partido Social Cristão, com 14% a 18%. Paco Montayo, oposição de esquerda, está em quarto lugar com 7% a 12% e nenhum dos demais chega a 5%.

Lasso traz um discurso neoliberal e promete baixar impostos e expulsar Julian Assange da embaixada em Londres, enquanto Viteri apresenta uma agenda conservadora tradicional. A vitória no primeiro turno, dia 19 de fevereiro, exige 40% dos votos e mais de 10% de diferença ante o segundo colocado, mas será provavelmente o segundo turno, em 2 de abril, que decidirá a continuação ou não do ciclo progressista.

Pirro no Iêmen

Donald Trump quis mostrar apoio ao Pentágono ao autorizar uma ação no Iêmen contra um líder local da Al-Qaeda que fora vetada há meses por Obama. Liquidaram um punhado de militantes, perderam um soldado e um convertiplano e, apesar das negativas iniciais, mataram pelo menos oito mulheres e sete crianças, inclusive uma menina de 8 anos com cidadania estadunidense. O vídeo encontrado no local, alardeado como uma descoberta vital para a inteligência, era material de propaganda divulgado há anos pela própria Al-Qaeda. Trump insiste em cantar vitória, mas fez os EUA voltarem a aparecer como assassinos indiscriminados de inocentes. O governo reconhecido do Iêmen, apesar da guerra civil, dispensou sua ajuda e proibiu novas incursões de tropas terrestres estadunidenses no país.

Israel / QUEIMANDO A LARGADA

TEL-AVIV IRRITOU A CASA BRANCA AO AVANÇAR SOBRE OS PALESTINOS

Mesmo Trump não garante apoio irrestrito aos colonos

Benjamin Netanyahu perdeu o controle de seus radicais. Certa de contar com carta branca da Casa idem, a ultradireita, animada pelo ministro da Educação, Naftali Bennett, aprovou 4 mil novas residências para judeus na Cisjordânia ocupada, iniciou um debate parlamentar sobre a anexação formal do território e legalizou o roubo de propriedades privadas palestinas por colonos rebeldes, em desafio aberto à lei internacional e às críticas da ONU, União Europeia e Reino Unido.

Os extremistas pensaram ter ganhado uma carta branca com a eleição de Donald Trump. Na quinta-feira 2 foram, porém, surpreendidos por sua advertência para cessar "ações unilaterais que prejudiquem o processo de paz". Seu apoio não será tão incondicional quanto quiseram crer. Terá um preço. Netanyahu, que esperava que seu encontro com Trump no dia 15 seria apenas para confirmar a mudança da embaixada dos EUA para Jerusalém e planejar uma guerra com o Irã, prepara-se para uma negociação mais complicada.

SOLUÇÃO MICHEL

AO ESCOLHER PARA O STF SEU MINISTRO DA JUSTIÇA TUCANO, TEMER DISPARA A ENGRENAGEM PARA SALVAR A PELE DOS ALIADOS E A PRÓPRIA. MAS JANOT AINDA INCOMODA...

por ANDRÉ BARROCAL

Na sexta-feira 3, o chefe do Ministério Público, Rodrigo Janot, foi pela primeira vez ao gabinete do novo juiz da Operação Lava Jato em Brasília, Edson Fachin, e no mesmo dia assinou um pedido de investigação contra três figurões da República, o ex-presidente José Sarney e os senadores Renan Calheiros e Romero Jucá, todos do PMDB de Michel Temer. Com base em conversas gravadas no início de 2016 por um amigo deles, Sérgio Machado, hoje delator, Janot crê que o trio conspirou contra a Lava Jato, numa trama que dependia da ascensão de Temer ao poder, por meio do *impeachment,* e da entrada do PSDB no governo. O "xerife" já investira pesadamente contra os três peemedebistas em maio passado, mas sem sucesso, ao requerer a prisão deles, negada pelo falecido Teori Zavascki. Por que voltou ao tema oito meses depois, ainda que de forma bem mais branda?

Este senhor é altamente qualificado para buscar a salvação dos figurões

Fácil entender. A "solução Michel", definição de Machado para o plano, está a todo vapor, por obra do presidente, do PMDB e dos tucanos. A insólita opção de Temer pelo rude ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, para uma vaga no Supremo Tribunal Federal é sinal sem rodeios da disposição de Brasília de "estancar a sangria" da Lava Jato. Dizia Jucá a Machado, a solução era "com o Supremo, com tudo". Embora tenha assinado o pedido de abertura de investigação três dias antes, quando já corriam especulações nos bastidores sobre o escolhido para o STF, Janot divulgou-o assim que o porta-voz do Palácio do Planalto, Alexandre Parola, oficializou a indicação, no início da noite da segunda-feira 6. Prova de que o procurador-geral também faz seus cálculos políticos.

Ungido por Michel Temer, tucano de

ALAN MARQUES/FOLHAPRESS, WALDEMIR BARRETO/AG. SENADO E ANDRESSA ANHO. FTF/AFP

Meses depois, Janot volta a atacar e pede investigação contra Sarney, Calheiros e Jucá

carteirinha rasgada há pouco, Moraes se juntará no STF, se aprovado pelo Senado, a um tucano sem crachá, Gilmar Mendes, na busca de salvações jurídicas para figurões. De quebra, sua designação liberou Temer para namorar a ideia de nomear para a Justiça um advogado criminalista crítico da força-tarefa de Curitiba, Antônio Cláudio Mariz de Oliveira, secretário de Justiça do Estado de São Paulo nos anos 1980. Amigo de Temer, Mariz é contra o uso de delações, sobretudo se arrancadas de gente presa. Para a força-tarefa, prisões e delações são o sustentáculo da operação.

Horas antes da designação de Moraes, o procurador da República Deltan Dallagnol, chefe da força-tarefa, pregava pelo Facebook que havia risco à Lava Jato por trás do escolhido para herdar a toga de Zavascki, fosse quem fosse. Motivo: a possibilidade de o STF voltar atrás na autorização à prisão definitiva de condenados em segunda instância, antes de decisão sobre recursos à terceira e à última instância. O aval passou apertado, 6 votos a 5, e Zavascki era a favor. E se houver uma reviravolta, com o brutamontes Moraes a votar, por dívida política, pela soltura dos presos? "Se a perspectiva é de impunidade, o réu não tem interesse na colaboração premiada", chiou Dallagnol. A propósito, ele é outro truculento. Em um livro de 2015, defende não ser necessário ter provas para condenar, só forte convicção.

O caso Moraes é lance reluzente da "solução Michel", mas não o único. A nomeação do tucano Antonio Imbassahy para a articulação política do Planalto reforça o concubinato PMDB-PSDB. Na Câmara, discutem-se às escondidas leis para anistiar partido dono de conta reprovada ou inexistente e criar penas mais brandas contra políticos pegos com caixa 2. Ao surgirem pistas das negociações, a Polícia Federal vazou à mídia, claro contra-ataque, um relatório contra o presidente da Câmara. Segundo a PF, Rodrigo Maia, do DEM, recebeu 1 milhão de reais na campanha de 2014 da OAS, por ter defendido os interesses da empreiteira. Em outras palavras, propina disfarçada de doação.

No Senado, os peemedebistas da "solução Michel" montaram um verdadeiro *bunker*. O líder da bancada, a maior da Casa, é Renan Calheiros, senador campeão de processos no STF. A comissão encarregada de sabatinar indicados para o cargo de Janot, a CCJ, tem à frente o maranhense Edison Lobão, laranja de luxo de Sarney.

O mandato do "xerife" vence em setembro, e ele flerta com a ideia de permanecer. A julgar pelas garras do PMDB do Senado, Janot que se prepare para o inferno. Mas o procurador-geral tem lá suas cartas. Principal: delações da Odebrecht. Na terça-feira 7, seu chefe de gabinete, Eduardo Pelella, recebeu senadores da oposição e comentou que certas delações terão pedido de quebra do sigilo, como quer Temer, mas outras não. Uma forma de deixar os investigados no escuro.

A CCJ também é um filtro das indicações ao STF. Dá para imaginar os compromissos que o PMDB cobrará de Moraes em troca da chancela. Aliás, Moraes tem uma dívida antiga com Calheiros e companhia. Em 2005, foi designado pela Câmara ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ), então recém-criado para vigiar o Judiciário. Naufragou no Senado, por falta de votação mínima. Foi salvo graças a uma manobra abençoada por Calheiros, na época presidente da Casa. O alagoano topou colocar o nome de Moraes de novo em pauta, e aí ele foi aprovado.

Na época, Moraes era secretário da Justiça do governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Até hoje é ligadíssimo ao tucano, o "santo" na lista de alcunhas da Odebrecht. Ao assumir o cargo em Brasília, era secretário de Segurança Pública. Chegara a ser cotado para concorrer pelo PSDB à prefeitura paulistana na eleição de 2016 e era lembrado para a sucessão estadual em 2018. Filiado ao partido em dezembro de 2015, acaba de pedir desligamento.

No PMDB, há quem aponte Alckmin como o vitorioso com a indicação de Moraes. Se chegar ao STF, o advogado ficará até 2043, aliado garantido do tucano por décadas. E olha que os planos do "santo" de morar em Brasília são imediatos, embora ele ainda tenha de derrotar Aécio Neves e José Serra para ser o presidenciável em 2018. Segundo um parlamentar peemedebista, ex-ministro, já há conversas com setores do PSDB para formar uma chapa com Alckmin à frente e o PMDB de vice. É por essas e outras que um ministro do STF comentou outro dia, a propósito do Brasil pós-*impeachment*: "O poder voltou a São Paulo".

Nem todo tucano é feliz, Serra por exemplo. O novo secretário de Assuntos Estratégicos tem opiniões sobre política exterior opostas àquelas do chanceler

Nem todo tucano paulista parece feliz. Serra, por exemplo. Temer acaba de nomear para a Secretaria de Assuntos Estratégicos, cargo ligado à Presidência, um acadêmico cujas opiniões em política externa fazem dele um anti-Serra, Hussein Kalout, professor de Relações Internacionais. Até o início de fevereiro, era colunista da *Folha*. Escreveu que o Brasil não tem política externa, não tem estratégia para a América do Sul, ponto de partida para qualquer pretensão internacional do País, que estava enfraquecido no continente por comprar brigas ideológicas graças a Serra. Mais, achava que a presença de Serra na chancelaria era ruim para a imagem do Brasil no exterior, devido ao envolvimento na Lava Jato.

Serra anda em situação desconfortável. Um embaixador comentou dia desses que Temer foi genial ao escolher o cargo dado a Serra, por ter deixado o ambicioso tucano amarrado para maquinações políticas. O desprestígio foi notado na visita do presidente da Argentina, Mauricio Macri, a Brasília, na terça-feira 7. Uma visita digna de registros. Nos discursos, Temer pareceu pequeno perto do convidado. Macri falou em reduzir a pobreza, em uma aliança nas Américas dos Estados Unidos para baixo, México incluído, em impulso histórico no Mercosul. Temer patinou na burocracia.

No almoço no Itamaraty, regado a salada de lagostim, bacalhau com broa crocante, batatas ao murro e frutas de sobremesa, Macri aplicou uma pegadinha em Serra, e o ministro nem percebeu. Ex-presidente do Boca Juniors, disse que no Brasil era Palmeiras, o time do chanceler, que bateu palmas. Em seguida, Macri completou: era Palmeiras, pois o time sempre lhe tinha dado alegrias quando viera ao Brasil como presidente do Boca. Em 2000, na gestão Macri, os argentinos derrotaram a equipe de Serra na final da Libertadores.

RICARDO BOTELHO/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP, MÔNICA BERGAMO/FOLHAPRESS E PEDRO FRANÇA/AG. SENADO

Nos discursos, o presidente pareceu pequeno diante do convidado Macri

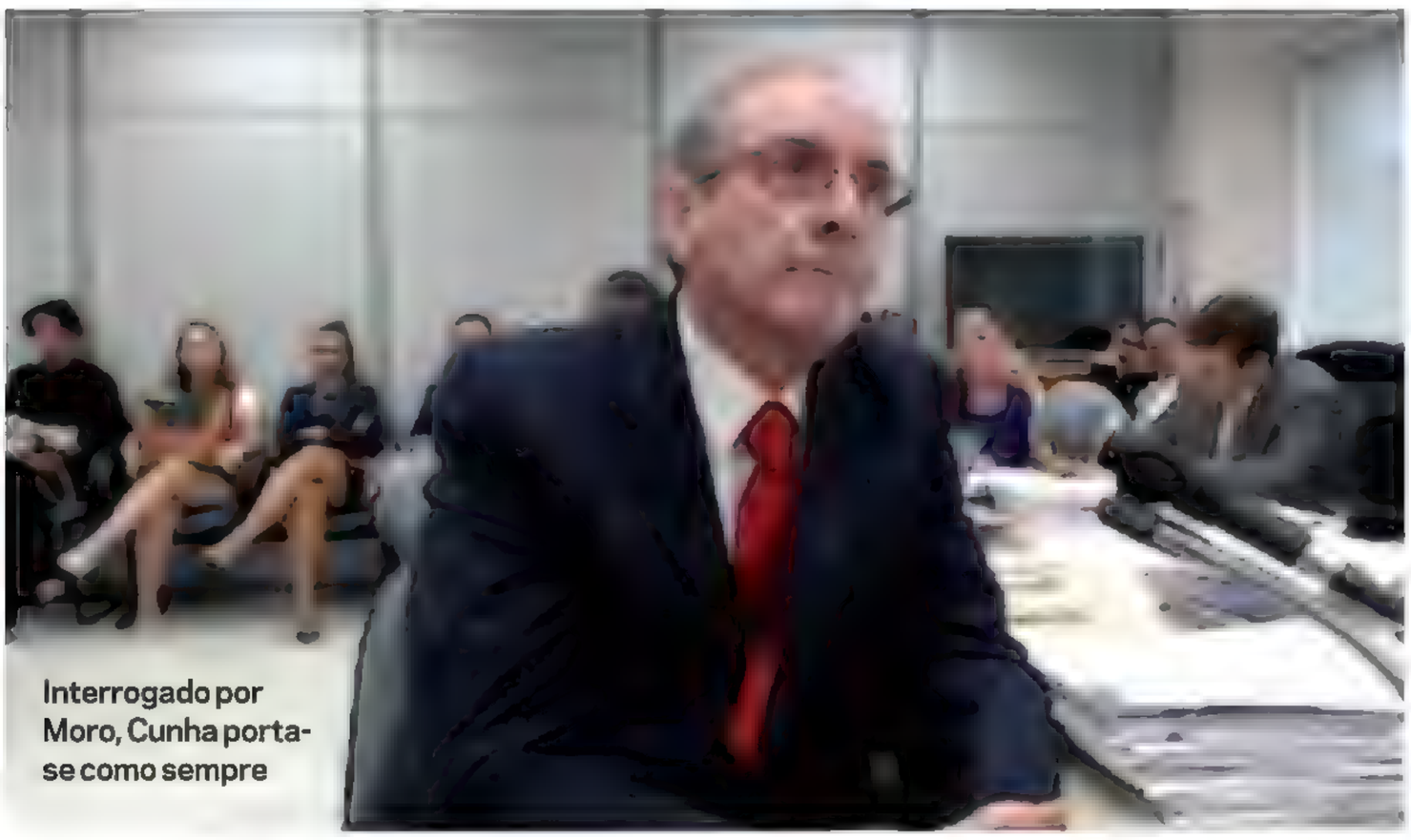
Marcante, a mesa do almoço. Temer citado em delações da Odebrecht. Sarney acusado de conspirar contra a Lava Jato. Serra beneficiário de caixa 2 da Odebrecht na Suíça. O presidente do Senado, Eunício Oliveira, ex-tesoureiro do PMDB, suspeito de arrancar 5 milhões de reais em doações eleitorais de modo não republicano. Macri alvo de um processo judicial na Argentina por lavagem de dinheiro e ocultação de bens em decorrência do escândalo Panamá Papers.

O MP argentino afirma que a lavagem de Macri aconteceu em parte no Brasil. Desde o ano passado, a Justiça de lá tenta obter informações aqui, sem sucesso, como revelou *CartaCapital*. Em documento ao juiz do caso no início de fevereiro, o promotor Federico Delgado diz que as manifestações brasileiras "contêm respostas formais, mas não se enviou documentação relevante. Por exemplo, movimentos bancários". A porta de entrada e saída do Brasil na relação com a Justiça argentina é um órgão do Ministério da Justiça, o DRCI. Desde dezembro o senador Roberto Requião, do PMDB do Paraná, tenta saber, através de requerimento de informação, o que a pasta tem feito sobre o caso, mas em vão. Pouco antes de ser indicado ao STF, Moraes trocara o chefe do DRCI.

Para chegar ao STF, o ex-tucano precisará de aval desse mesmo Senado e, se quiserem dificultar as coisas para ele por lá, motivos não faltam. Na recente crise carcerária, embalada a decapitações, Moraes revelou-se inepto, ao brigar com a constatação óbvia de prisões superlotadas e dominadas por facções criminosas. Incrédulos com a atuação de Moraes, os membros do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária demitiram-se. Criticado até pelas Organizações Globo, esteve a ponto de ser mandado embora por Temer.

O PRESIDENTE ARGENTINO NÃO DESFIGURA DIANTE DOS NOSSOS FIGURÕES: TAMBÉM LAVOU DINHEIRO

Senões intelectuais também há, como acusações de plágio. Moraes é autor do livro *Direitos Humanos Fundamentais*. A obra tem trechos inteiros, reproduzidos sem aspas ou citações, de um livro do constitucionalista espanhol Francisco Rubio Llorente, denunciou pelo Facebook o professor de Direitos Humanos Fernando Gonzaga Jayme, da Universidade Federal de Minas Gerais. Moraes publicou ainda *Direito Constitucional*, um campeão de vendas entre concurseiros. Um promotor aposentado diz ter



Interrogado por Moro, Cunha porta-se como sempre

tido algumas de suas aulas em um tradicional curso paulista para interessados em carreiras jurídicas, o Damázio, apropriadas por Moraes. Receia sofrer retaliações de Moraes, com quem rompeu, caso se queixe publicamente.

Há mais senões intelectuais. Em sua tese de doutorado pela Faculdade de Direito da USP em 2000, sobre tribunais constitucionais, Moraes defendeu a proibição de o presidente indicar ao STF uma pessoa que tivesse sido sua subordinada no governo, pois uma certa gratidão seria inevitável. Como bom tucano, no entanto, Moraes reza pela cartilha de Fernando Henrique Cardoso, a do "esqueçam o que eu escrevi", do contrário recusaria a designação, sonhada por ele desde o desembarque em Brasília.

Gratidão é o que esperam Temer, peemedebistas e tucanos, com o apoio a Moraes para o Supremo, nos processos da Lava Jato. Um sentimento que não é novidade na relação do presidente com seu apadrinhado, graças a uma história esquisita ocorrida às vésperas do *impeachment*.

Em 11 de maio de 2016, um dia antes de Dilma Rousseff ser afastada do cargo, a polícia paulista prendeu o telhadista Silvonei José de Jesus Souza, em uma operação comandada por Moraes, então secretário de Segurança Pública. Souza clonara o celular da esposa de Temer e desde abril tentava ganhar dinheiro com ameaças de divulgar certas fotos e mensagens. O caso foi noticiado sem alarde na época, bem como a condenação de Souza em outubro, com ênfase na hipótese de fotos íntimas de Marcela virem a público. Seria esse o único risco aos Temer? Na sentença da juíza Eliana Cassales Tosi de Mello, há pistas de que a clonagem talvez revelasse uma atuação mais explícita de Temer para tomar o lugar de Dilma.

Em 16 de abril, um dia antes de a Câmara abrir o processo de cassação da petista, Souza ligara para Marcela e dissera que ela ainda poderia recuperar seus dados antes do *impeachment*, se pagasse. Em troca de mensagens pelo *Whatsapp*, escrevera a Marcela: "Instalei um antivírus e quando reiniciou o meu PC la *(sic)* estava a pasta com suas fotos vídeos e arquivos pessoais". E prossegue: "Pois bem como achei que esse vide-o *(sic)* joga o nome de vosso marido na lama, quando você disse q ele tem um marqueteiro q faz a parte baixo nível... pensei em ganhar algum com isso!" E mais: "Tenho uma lista de repórteres que oferecem 100 mil cada pelo material que somente comentei por texto.. o que tem no vídeo". Detalhe: em 11 de abril, viera a público, supostamente por erro de Temer, um áudio com ele a falar como se já fosse presidente.

Moraes foi defensor do grande algoz de Dilma, Eduardo Cunha, antes de o réu por corrupção cair em desgraça em Brasília e ser cassado. O peemedebista era acusado no STF de usar documentos falsos para se defender de uma antiga denúncia de corrupção como dirigente de uma estatal do Rio, em 2000. A fajutice da papelada foi provada por um instituto de criminalística, seu autor sofreu condenação judicial em 2012. Já Cunha acabou absolvido no Supremo em 2014, pois

o relator do caso entendeu que não havia provas de que o acusado soubesse da pirataria, embora a única função do material fraudulento fosse socorrer o peemedebista. Nome do relator: Gilmar Mendes.

Preso desde outubro, Cunha depôs ao juiz Sergio Moro um dia após Moraes ser designado ao STF. É processado por corrupção, lavagem e evasão. Por três horas, foi o de sempre. Soberbo, impaciente quando contraditado, saiu faísca dele com Moro. Alegou inocência, ter aneurisma, como a falecida dona Marisa Letícia, e nunca mentir, motivo da cassação. De quebra, embaraçou um velho parceiro. Temer, disse, "participou sim" de uma reunião que o próprio nega ter ocorrido, em 2007, na qual foram discutidas nomeações de indicados do PMDB à diretoria da Petrobras. Já condenado por Moro, um dos indicados, Jorge Zelada, é peça valiosa contra Cunha. Arrolado testemunha do réu, Temer negou a reunião, em ofício ao juiz em dezembro. Resposta "equivocada", segundo Cunha, autor do artigo "O juiz popular", na *Folha* da quinta-feira 9, com críticas ao magistrado.

A passagem do 'juiz popular" por Nova York na segunda-feira 6 mostrou que o ibope dele pode ser alto, longe, porém, da unanimidade. Moro deu uma palestra na Universidade Columbia, em um seminário de dois dias sobre a Lava Jato. O auditório de 600 lugares, o maior da universidade, lotou, com os ingressos esgotados em 36 horas. Ao começar a falar, o juiz foi interrompido por vaias de um grupo de uns 30 brasileiros do movimento Defend Democracy in Brazil. Ao final, teve de responder perguntas indigestas sobre partidarização da Lava Jato, desestabilização institucional e se tinha ligações com a CIA. "Ele ficou constrangido", diz o sociólogo brasileiro Felippe Ramos, moderador da palestra de Moro.

Constrangimento é uma palavra que parece fora do dicionário de Temer e dos governistas, a julgar pelos últimos acontecimentos. E até para certos "paneleiros", que foram às ruas pela deposição de Dilma Rousseff embalados no furor anticorrupção e agora confraternizam com Temer no Planalto, caso da líder "paneleira" Carla Zambelli, do Movimento NasRuas, recebida pelo presidente no início do mês. Zambelli tinha sido levada à sala por Moreira Franco, cuja recente designação de ministro o protegeria de Sergio Moro e abriu uma batalha jurídica sem desfecho até a conclusão desta edição, na quinta-feira 9.

Com a classe política cada vez mais sem vergonha de manobrar para se salvar, a Lava Jato parece tomar distância do governo Temer. •

EM NOVA YORK, O JUIZ CURITIBANO TEVE DE RESPONDER SOBRE A PARTIDARIZAÇÃO DA LAVA JATO. FICOU CONSTRANGIDO

BRUNO POLETTI/FOLHAPRESS

Do luto à luta

HOMENAGEM No adeus a Marisa, Lula busca inspiração na companheira para resistir

POR DÉBORA MELO*

Marisa Letícia despediu-se de vermelho, com um broche do PT no peito. Foi Lula, o companheiro de mais de quatro décadas, quem escolheu o vestido. O palco do adeus foi o a sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo, onde o casal se conheceu em 1973. De luto, um emocionado ex-presidente respondeu às manifestações de solidariedade com beijos e abraços. Cerca de 20 mil pessoas estiveram ali no sábado 4.

Antes de seguir para o Cemitério Jardim da Colina, Lula fez um discurso em homenagem à mulher, a loura de olhos claros a quem chamava de "galega". Com certa tristeza, contou que a vida política não lhe permitiu ser um pai presente, mas Marisa "segurava a barra" da família. "Às vezes eu me culpo, às vezes acho que é assim mesmo. Ela praticamente criou os filhos sozinha", disse.

No período em que viveu no Palácio da Alvorada (2003-2010), a então primeira-dama teve uma atuação política discreta. Dentro de casa, porém, sua opinião tinha mais valor que a de qualquer conselheiro do Planalto. "A gente sentava, jantava, conversava, discutia. Ela tinha muito mais importância que os ministros. E sempre me dizia: não esqueça nunca de onde você veio e para onde você vai voltar", contou o ex-presidente.

Lula tornou-se diretor do sindicato em 1969. Dos 48 anos de intensa vida pública, 43 foram vividos ao lado de Marisa. E

RICARDO STUCKERT/INSTITUTO LULA

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 28
Opinião. Ana Júlia Ribeiro critica a aprovação da MP do ensino médio

O velório da ex-primeira-dama reuniu milhares

foi à política que o petista recorreu quando quis expressar suas ideias sobre o matrimônio. "Nós tivemos uma vida extraordinária, uma vida de muita compreensão. Eu tenho em mente que o casamento é o maior exercício de democracia que o ser humano pode fazer. É no casamento que você aprende a ceder."

O ex-presidente disse ter orgulho da "menina que parecia frágil, mas que falava grosso e colocava medo". Riu quando lembrou a gargalhada de Marisa ao comentar, sentada à mesa no Alvorada, como "os companheiros que trabalham na cozinha" deviam achar muito estranho uma primeira-dama querer pé de frango para o jantar. Fez *mea-culpa* por não ter assistido ao parto dos filhos e demonstrou gratidão ao recordar a época em que Marisa se prontificou a vender camisetas e bandeiras do recém-criado PT, hoje o "partido que a direita quer destruir".

E foi assim que, nos momentos finais de seu discurso, Lula se pôs a falar das investigações contra ele e a mulher, ré em duas ações penais da Operação Lava Jato. "Marisa morreu triste por conta da canalhice, da imbecilidade e da maldade que fizeram com ela", disse o petista. "Que os facínoras que levantaram leviandades contra a Marisa tenham, um dia, a humildade de pedir desculpas a ela."

Em sua última homenagem à mulher, o líder popular mais influente do Brasil também falou de política. E não foi o único. Dom Angélico Sândalo Bernardino conduziu a cerimônia e fez um alerta contra as reformas conduzidas pelo governo de Michel Temer. "Precisamos

Militantes do PT fizeram vigília no Hospital Sírio-Libanês

estar atentos. Estamos em um sindicato memorável por suas lutas. Que a reforma trabalhista não seja contra os trabalhadores. Que a reforma da Previdência não seja contra os pobres e os assalariados", disse o bispo emérito de Blumenau (SC).

Muitos que ali estavam veem em Lula a principal opção para 2018. No dia 30 de janeiro, na primeira aparição pública após a internação de Marisa, o ex-presidente, em um desabafo, sinalizou que não pretende descansar tão cedo. "A pressão e a tensão fazem as pessoas chegarem ao ponto que a Marisa chegou. Mas isso não vai me deixar chorando pelos cantos. Vai ficar apenas batendo na minha cabeça, como mais uma razão para que a luta continue", disse na ocasião.

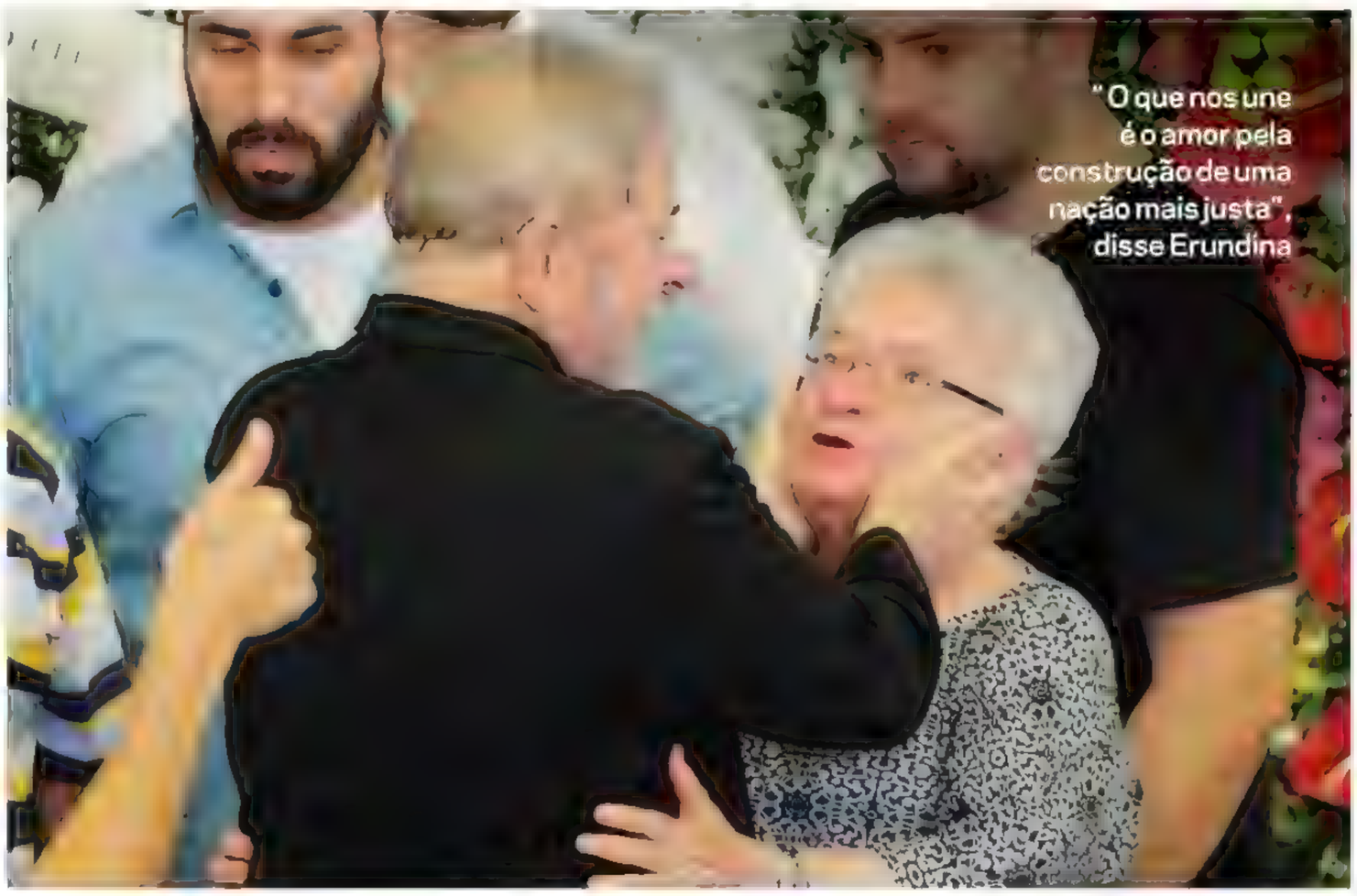
Cinco dias depois, em meio à multidão que homenageava a ex-primeira-dama no salão do sindicato, o presidente nacional do PT, Rui Falcão, pediu a palavra para desejar força a Lula e lembrá-lo da promessa. "Ele vai nos liderar nas lutas que vem travando por um Brasil mais justo. Eu sei que todo o povo brasileiro, não só os militantes do PT, querem que você continue a sua luta." Para acordar o povo brasileiro de sua inércia ante os ataques aos direitos sociais e trabalhistas, a atuação de Lula não deve se restringir ao luto (*leia o editorial à página 12*).

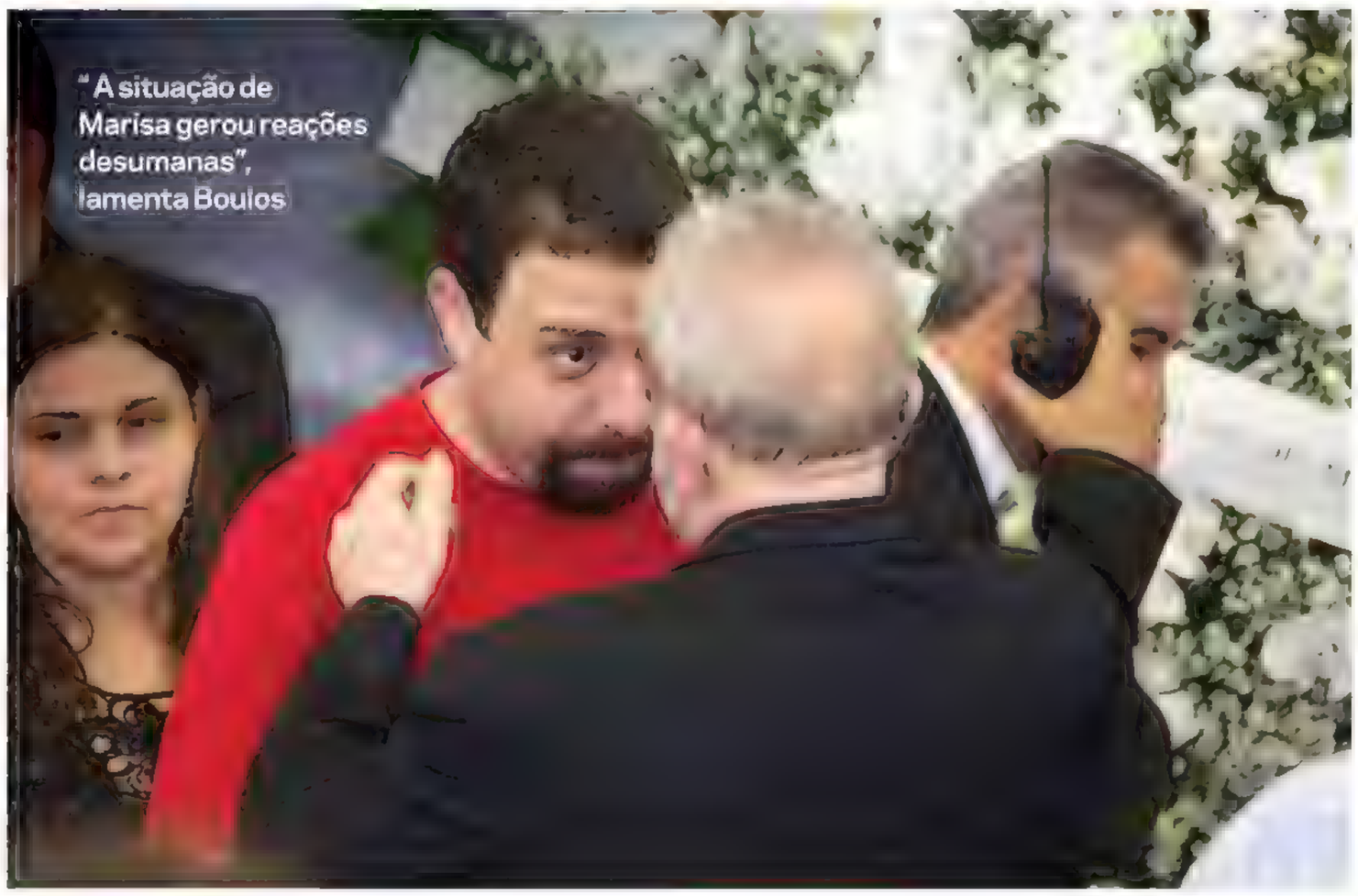
Lula: "Marisa morreu triste com a canalhice que fizeram com ela"

Em meio a tantos retrocessos, lideranças do campo progressista parecem voltar a se organizar. À reportagem de *CartaCapital*, a deputada federal Luiza Erundina (PSOL-SP) disse que Marisa Letícia é uma referência para a luta das mulheres. Sua morte, diz, pode unir a esquerda em torno de um projeto comum.

Uma das fundadoras do PT, Erundina deixou o partido em 1997 e recentemente foi alvo de críticas da militância petista por ter lançado candidatura própria à Prefeitura São Paulo, quando o então prefeito Fernando Haddad (PT) tentava se reeleger. "Independentemente das diferenças que eventualmente possam nos separar, há algo muito mais forte que nos une, que é o amor pela construção de uma nação mais justa, mais

NELSON A; MF DA/AFP, NELSON ANTOINE/AGIF/AFP E PAULO LOPES/FUTURA PRESS





fraterna e mais democrática, combatendo o ódio, a discriminação e o preconceito", disse a deputada.

Para o deputado federal Vicentinho (PT-SP), é hora de transformar a dor em força. "A Marisa nos representou em 1980, quando organizou as mulheres para serem solidárias à nossa greve", disse o petista, recordando a marcha em defesa dos sindicalistas presos no Departamento de Ordem Política e Social (Dops), órgão do aparato repressivo da ditadura. "E a Marisa nos representa agora, ao juntar aqui tanta gente, a nossa militância. Reencontrei companheiros das greves de 79, de 80. Companheiros que estavam nos seus cantos e agora se reanimam para a luta."

A dor da perda preocupa, no entanto, aqueles que estão próximos a Lula. "É preciso desejar muita força ao Lula, porque o ataque continua e, em meio a isso, ele tem uma perda tão dolorosa como essa", disse Guilherme Boulos, líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST).

"Essa morte deixa também um simbolismo. A situação de dona Marisa em seus momentos finais gerou reações desumanas. Médicos desejando a morte ou divulgando exames, gente fazendo os comentários mais atrozes nas redes sociais. Isso deve nos levar a uma reflexão: para onde vai isso tudo?", questionou Boulos.

Reportagem publicada pelo jornal *O Globo* em 2 de fevereiro revelou que, horas após Marisa dar entrada no Hospital Sírio-Libanês, em 24 de janeiro, a médica reumatologista Gabriela Munhoz compartilhou com terceiros informações sigilosas a respeito do diagnóstico da ex-primeira-dama, internada por conta de um Acidente Vascular Cerebral (AVC).

As informações foram enviadas por mensagens de celular a um grupo de antigos colegas de faculdade. A troca de mensagens entre os médicos, reproduzida pelo jornal, é assustadora. Ao saber que Marisa passaria por um procedimento, o neurocirurgião Richam Faissal Ellakkis disse aos amigos que faria diferente. "Esses fdp vão embolizar ainda por cima. Tem que romper no procedimento. Daí já abre pupila. E o capeta abraça ela", escreveu.

Ellakkis prestava serviços no hospital da Unimed São Roque e foi demitido, assim como Gabriela Munhoz, que não integra mais o quadro de funcionários do Sírio-Libanês. O Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp) abriu sindicância para apurar se houve violação ao Código de Ética. O vazamento à imprensa de uma tomografia feita por Marisa no hospital Assunção, em São Bernardo do Campo, também é investigado.

O discurso de ódio, muitas vezes restrito às mensagens privadas e às redes sociais, ultrapassou a barreira virtual e se materializou na voz de mulheres que, no dia seguinte ao AVC de Marisa, se dispuseram a ir até a porta do hospital. Nos cartazes que exibiam, a imagem de um Lula presidiário e críticas à internação no Sírio-Libanês: "Vá para o

SUS", dizia um; "Cadê os médicos cubanos?", questionava outro.

A falta de humanidade atingia o seu ápice. A fim de evitar novas demonstrações de ódio, a militância do PT mobilizou-se e ocupou a entrada do hospital no dia 2 de fevereiro. Na manhã daquela quinta-feira, a equipe médica havia constatado a morte cerebral da paciente e a família autorizou o início dos procedimentos de doação de órgãos. O grupo, formado por cerca de 20 pessoas, fez orações e colocou flores em frente ao hospital.

"A dona Marisa fez parte da construção do Partido dos Trabalhadores. Não aceitamos desrespeito em momento algum, principalmente em um momento como este. Provocadores já estiveram aqui, é inaceitável", disse João de Oliveira, ex-secretário da CUT São Paulo. "Estamos aqui para dar carinho e conforto ao Lula, o nosso líder. Sabemos que essa questão emocional pode afetá-lo, mas ele é o nosso candidato para 2018."

A confirmação da morte de Marisa levou quase dois dias, encerrada somente às 18h57 do dia 3 de fevereiro. No Sírio-Libanês, o ex-presidente recebeu condolências de amigos e autoridades e a visita de Fernando Henrique Cardoso. Em meio ao triunfo da intolerância, uma foto em que os adversários aparecem abraçados inundou as redes sociais, um alento em tempos de ódio e pouco diálogo. Com a visita, FHC retribuía o gesto de 2008 do então presidente Lula, que prestou condolências ao tucano pela morte da ex-primeira-dama Ruth Cardoso.

Naquele mesmo dia, à noite, o petista também recebeu a visita de Michel Temer. A comitiva, que trazia ministros e figurões do PMDB, foi recebida no Sírio-Libanês pela militância petista aos gritos de "golpistas" e "assassinos". Lula aceitou o gesto.

A postura republicana do ex-presidente não é exemplo para seus perseguidores. Na quarta-feira 8, o juiz federal Sergio Moro negou pedido da defesa de Lula para adiar em 15 dias as audiências relativas ao processo do célebre triplex no Guarujá. A sanha punitivista de Moro não se justifica: o próprio Ministério Público Federal afirma não ter provas cabais de que Lula é o proprietário.

As audiências foram mantidas e serão realizadas nas próximas duas semanas. Segundo Moro, apesar do "trágico e lamentável" acontecimento, falta "amparo legal" para a suspensão do processo.

A dor extrema do luto não tem impedido o ex-presidente de prestar belas homenagens à mulher, como fez ao lado de seu caixão. Na coroa de flores que encomendou, uma última declaração à "Galega": "Agora o céu ganha a estrela que iluminou minha vida".

Dirigindo-se à multidão que acompanhava o velório, o petista voltou a emitir sinais de que a luta continua.

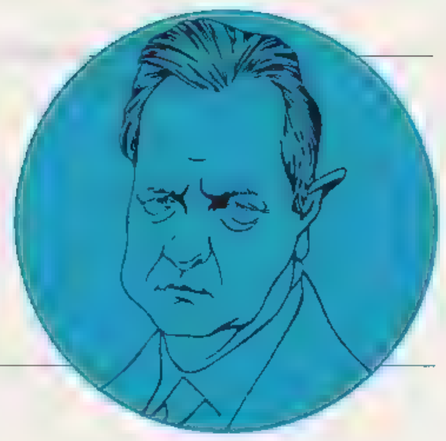
"Vou agradecer à Marisa até o dia em que eu não puder mais, até o dia em que eu morrer. Eu espero me encontrar com ela com este mesmo vestido que eu escolhi, para mostrar que a gente não tem medo de vestir vermelho." •

**Colaborou Ingrid Matuoka*

Guerreira. Desde 1980, quando liderou uma marcha contra a prisão de sindicalistas, Marisa teve papel central na trajetória do PT

A homenagem favoreceu a reaproximação de lideranças de esquerda

WÁLTER FANGANIELLO MAIEROVITCH



Blindagens palacianas

▶ As últimas decisões do governo mostram que o constitucionalista Michel Temer retorna aos ditames das Ordenações Filipinas

O presidente Michel Temer foi apontado por colaboradores de Justiça como partícipe do esquema criminoso em apuração na Operação Lava Jato. De funcionários e ex-funcionários da Construtora Odebrecht partiram as delações incriminadoras. Tais delações foram formalmente homologadas pela presidente Cármen Lúcia, na véspera do fim do recesso do Supremo Tribunal Federal (STF) e a título de urgência requerida pelo procurador-geral da República. O levantamento do sigilo dos relatos não foi considerado urgente por Cármen Lúcia: como regra, o sigilo é levantado quando ofertada a ação penal e a restrição evita o prejuízo apuratório. Daí decorre a ilegalidade de vazamento antes do processo criminal.

O "círculo mágico" do presidente Temer, segundo os bastidores, preocupou-se duplamente com as delações. Primeiro, porque ele poderia ser investigado criminalmente com autorização do STF e em inquérito conduzido pela Procuradoria, com apoio da Polícia Federal. A meta do procedimento investigatório contra Temer estaria voltada à busca da materialidade delituosa e de indícios de autoria. A segunda preocupação palaciana deveu-se ao fato de o condestável da República, Moreira Franco, não estar, quando formalizada a homologação, coberto pelo foro privilegiado, tecnicamente chamado de foro por prerrogativa de função, na verdade uma inspiração das Ordenações Filipinas, vigentes no Brasil de 1603 até 1830. Tais Ordenações contemplavam tratamentos diferenciados às castas sociais, como, por exemplo, barões, condes, fidalgos, cavaleiros, doutores, desembargadores e moços das estrebarias do rei, da rainha e do príncipe.

Para alguns juristas, Temer não poderia ser investigado criminalmente por fato consumado anteriormente ao início do seu mandato e invocam a Constituição: "O presidente da República, na vigência de seu mandato, não pode ser responsabilizado por atos estranhos ao exercício das suas funções" (art. 86, p. 4º.). Nada mais equivocado. O inquérito não é processo apuratório de responsabilidade criminal-penal. Ele é peça meramente informativa, sem forma nem figura de processo. Como procedimento de natureza inquisitorial (o processo é contraditório) serve para o Ministério Público recolher informações e formular juízo sobre a propositura da ação penal pública, pedir arquivamento ou diligências indispensáveis.

No particular, a Constituição, com clareza solar, trata de responsabilização criminal (que se dá no processo) e não em mera investigação, em que ninguém é responsabilizado. Desse modo, não há como impedir a instauração de inquérito apuratório contra Temer, até para evitar o perecimento de provas buscadas a partir das delações. Em resumo, é possível a apuração em inquérito e não no processo criminal, que fica aguardando o término do mandato presidencial, isto para prosseguir e ser decidida a responsabilidade criminal.

Quanto ao foro privilegiado decorrente da nomeação de Moreira Franco para o ministério de Temer, ele decorreu da homologação da delação, onde, com o designativo "gato angorá", é citado por atos que não podem ser vistos como indiferentes criminais. Caso Moreira Franco fosse mantido sem foro privilegiado, o inquérito, por dizer respeito a desfalque ao patrimônio público, tramitaria em primeiro grau de jurisdição. Como ministro, Moreira Franco passa a ter a apuração examinada pela Segunda Turma do STF e ficará sob a relatoria do ministro Edson Fachin, sucessor de Teori Zavascki. O episódio da súbita nomeação de Moreira Franco repete, em termos de suspeitas, o caso Lula, nomeado pela presidenta Dilma e afastado por decisão do STF sob argumento de fuga do seu juízo natural, o foro federal da Curitiba. Como ensinavam os pretores romanos, *ubi eadem est ratio, ibi idem jus* (o mesmo motivo autoriza o mesmo direito). Por já integrar o governo Temer e pela relação de proximidade com a homologação das delações, um grau bem maior de suspeição recai sobre a dupla Temer-Moreira Franco. A tal episódio suspeito os italianos chamariam de *inciucio* (acerto espúrio).

A propósito, ao tempo das castas blindadas pelas Ordenações Filipinas, só se perdia o privilégio diante de crimes graves, considerados os de lesa-majestade, sodomia e falso testemunho. Para complicar esse quadro de blindagens, o último lance representa a indicação de Alexandre Moraes para substituir Teori Zavascki no STF. Em face de faltar-lhe postura, compostura, independência e confiança de futuros jurisdicionados, não haveria o presidente de preservar a nossa Suprema Corte? •

colunistas@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

O desmonte do ensino médio

OPINIÃO Resta agora resistir nas escolas à implantação da reforma aprovada

POR ANA JÚLIA RIBEIRO*

O Senado aprovou, na noite da quarta-feira 8, a Medida Provisória 746, conhecida como a (contra)reforma do ensino médio. Será um dia triste para a rede pública de ensino. O governo que chegou ao poder sem voto popular mais uma vez passou por cima da opinião pública e ignorou a luta realizada pelos estudantes secundaristas e universitários.

Desde 26 de setembro de 2016, quando foi publicada a MP 746, estudantes de todo o Brasil têm se manifestado contra a proposta por meio de ocupações, trancamento de vias e manifestações de rua, por entenderem o quanto ela agride a rede pública e distorce as reais necessidades dos alunos. Recebemos como resposta a perseguição policial e uma forte repressão às nossas manifestações.

Com um discurso fraco e promíscuo, as bases do governo tentaram desmoralizar o movimento dos estudantes com argumentos do tipo "os alunos vão poder escolher o que estudar". Como se não soubéssemos que, na realidade, será a escola que escolherá qual área curricular será ofertada. Como se não soubéssemos que escolas periféricas terão o ensino ainda mais precarizado.

Os estudantes ouviram e leram discursos a respeito da queda do desempenho do ensino médio nos últimos 20 anos. Esse seria o motivo da (contra)reforma, mas não vimos propostas de se mudarem o método e a didática de ensino, bem como o modelo de avaliação. Da mesma forma, não foi discutida uma proposta de formação humana cidadã. Ao contrário, houve uma priorização do mercado de trabalho e de um sistema que só enxerga o estudante como futura mão de obra.

O mercado não quer pôr a mão no bolso para promover treinamentos e qualificação profissional para as suas necessidades de força de trabalho, e quer que o Estado faça os investimentos que lhe cabem.

A Medida Provisória objetiva a implantação do ensino integral de sete horas, mas seus formuladores e o ministro da Educação, Mendonça Filho, se esquecem de que as escolas não têm estrutura para os alunos ficarem nem sequer por quatro horas.

A MP também defende o professor com notório saber, mas esquece, propositalmente, de que, hoje, cerca de 50% dos mestres não têm formação específica nas áreas em que atuam e que esse fato prejudica muito a qualidade do ensino. Em seu texto original, a MP 746 retira a obrigatoriedade de quatro disciplinas – filosofia, sociologia, artes e educação física. Assim, reafirma definitivamente que a reforma do ensino médio atende ao objetivo de sucumbir o aprendizado crítico do estudante de escola pública.

Como um governo impopular consegue aprovar todas as suas propostas?

ELZA FIÚZA/ABR E ALOISIO MAURICIO/FOTOARENA

Que reforma é essa que valoriza ações prejudiciais à qualidade do ensino? Almejaria realmente a melhora da educação pública? Como um governo impopular consegue aprovar todas as suas propostas? Como uma Medida Provisória reprovada por mais 94% da população pode ser aprovada? Quem são os representantes do povo e por que não atendem a sua vontade?

Está mais do que claro que a nossa democracia, há algum tempo, tem sido ignorada e descartada com falsas legalidades e desrespeitos à Constituição Federal. Não podemos, porém, desanimar nem desistir. Não podemos ceder aos retrocessos promovidos por quem pretende se apropriar dos direitos do povo.

Vivemos numa sociedade, todos somos sócios dessa sociedade. Ninguém é dono mais do que ninguém. Por conta disso, nós, estudantes, não podemos deixar de lutar. A luta não acaba com a aprovação da MP. Mesmo aprovada, a luta deve continuar e poderá ser travada no interior das instituições de ensino. A resistência é não deixar a (contra)reforma do ensino médio ser implementada em nossas escolas. De que maneira? Sugiro a todos os estudantes que se unam com seus colegas e professores progressistas e elaborem uma proposta de uma nova escola. Uma proposta de escola que queremos, que nos represente e que tenha caráter emancipatório.

Encaminhem as propostas às respectivas Secretarias de Educação e de forma alguma recuem. Pressionem os governos estaduais até que eles abram o diálogo e estejam dispostos a conversar e elaborar um projeto de escola em parceria conosco. Agora é a hora de mostrarmos tudo o que vivemos nas ocupações. Depois de termos passado por noites de tensão, em decorrência da repressão e das ameaças feitas todos os dias, depois de noites sem dormir por estarmos preocupados com a segurança uns dos outros e por planejar a todo instante como a escola poderia se tornar um ambiente de convivência saudável, muitos aprendizados e descobertas ficaram evidenciados. Ficou mais do que comprovado que temos o direito e o dever de participar da elaboração e discussão de um novo sistema de ensino para o País.

Por fim, é hora de colocarmos no papel a experiência de uma gestão democrática nas escolas. Temos a consciência de que o poder é do povo. O poder é nosso e, por princípio, nos pertence. Temporariamente o emprestamos aos nosso governantes. Se eles não nos atenderem, nós o tomaremos de volta. •

**Estudante secundarista. Tornou-se um dos símbolos do movimento de ocupação das escolas públicas em 2016*

Os taxistas de São Paulo resistem à desregulação dos novos concorrentes

Desafio ao Estado

UBER Câmara começa a discutir a regulação dos aplicativos de serviços coletivos, campeões da fuga à tributação e às normas

POR CARLOS DRUMMOND

Pressionados no fim do ano passado por manifestações de milhares de taxistas em vários estados, os deputados autores do Projeto de Lei nº 5.587, de regulamentação do sistema de transporte individual Uber e dispositivos semelhantes, em discussão na Câmara, prometeram empenhar-se na adoção de regime de urgência para a tramitação. A posição inicial foi exigir que a empresa dos Estados Unidos e similares se enquadrassem na legislação dos táxis, com uso, inclusive, do mesmo luminoso fixado no topo dos carros.

Em uma mudança brusca, no entanto, a comissão voltou atrás e arquivou a proposta de regime de urgência. A pretendida sujeição do aplicativo às mesmas exigências dos táxis foi substituída pela proposta de conciliar ambos. "Tem de harmonizar os sistemas, porque esses problemas vão acontecer em várias áreas", justificou o deputado Rodrigo Maia, presidente da Câmara, também conhecido como Botafogo.

A deliberação talvez pareça neutra, mas, ao pretender a conciliação de sistemas radicalmente opostos, tende a desequilibrar a disputa em favor dos aplicativos, na maior parte estrangeiros. O Uber é uma alternativa aos táxis operada com carros particulares. Funciona com base em um software (aplicativo) e a solicitação é feita por meio de celulares inteligentes conectados à internet sem fio.

As empresas do gênero não pagam impostos, ignoram direitos trabalhistas, não fazem seguro e não investem

FERNANDA CARVA_HO/FOTOS PÚBLICAS, MAXPPP ZUMA WIRE/FOTOARENA E ENR QUE MARCARIAN/ REUTERS/ZUMA PRESS/FOTOARENA

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 35
Belluzzo. Trump e a indignação "populista"

Greves em série mantêm a pressão em Buenos Aires

em frota. Alegam checar os antecedentes dos motoristas, mas o aumento do número de crimes com envolvimento dessas redes de transporte, em vários países, questiona a eficiência da verificação. Desregulamentadas e isentas, cobram menos que os táxis, pois estes funcionam sob licença das prefeituras, que exigem comprovação de ausência de antecedentes criminais, pagamento de taxas, habilitação profissional e realização de curso específico.

Enquanto a discussão se arrasta na Câmara, vários aplicativos consolidados nas grandes metrópoles fazem uma *blitz* para conquistar as cidades médias e criar fatos consumados antes da votação do projeto. Em 18 de janeiro, o Uber começou a funcionar em Maringá, no Paraná, e dia 24 em Teresina, no Piauí, contra a legislação municipal e sob forte resistência dos taxistas. Dois dias depois, a concorrente brasileira Yet GO estreou em Florianópolis e Blumenau, em Santa Catarina, e a indiana WillGO, do mesmo ramo, preparava-se para estrear no estado na semana seguinte. Dia 1º deste mês, o Uber passou a operar em São José do Rio Preto e, na sexta-feira 3, em Piracicaba, ambas em São Paulo. Ao iniciar sua atividade em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a empresa estadunidense enfrenta reações de taxistas e do prefeito, que pretendem submetê-la às exigências impostas ao serviço tradicional.

O Uber e similares fazem sucesso também por proporcionarem a milhares de proprietários de carros a possibilidade de ganhar dinheiro com o transporte de terceiros. Há, no entanto, muitos problemas. Segundo Steven Hill, da Academia Americana em Berlim, "no novo modelo de negócios, as empresas são pouco mais que um site na internet e um aplicativo, com um pequeno número de executivos e empregados estáveis, que utilizam tecnologia para supervisionar um grande exército de *free lances*, contratantes e trabalhadores em tempo parcial". Os presidentes dessas novas companhias, diz Hill, seguem uma filosofia radical de liberdade econômica e resistem às normas. Repelem a tributação, sob a alegação de não serem companhias de setores de atividade econômica típicos, mas empresas de tecnologia.

Regulá-los não é fácil, mostra a experiência de São Paulo, entre outras. Apresentada como engenhosa, a sistemática adotada na gestão do prefeito Fernando Haddad supostamente limitava a 5 mil o número de carros do Uber e semelhantes. Segundo a administração de João Doria Jr., entretanto, existem 30 mil veículos daqueles aplicativos, pouco menos do total de 37 mil táxis.

O Uber fez uma *blitz* em cidades médias para criar fatos consumados

Kalanick irritou os imigrantes e Trump e foi expelido do Conselho Econômico

O Uber e o Airbnb, plataforma digital com casas e aposentos de particulares oferecidos para locação, são populares no mercado brasileiro, disputado também por TaskRabbit e Upwork, de busca de emprego, Lyft, de solicitação de carros, Instacart e Postmates, de entregas em domicílio. Todos integram a chamada economia de compartilhamento, denominada *gig*, em alusão a certos empregos temporários, *on-demand*, *peer-to-peer* ou de consumo colaborativo.

Segundo estudo do McKinsey Global Institute realizado no ano passado, entre 20% e 30% de todos os trabalhadores dos Estados Unidos e da Europa atuam na economia de compartilhamento. Um levantamento da fundação alemã Friedrich Ebert Stiftung concluiu que o uso, nesse sistema, de empregados não regulares reduz os custos do trabalho em mais de 30%, pois as empresas não proveem assistência à saúde, aposentadoria, compensações por acidentes de trabalho, desemprego, afastamento por doença ou férias.

"Na visão dos líderes do Vale do Silício e seu hiperneoliberalismo, esses são os tipos perfeitos de trabalhadores. Eles querem máxima flexibilidade trabalhista, o que significa um suprimento de mão de obra que possam aumentar e diminuir com a facilidade do manejo de uma mangueira de jardim", compara Hill. Uma parceria do Uber com a Mercedes, para produção de carros sem pilotos, tornará os trabalhadores prescindíveis em definitivo, provavelmente o apogeu do imaginário hiperneoliberal.

O Uber paga Imposto de Renda nos Estados Unidos sobre os lucros da atividade no mundo todo, mas, a exemplo de Apple, Google e outras megaempresas, construiu uma rede complexa de 30 subsidiárias estrangeiras em paraísos fiscais, muitas delas não mais que caixas postais no Caribe, como caminho para reduzir substancialmente suas obrigações com o Fisco estadunidense, acusam os especialistas da Friedrich Ebert Stiftung.

O poder público padece para enquadrar a economia de compartilhamento. Em 2013, a Califórnia tornou-se o primeiro estado americano a aprovar um dispositivo legalizando o sistema de transporte individual coordenado por aplicativos. Seguro do veículo, inspeções obrigatórias, checagem do retrospecto criminal do motorista e outros itens tornaram-se obrigatórios. Exigiu-se o fornecimento à prefeitura de informações sobre o número de viagens segundo o Código de Endereçamento Postal, valores dos pagamentos feitos pelos passageiros, informações sobre acidentes e quantidade de requisições de veículos específicos para portadores de deficiências. O Uber ignorou as solicitações, consideradas cruciais pelos especialistas no assunto, mas anos depois as autoridades finalmente enquadraram a empresa, forçada a pagar uma multa de 7,6 milhões de dólares por violar a lei de envio de dados ao Estado. No ano passado, o promotor distrital de São Francisco classificou as checagens de antecedentes criminais realizadas pela companhia "completamente inúteis". Em janeiro, a Federal Trade Commission aceitou, em troca do pagamento de 20 milhões de dólares, encerrar o processo aberto devido ao pagamento aos motoristas de valores muito abaixo dos divulgados pela própria empresa na internet.

Na Tailândia, uma multa de 7,4 milhões de dólares talvez leve a empresa a encerrar as operações. Uma corte de Milão, na Itália, concluiu que usar um aplicativo para chamar táxi cria competição desleal com os profissionais tradicionais. No Rio de Janeiro, o Uber foi proibido pela Câmara de Vereadores. Dezenas de cidades no mundo impuseram restrições e só

NA COLA DA VOLKSWAGEN
O Uber, pouco mais que um site e um aplicativo, superou a GM e encostou na VW, em valor de mercado (em bilhões de dólares, 2016)

Fonte: Bloomberg, Morningstar, Statista Digital Market Outlook

MAYSUN/DPA/FOTOARENA E DOMINIC LIPINSKI/PA WIRE/ZUMA PRESS/FOTOARENA

um país, as Filipinas, liberou por completo as empresas do gênero.

Os aplicativos avançam, no entanto. A relação entre empregados registrados em folha e trabalhadores avulsos caiu de 8,3, em 1997, para 6,1, em 2014, nos Estados Unidos, segundo a Brookings Institution. No mesmo período, os percursos em carros do Uber e similares cresceram 69% e o dos táxis comuns, 17%.

As empresas da economia de compartilhamento conturbam os sistemas de trabalho e as relações sociais, e provocam conflitos políticos. Na recente greve de taxistas, em Nova York, contra as restrições do governo Trump aos imigrantes, os responsáveis pelo Uber rebaixaram as tarifas, movimento interpretado

As novas empresas lutarão contra todas as tentativas de enquadramento

por muitos como uma tentativa de se aproveitar da situação para ganhar dinheiro. Não adiantou o fundador e presidente da companhia, Travis Kalanick, criar um fundo de 3 milhões de dólares para ajudar os taxistas e se opor tardiamente às determinações do governo. Mais de 200 mil usuários desinstalaram o aplicativo dos seus celulares e o executivo foi obrigado a renunciar ao seu posto no Conselho Econômico de Trump.

Os políticos e as autoridades envolvidas na regulamentação da economia de compartilhamento deveriam refletir sobre esta recomendação da fundação Friedrich Ebert Stiftung:

"A lição das tentativas de regulação é clara: as empresas vão lutar contra quase toda e qualquer norma, em qualquer nível. Quem tentar enquadrá-la deve se preparar para usar todos os instrumentos de execução governamentais, inclusive acusações criminais por violação da lei, se necessário, e ações judiciais em nome do bem público". •

ANTONIO DELFIM NETTO

A política cambial deixa a desejar

▶ A indústria foi destruída porque, há 30 anos, usa-se a taxa de câmbio como instrumento de combate à inflação

A economia de mercado tem, ínsita, uma tendência à flutuação para a qual os economistas já propuseram dezenas de "explicações", nenhuma realmente satisfatória. Algumas simplesmente condenam a organização capitalista de produção (Marx, Kalecki), de forma que nada se resolverá enquanto ela não for eliminada, mas os substitutos sugeridos, quando praticamente implementados, foram piores do que a original. Outros (Keynes) tentaram salvá-la, porque ela não foi "inventada", mas parece ser a única capaz de acomodar três valores não inteiramente compatíveis: liberdade, igualdade e eficiência produtiva, o que pode gerar uma sociedade civilizada.

Para os economistas clássicos, com exceção de Malthus, o desemprego "involuntário" é uma impossibilidade lógica, uma vez que se supõe que o sistema econômico é um mecanismo natural que se autorregula. No fundo, aceitam que toda a renda recebida é despendida, a famosa Ley de Say (a oferta "cria" a sua própria procura), de forma que não pode haver "vazamento" de renda para fora do circuito produtivo. Logo, o desemprego existente só pode ser resultado de intervenções indevidas no mercado de trabalho. Qual era essa intervenção? A mobilização dos trabalhadores para melhorar suas condições de vida. Organizaram-se em sindicatos, naquele tempo "autênticos", por isso mesmo malvistos pelo governo. Adquiriram poder econômico e político pela associação com partidos como o Trabalhista, na Inglaterra. Com isso, foram capazes de impor a fixação do salário real acima da produtividade marginal do trabalho. A causa do desemprego era, portanto, o próprio trabalhador!

Qual a solução para essa melódia? Reduzir o salário real ao nível da "justiça distributiva", que os marginalistas haviam descoberto, o que levaria de volta o emprego ao seu nível natural. Ao recusarem o axioma de que o sistema econômico é autorregulável, Marx, Keynes e Kalecki abriram uma nova compreensão do papel da demanda global. Para Marx, já em 1867, o emprego dependia, também, da tecnologia (uma das suas obsessões) e da distribuição de renda.

O desemprego é o mais cruel desperdício de recursos de uma sociedade civilizada. Afinal, o trabalho é o único intercurso do homem com a natureza da qual ele faz parte e da qual – ainda que a cadeia que o leve ao recurso natural seja muito longa – ele extrai a sua subsistência.

A interdição ao trabalho pela falta de demanda da sua atividade retira do homem o sentido de pertencer à sociedade, destrói a sua identidade, corrói a estrutura familiar que lhe dá conforto e, ao final e ao cabo, dependendo do tempo do desemprego, perde as suas qualificações. Alienado do seu, mesmo que longínquo, intercurso com a natureza, não tem como se reconciliar com o "ganhar a vida com dignidade".

Os números fiscais mostram por que não podemos recorrer ao aumento da dívida pública para suprir as deficiências da demanda global. Uma política econômica voluntarista com a melhor das intenções, mas com absoluto desrespeito às restrições físicas que condicionam todas as economias (até o socialismo "ideal"), nos colocou numa armadilha.

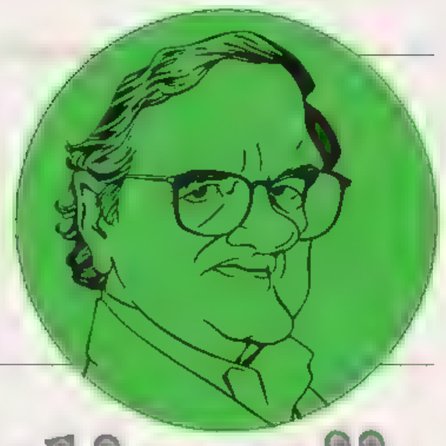
A missão de Temer é trocar o pneu do caminhão com ele andando. Os sinais de melhora da economia devem-se à sua "arte" e paciência na coordenação política e à sua firmeza na insistência das reformas que o Brasil precisa para retornar ao leito do desenvolvimento mais sustentável e, principalmente, mais equânime. A recondução das expectativas de inflação para a meta de 4,5% em 2017 é a resposta mais visível àquela firmeza, que abriu as portas para uma redução significativa e durável da taxa de juro real, que pode ser o início de um ciclo "virtuoso".

Mas não esqueçamos. A recuperação do crescimento depende de dois fatores: **1.** Aumento dos investimentos em infraestrutura, que exige uma nova inteligência do governo para diminuir os riscos implícitos em contratos com duração de 20 a 30 anos; aumento dos investimentos privados que precisam de alguma expectativa de crescimento, de taxa de juro real razoável e de uma expansão do crédito. Tudo isso parece começar a florescer. **2.** Aumento das exportações, o que exige uma taxa de câmbio relativamente estável e competitiva para o setor industrial, que foi destruído e está ocioso por uma política que, há 30 anos, por sugestão de "cientistas", tem usado a "taxa de câmbio" como instrumento de combate à inflação. Nesse item, pelo menos em minha opinião, tudo vai muito mal. •

colunistas@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

LUIZ GONZAGA BELLUZZO



Trump e a indignação "populista"

▶ Manobras ideológicas escondem as possibilidades da ação humana coletiva que emergem das mutações socioeconômicas

A crise de 2008 abriu a brecha para o socialismo democrático de Bernie Sanders e o hiperconservadorismo de Donald Trump. Os eleitores foram despertados de seus sonhos para as cruéis realidades da prolongada e reiterada frustração das promessas inscritas no código do liberalismo econômico. Na posteridade dos anos 1970, crepúsculo da era do capitalismo regulado e solidário do pós-Guerra, reemergiu a Grande Narrativa dos valores da concorrência e do mérito, valores que estimulam os cidadãos a se tornarem "empreendedores de si mesmos", proprietários do seu "capital humano".

Essa aspiração legítima bateu de frente com as realidades da exportação de empregos na manufatura globalizada, colidiu com a centralização do controle nas megaempresas "financeirizadas", trombou com os avanços da Tecnologia da Informação e com o progresso da automação na indústria e nos serviços. Os choques deflagraram uma forte desvalorização do estoque de capital humano (*sic*), mesmo aquele cultivado com os empenhos da educação. Os mercados de trabalho estão infestados pelo vírus da precarização e pela continuada perda da segurança outrora proporcionada pelos direitos sociais e econômicos. Só os tolos e os malandros acreditam e divulgam que os Estados Unidos estão em pleno emprego.

A frustração dos perdedores – desempregados ou precarizados – está na raiz do socialismo democrático de Sanders e, do seu contrário, o protecionismo nacionalista e agressivamente xenófobo de Trump. As classes médias, sobretudo nos Estados Unidos, mas também na Europa, ziguezagueiam entre os fetiches do individualismo e as realidades cruéis do declínio social e econômico. A individualização do fracasso já não consegue ocultar o destino comum reservado aos derrotados pela desordem do sistema social.

Os jovens eleitores de Sanders e os revoltados de Trump revelam uma comunidade de princípios em suas divergências: os indivíduos de carne e osso não desfalecem diante dos esforços sistêmicos que pretendem naturalizar os escandalosos desequilíbrios de poder e riqueza. Diante da reação dos perdedores, resta aos intelectuais e jornalistas do *establishment* prosseguir na tradição de empregar palavras sem conceito e gritar "Populismo!"

Na *Crítica da Razão Dialética*, Sartre recusa-se a conceber o homem como coisa. A despeito das armadilhas das estruturas socioeconômicas que tentam transformar o cidadão em um serviçal da rotina, dos costumes e do conformismo, o homem da razão dialética caracteriza-se pelo impulso incontido à superação de uma situação que o transformou naquilo que ele é. Está condenado à liberdade.

O indivíduo do iluminista e filósofo moral Adam Smith é definido a partir de sua liberdade exercida mediante a propensão humana natural para a troca. A motivação egoísta do intercâmbio de mercadorias, no entanto, está ancorada na simpatia mútua, na sociabilidade enraizada na inclinação benevolente para com o outro.

Nas trevas da economia vulgar, dogmática, que nos assola com um rosário de banalidades, a versão smithiana do indivíduo socializado cedeu lugar às hipóteses "científicas" que suprimem as diferenças entre os papéis sociais dos indivíduos concretos para aprisioná-los na má abstração do *homo economicus*, o ser racional e maximizador da utilidade.

A culminância do solipsismo econômico é o "agente representativo" dos novo-clássicos, a turma dos modelos ridículos que reivindicam a estabilidade do capitalismo. Para afirmar essa patranha conceberam um Robinson Crusoé de causar inveja a Daniel Defoe. Este autor foi ultrapassado em sua visão do indivíduo burguês pelos façanhudos agentes portadores de expectativas racionais concebidos por Robert Lucas & Cia.

Na contramão, mas com os mesmos métodos, alguns críticos do capitalismo sucumbem ao determinismo, soterrando a plasticidade desse modo de produção na cova rasa das velhas e encarquilhadas teorias do colapso final. Muitos críticos à esquerda imaginam estar prestando homenagem à boa tradição de seu pensamento, cedendo passo a supostos automatismos e inevitabilidades que estariam implícitos na dinâmica do capitalismo. Karl Marx se contorce na tumba.

Essas manobras ideológicas escondem as possibilidades da ação humana coletiva, oportunidades que emergem das mutações da estrutura socioeconômica e de sua compreensão transformadora pelas camadas sociais empenhadas na luta democrática. Os movimentos de apoio a Sanders e Trump vão sobreviver às eleições de 2016. •

colunistas@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

O fascismo mal disfarçado de Le Pen e seu guarda-costas brucutu (atrás, à direita)...

Ou vai ou racha

FRANÇA Esta eleição vai decidir não só o futuro do país, como também o da União Europeia e do mundo

POR ANTONIO LUIZ M. C. COSTA

JEFF PACHOUD/AFP E JEAN-PH LIPPE KSIAZEK/AFP

Do Chile à Coreia do Sul, muitas eleições relevantes acontecerão em 2017. Só na Europa serão oito, sem contar as regionais e municipais. De todas, a eleição presidencial francesa, cujos dois turnos serão em 23 de abril e 7 de maio (seguida em 11 e 18 de junho pelas eleições parlamentares), é a mais capaz de abalar o mundo.

Em setembro, a Alemanha também vai às urnas, é economicamente mais poderosa e a eleição de Angela Merkel e sua frente conservadora para um quarto mandato não pode mais ser dada como certa. Na segunda-feira 6, uma pesquisa pôs à frente, pela primeira vez, o Partido Social-Democrata, liderado por Martin Schulz, ex-presidente do Europarlamento. Essa seria, porém, uma alternância de poder dentro das regras usuais do Pós-Guerra. Pode mudar algumas políticas sociais e econômicas e influenciar os rumos do continente, mas dentro dos limites usuais. A ultradireita xenófoba da AfD deve se confirmar como terceiro partido, mas não parece ter chances, ao menos desta feita, de participar de uma aliança governamental.

É diferente o caso da França, onde a ultradireita tem possibilidade real de conquistar a chefia de um Estado quase presidencialista. Isso provavelmente

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 40
EUA. No condado de Washington, em Maryland, Trump é aclamado

... encontraram um rival à altura no populismo liberal de Macron, novo favorito

significaria um Frexit e o colapso da União Europeia. Já abalada pelo Brexit e pela crise grega em vias de recrudescimento, não teria como absorver a perda do segundo país mais central a seu projeto e drásticas consequências financeiras e geopolíticas se fariam sentir em todo o mundo antes do fim do ano. Sua derrota, por outro lado, permitiria ao sucessor de François Hollande e aos demais líderes europeus ganhar tempo para enfrentar os problemas crescentes da organização. Se eles têm alguma ideia sobre como aproveitar essa oportunidade é outra questão.

Marine Le Pen é a favorita para vencer o primeiro turno e, ao contrário do pai, Jean-Marie, em 2002, tem possibilidades de ampliar significativamente sua votação no segundo turno. As raízes fascistas de sua família são notórias. O pai recebeu regularmente colaboracionistas de Vichy e

Esta eleição importa mais que a alemã. Uma França nacionalista seria o fim da UE

ex-oficiais da SS e insiste em considerar o Holocausto um deslize menor, se tanto. A filha é mais discreta, mas é opositora feroz do euro e da imigração e seu verniz de civilização é tênue. Na quinta-feira 2, durante uma visita a uma feira de empreendedorismo, o jornalista Paul Larrouturou tentou perguntar à candidata sobre a cobrança pelo secretário-geral do Europarlamento de 300 mil euros por sua contratação irregular de auxiliares pessoais e da Frente Nacional como funcionários fantasmas da instituição. Um dos denunciados, o guarda-costas brucutu Thierry Légier, arrastou o repórter pelo colarinho para fora da sala de exposição.

O candidato da centro-direita, François Fillon, não pôde recorrer ao mesmo argumento ao ser acusado de desviar 900 mil do Parlamento francês, destinados à esposa Penelope e filhos, por serviços jamais prestados. Depois de esbravejar contra os jornalistas e falar de "conspiração" e "golpe de Estado", acabou por admitir a verdade, mas alegou ser essa uma prática legal e comum e recusou abrir mão da candidatura presidencial. Talvez funcionasse em outro momento, mas a paciência dos eleitores franceses para tais abusos foi desgastada por dez anos de austeridade e Fillon fez demasiado alarde da suposta integridade para se diferenciar da corrupção hoje notória do

Tão perto e tão longe. Hamon (*acima*) e Mélenchon são ideologicamente bem próximos. Unidos, chegariam ao segundo turno. Mas as esquerdas francesas e europeias não sabem o que querem

ex-presidente Nicolas Sarkozy e outros colegas de partido. Caiu nas pesquisas e deixou de ser o favorito para disputar o segundo turno com Le Pen.

Para quem a quer longe do Eliseu, isso foi providencial. Fillon venceu as primárias do partido Republicanos com um discurso de conservadorismo moral e neoliberalismo intransigente, mas essa mensagem é impopular fora das hostes da direita. Seus partidários esperavam ver os eleitores de centro e esquerda se sentirem obrigados a apoiá-lo, de boa ou má vontade, para evitar a vitória do fascismo. As pesquisas para o segundo turno de fato o mostram capaz de vencer Le Pen por 56% a 44%, mas isso se confirmaria na realidade? Ante um segundo turno com um Thatcher de calças, Le Pen enfatizaria seu lado populista, ao menos no que se refere aos brancos nativos. Muitos desses acabariam por apoiá-la ou se abster para proteger seus direitos sociais e leis trabalhistas. Some-se a isso o risco de um atentado fundamentalista voltar a despertar as paixões xenófobas na França.

Com a queda de Fillon, o segundo lugar passou a ser de Emmanuel Macron, que deixou o Partido Socialista Francês em 2009 e foi ministro da Economia supostamente técnico e apartidário do governo Hollande de agosto de 2014 a agosto de 2016, quando renunciou para fundar o partido "Em Marcha!" e candidatar-se à Presidência. Por mais que a mídia insista em tratar "populismo" como sinônimo de "radical" ou "iliberal", Macron é um populista liberal, capaz de falar às massas por cima de ideologias e partidos. Assim como Alain Juppé, o pré-candidato derrotado por Fillon nas primárias conservadoras, Macron é favorável a reformas liberais com a manutenção de um grau razoável de bem-estar social, bem como a avanços como o direito ao aborto e ao casamento igualitário, atacados por Fillon.

Sarkozy chamou Macron de "um pouco homem, um pouco mulher, a moda do momento, andrógino" e fez circular um boato sobre um suposto caso homossexual do candidato, casado, com Mathieu Gallet, presidente da estatal Radio France, mas é duvidoso se isso teria grande impacto mesmo se a fonte fosse mais crível. Se não chega a ser a continuidade do governo Hollande, Macron é mais palatável ao centro-esquerda, significaria a continuação do atual social-liberalismo envergonhado com menos vergonha e mais coerência e apresenta uma margem confortável sobre Le Pen nas pesquisas para segundo turno, perto de 65% a 35%.

Resta-lhe um possível obstáculo. As pesquisas publicadas em 7 e 8 de fevereiro indicam 25% a 26% para Le Pen, 21% a 23,5% para Macron, 17% a 20% para Fillon, 14,5% a 15,5% para o socialista Benoît Hamon e 10,5% a 13,5% para Jean-Luc Mélenchon, da Frente de Esquerda, aliança de dissidentes

PATRICK KOVAR K/AFP, JEAN-FRANCOIS MONIER/AFP E YOHAN BONNET/AFP

socialistas com o Partido Comunista.

Hamon é um ex-ministro da Educação que saiu do governo Hollande em agosto de 2014 em protesto contra a virada liberal associada à nomeação de Macron. Tem como bandeira uma renda mínima de cidadania de 750 euros mensais, representa a ala esquerda do partido e venceu inesperadamente Manuel Valls, ex-primeiro-ministro de Hollande que, consciente da impopularidade, não se atreveu a tentar a reeleição. A ala centrista aceitou mal o resultado e tende a cruzar os braços ou apoiar Macron, mas ainda assim Hamon tem perto do dobro dos 7% a 9% de intenções de voto em Hollande antes da desistência oficial e bem mais do que os 10% a 12% de Valls quando era considerado o provável candidato socialista. Suas posições não são tão distantes daquelas de Mélenchon e, somadas, as duas forças de esquerda estariam no segundo turno no lugar de Macron. A aliança, embora lógica, está longe de ser certa. Mélenchon quer de Hamon uma ruptura clara com o governo Hollande e o afastamento de figuras destacadas da corrente de centro, o que Hamon não parece disposto a conceder.

É mais um exemplo da tendência à autodestruição das esquerdas europeias,

Os progressistas defendem a teoria da UE e condenam a prática. Como explicar às massas?

incapazes de aderir a uma estratégia comum em relação aos problemas do continente. Tanto os centro-esquerdas tradicionais quanto as novas forças têm dificuldades para explicar o que pretendem.

O Podemos, após ter saído do nada para a condição de segundo partido espanhol em intenção de votos em menos de três anos, pode se despedaçar em seu segundo congresso, a ser realizado em 11 e 12 de fevereiro. Íñigo Errejón, segundo nome do partido, prega uma agenda mais moderada e inclusiva com a qual tenta eleger seguidores para a direção e dividir o comando com o atual líder Pablo Iglesias. Este ameaça voltar para casa se não puder continuar a decidir os caminhos do partido com sua equipe de confiança, enquanto uma terceira corrente ainda mais à esquerda e menos personalista, "Os Anticapitalistas", corre por fora.

Tradição, família e hipocrisia.
O conservador Fillon, ex-favorito, deu-se mal ao alardear moralidade cristã e integridade, enquanto empregava a esposa como funcionária fantasma

No poder, o Syriza grego não conseguiu ser coerente com seu discurso radical. Alexis Tsipras capitulou ante a Troika e implodiu seu partido, que dificilmente voltará a ganhar uma eleição. Yannis Varoufakis, segundo nome mais conhecido do seu governo, deixou a política grega para fundar um movimento de reforma da União Europeia, enquanto Zoe Konstantopoulou, ex-presidenta do Parlamento, fundou um novo partido, o "Rumo da Liberdade".

Com seus princípios humanistas, solidários e pacifistas contraditos pela estrutura antidemocrática e pela ditadura austeritária das elites financeiras, a União Europeia cria para seus progressistas um dilema análogo ao dos críticos de esquerda da União Soviética, igualmente condenados a defendê-la em teoria, mas combatê-la na prática realmente existente. É uma mensagem pouco compreensível para as massas e talvez para os próprios militantes. Enquadrar Bruxelas e Frankfurt e reformar profundamente as instituições europeias exigiria unificar e mobilizar a vontade popular em escala europeia, apesar das xenofobias, das desconfianças mútuas e do descrédito alimentados pela longa austeridade. Se houver um caminho para isso, passa pela coincidência de governos de esquerda, ou pelo menos de um centro-esquerda decidido, na França e Alemanha, talvez também Espanha e Itália. Se qualquer desses países cair nas mãos da direita nacionalista, os dias do Tratado de Maastricht estarão contados. •

Na capital da trumplândia

The Observer No condado de Washington, Maryland, o republicano só recebe aplausos

POR DAVID SMITH

JASON CONNOLLY/AFP E CHET STRANGE/THE OBSERVER

Ganchos de ferro fundido, discos infantis de vinil, embalagens de alimentos clássicas, cestos para tabaco, potes de azeitona em estilo vintage e um telefone com disco ocupam as prateleiras na James and Jess' House of Goods. A loja de antiguidades abriu há dois anos, "rústica, tendência, chique", com um slogan simpático: "Principalmente antigo, com um pouco de novo".

Se a House of Goods ficasse em Washington, capital dos Estados Unidos, seria fácil apostar que seus donos teriam votado em Hillary Clinton. Mas ela fica a 120 quilômetros, no condado de Washington, onde Donald Trump ganhou com facilidade. E, enquanto a capital norte-americana foi agitada por protestos desde a mudança de Trump para a Casa Branca, pelo ângulo de Jess e James ele tem se saído muito bem.

"Eu adoro Trump", afirma James Zawatski. "Dou-lhe crédito por fazer o que disse que faria. Muitos políticos não o fazem. Tenho 47 anos e nunca votei na vida, mas, este ano, sim. Precisávamos de alguém com um par de bolas para fazer o que é preciso. Estou cansado desses liberais."

O impacto de Trump em Washington, semelhante ao de um asteroide, causou surpresa, consternação, desorientação, incredulidade e raiva. Os políticos democratas foram desequilibrados por um adversário ousado, enquanto os republicanos lutavam para se adaptar a um aliado imprevisível. A mídia despejou críticas. Os moradores da capital dos EUA, onde Hillary teve 90,9% dos votos, contra 4,1% de Trump, manifestam sua mortificação e seus temores. E a Marcha das Mulheres no mês passado foi uma declaração dramática de resistência ao novo presidente.

Quando se cruza a linha de frente da política cada vez mais tribal dos EUA, em Hagerstown, condado de Washington, estado de Maryland, a perspectiva está invertida. Enquanto os críticos veem a proibição de Trump às viagens como "antiamericana" e motivo de caos nos aeroportos, os defensores acham que ele preserva sua segurança. Enquanto os críticos o veem explodir a política externa, brigar com a Austrália e impor sanções ao Irã, os defensores acham que ele é durão. Onde os críticos o veem demitir a procuradora-geral e pisotear a Constituição, os defensores o veem esmagar com coragem a velha ordem. E, enquanto ativistas protestam, colunistas fulminam e milhões se encolhem de medo de um mundo que gira em direção à catástrofe, os seguidores os chamam de "bebês chorões" liberais e elogiam Trump como o primeiro político que cumpre promessas de campanha. Eles não o veem como um rinoceronte em disparada, mas como um homem forte que fala o que pensa.

Os fãs estão felizes com a disposição do presidente de cumprir suas promessas

Seu plano de construir um muro na fronteira com o México é um exemplo dessa complementaridade de visão de

Sem mimimi? Zawatski, dono de uma loja de antiguidades: "Precisávamos de alguém com um par de bolas para fazer o que é preciso"

mundo. "Adoro os imigrantes, adoro os mexicanos, mas há um modo de fazer isso, há um procedimento", acredita Zawatski, que descende de imigrantes italianos. "Eles chegam e têm direitos a mais que eu, que dou duro sete dias por semana. Somos um grande país, mas se aproveitam de nós."

O lojista sugere: "Pessoalmente, eu não gastaria dinheiro com o muro. Apenas atiraria neles quando entrassem. Então eles não viriam mais".

Zawatski teve pouca simpatia pelas centenas de milhares que participaram da Marcha das Mulheres, muitas das quais usavam "chapéus de vagina" cor-de-rosa e carregavam cartazes a condenar Trump por sua antiga gabolice de ser capaz de segurar as mulheres "pela vagina". Ele não apenas não enxerga a misoginia de Trump, como a apoia: "Que homem nunca agarrou a vagina de uma mulher? Que homem não fala no vestiário sobre o que ele fez com uma mulher na noite anterior? As mulheres também fazem isso. Somos todos humanos". Sua mulher, Jess, 35 anos, concorda: "É uma coisa de homens. Sei que James fala desse jeito entre os rapazes. Por isso não acuso Trump".

A Marcha das Mulheres, acrescenta ela, "foi a coisa mais idiota, porque algumas diziam que são tratadas de forma desigual. As mulheres podem se erguer e ir atrás do que querem. Os homens não têm atrapalhado".

Enquanto Zawatski, que tem tatuagens nos braços e usa uma camiseta com os dizeres: "Tatuado e empregado", falava ao *Observer*, um homem roubou uma bola decorativa de 79 dólares que estava sobre um suporte do lado de fora. Zawatski o viu e correu para fora, fazendo o homem devolver o objeto sem discussões. "Tecnicamente, é um viciado", comentou. "Tem muitas barbearias aqui que não são barbearias, se você me

entende." E acrescenta, enquanto se compara a Trump: "Eu digo ao delegado 'faça o seu trabalho. Simplesmente, faça-o'".

Hagerstown tem problemas de drogas, e várias lojas e cafés fechados continuam vazios. A cidade desafia e confunde, porém, percepções do mapa consideradas cruciais para a vitória de Trump. Não é o Sul Profundo que vota nos republicanos, nem o Cinturão do Ferro indeciso, retratado em seu discurso de posse obscuro e agressivo sobre "fábricas enferrujadas espalhadas como lápides" e a rubrica "chacina americana".

Ao contrário, fica em Maryland, onde Hillary ganhou com mais de 60% dos votos. É uma cidade quase bonita, com torres de igrejas e edifícios históricos, um bom museu de artes, trilhas para ciclismo e caminhadas, teatros e um departamento de turismo cheio de folhetos sobre o legado da Guerra Civil na região e as origens de Hagerstown, a envolver um imigrante do século XVIII. Na quinta-feira 2, estudantes eram vistos na saída de uma escola de artes depois das aulas.

"O país estava ladeira abaixo, ninguém nos respeita mais", diz Marlon Michael, eleitor de Trump

A renda familiar média anual no condado de Washington é de 56.477 dólares (cerca de R$ 176 mil), acima da média do país, mas bem abaixo da média estadual, de 74.149 dólares (231 mil reais). O condado votou muito mais em Trump (64%) do que em Hillary (31,6%). É uma área republicana em um estado democrata, ou, como disse vividamente o seguidor de Hillary Al Steinbach, 64 anos, um representante de vendas: "Eu chamo Maryland de o mapa da vagina: bem no centro é azul (democrata). À esquerda e à direita é vermelho (republicano). Bem-vindo à América dividida".

Steinbach, "literalmente com medo" do que Trump poderá fazer, lê diariamente o jornal *The Washington Post* e ouve a Rádio Pública Nacional. "Quando ligo na Fox News e vejo o que o outro lado tem dito, fico consternado ao ver como são extremistas."

No passado, dizia-se que as comunidades se uniriam pelos jornais e as rádios locais, estabelecendo ao menos um certo terreno comum. Agora, na era da mídia digital fragmentada, todo mundo que tem um telefone é uma ilha. Na quinta 2, Anthony Kline, 38 anos, um trabalhador, estava sentado em um bar simples, vendo um novo vídeo no Facebook, feito por um homem barbado e musculoso que dizia estar no Iraque.

O homem, chamado Steven Gern, disse ter perguntado aos iraquianos o que aconteceria se ele desse um passeio pela cidade, e lhe responderam que ele seria agarrado, torturado e decapitado em vídeo. Assim, afirmou ele, por que deveria deixar os iraquianos entrarem em seu país? Segurando o telefone com a mão tatuada, Kline concluiu: "Essa é a simples realidade".

O coro de indignação liberal que saúda Trump diariamente não apenas cai em ouvidos moucos entre seus apoiadores como também parece reforçar sua opinião de que o presidente tem enfrentado uma elite privilegiada e egoísta. Sobre a Marcha das Mulheres um dia depois da posse, Kline disse: "Tem muitos filhinhos de mamãe liberais acostumados a ter tudo o que querem. É como a criança mimada que não está habituada a ouvir um não. Quando você lhe diz não, ela não sabe como reagir".

Do outro lado da cidade, Marlon Michael, 50 anos, ainda tem uma faixa de Trump, "Faça a América ser grande novamente", diante de sua casa, parte de um sobrado com paredes de plástico

CARLOS BARRIA/REUTERS/ZUMA PRESS/FOTOARENA

e um mastro com a bandeira americana. "O país estava ladeira abaixo, e o resto do mundo não nos respeita mais", disse ele. "Trump prometeu trazer tudo aquilo de volta, como nos velhos tempos." E o veredicto até agora? A resposta de Michael seria impensável em áreas de Manhattan: "Ele tem se saído maravilhosamente, feito tudo o que disse que faria, e você não pode pedir mais que isso de um político".

Democratas, ativistas e comentaristas da mídia denunciaram a ordem executiva de Trump que barra viajantes de sete países de maioria muçulmana, tanto por sua execução atrapalhada quanto por sua intenção sinistra. Uma pesquisa da Reuters/Ipsos concluiu que 31% dos entrevistados disseram que a proibição os faz se sentirem "mais seguros", enquanto 26% se sentiam "menos seguros". Outros 33% disseram que não faria diferença, e o restante disse não saber.

Os eleitores de Trump como Michael, ex-fuzileiro naval dos EUA que trabalha na construção de casas, deram apoio total: "Isso deveria ter sido feito 8 ou 12 anos atrás, ou depois do 11 de Setembro", acredita. "Nos últimos oito anos, tivemos um presidente que era meio mole com os muçulmanos. Trancamos nossas portas para os outros não fazerem confusão em nossas casas. O mesmo vale para os EUA."

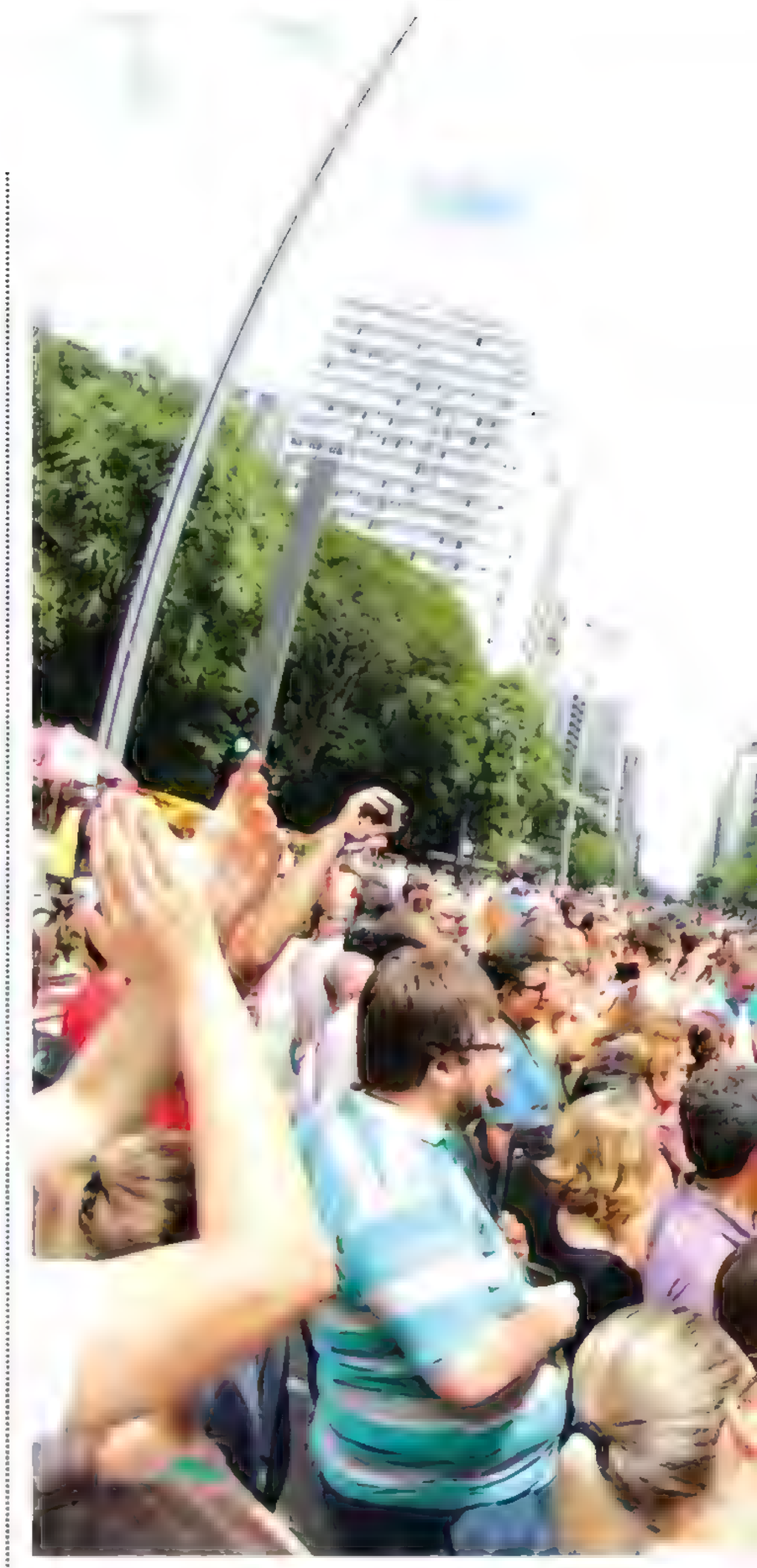
Michael assiste à Fox News ("a CNN tem muita besteira mentirosa e Trump os denuncia") e só tem desprezo pela Marcha das Mulheres. "Muito idiota. Para quê? Que mais privilégios vocês querem? As mulheres têm direitos iguais. Elas continuarão a lutar por isso até o fim dos tempos." Vestido com uma camiseta do Dallas Cowboys com a imagem de uma mão com o dedo médio erguido, Michael dá nota 9 a Trump. "Minha única queixa é que eu gostaria que ele ficasse fora do Twitter." •

Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves

A sinfonia do caos

MÚSICA A extinção da Banda Sinfônica de São Paulo chama atenção para o problema das orquestras brasileiras sucateadas

POR JOTABÊ MEDEIROS



Nesta semana, a Avenida Paulista, que sempre abriga protestos ruidosos, viu uma manifestação diferente, afinadinha, vestida de casaca. Eram músicos clássicos tocando no meio da avenida em um esforço para que as autoridades paulistas poupassem empregos e mantivessem sua orquestra. Não adiantou: todos os 65 integrantes da Banda Sinfônica do Estado de São Paulo seriam oficialmente demitidos na última quinta-feira, após 27 anos de funcionamento.

A extinção da Banda Sinfônica, por decisão direta do governo Geraldo Alckmin (PSDB), vinha sendo ensaiada. Outras duas formações clássicas do corpo sinfônico do estado também estavam em vias de ser "descontinuadas": a Orquestra Jazz Sinfônica e a Orquestra do Theatro São Pedro. Com a repercussão negativa de acabar com três orquestras de uma só vez, o governo optou por mantê-las, mas revelou ao repórter João Luiz Sampaio, do jornal *O Estado de S. Paulo*, que pretende fazer cortes de até 20 músicos, demitindo integrantes e inviabilizando seu desenvolvimento (a Orquestra do Theatro São Pedro, por exemplo, ficaria com 32 músicos).

"Com relação aos outros dois corpos estáveis, possíveis ajustes, se houver, serão pautados tecnicamente pelas respectivas direções artísticas, a quem compete especificar o número de músicos necessários, uma vez que este dado não é estabelecido no contrato de gestão celebrado com a Secretaria da Cultura", informou a pasta, em nota oficial.

A agonia da Banda Sinfônica vinha se arrastando desde meados do ano passado. Criado em outubro de 1989, o conjunto foi se tornando, progressivamente, uma espécie de passagem obrigatória de jovens músicos. A eficácia de sua ação foi medida por uma ex-novata (que se tornaria maestrina da banda), Monica Giardini. Ela defendeu dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo acompanhando a progressão dos jovens da orquestra desde a formação do conjunto até 2005. Monica concluiu que, de todos os que passaram por lá, só 8% não se tornaram músicos profissionais e não foram integrar outros conjuntos. Tanto Monica, ex-maestrina, quanto Marcos Sadao Shirakawa, o atual regente, disseram estar "muito tristes" com a situação da orquestra.

> O desmonte atinge ainda orquestras Jazz Sinfônica e do Theatro São Pedro

Formação musical em que predominam os instrumentos de sopro e percussão, a Banda Sinfônica apresentou-se em julho, como de hábito, no Festival de Inverno de Campos do Jordão. Mais de 2 mil pessoas assistiram ao concerto,

VINICIUS_GUSHIKEN

"Ninguém pergunta ao retirante donde vem nem para onde vai. É um homem que foge do seu destino. Corre do fogo para a lama"

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA (Em *A Bagaceira*, Editora José Olympio)

O Masp da Avenida Paulista recebeu uma afinada manifestação, mas Alckmin ignorou os pedidos dos músicos

na Praça do Capivari. Dedicada à criação de novas composições e novos arranjos para seu tipo específico de formação (Philip Sparke, Frank Herzberg, Satoshi Yagisawa, Franco Cesarini e outros), a banda ocupou espaço na música clássica de São Paulo e do Brasil, e acabou ganhando destaque também fora do País depois de participar, em 1997, da 8ª Conferência da World Association for Symphonic Bands and Ensembles (Wasbe), na Áustria.

"A banda não deixou de existir, ela só não está contratada pelo estado", declarou o secretário de Cultura de São Paulo, José Roberto Sadek. "À medida que conseguir algum recurso extra, voltaremos a tentar chamar a banda. É uma questão de gestão cultural muito difícil. Mas é nossa função fazer o melhor possível com o que a gente tem", disse ele ao jornal *O Globo*.

A Banda Sinfônica, entretanto, nunca ficou parada esperando o recurso extra aparecer. Segundo relato dos músicos, eles procuraram os deputados estaduais na Assembleia Legislativa do Estado para garantir um aporte extra no orçamento que lhes garantisse a sobrevida neste ano. Mas foi o próprio Alckmin que fez a opção.

No fim do ano passado, após outro concerto-protesto nos salões da Assembleia Legislativa, os músicos obtiveram uma emenda parlamentar de 5 milhões de reais com os deputados. "Não era a solução definitiva, mas com certeza foi a promessa de um respiro aliviado para negociarmos a continuidade da banda", escreveram, na página oficial no Facebook.

Entretanto, o governo do estado não honrou o acordo firmado com os parlamentares. O dinheiro da emenda foi contingenciado pelo governador, embora o acerto tenha sido feito pelos deputados Cauê Macris e Fernando Capez, ambos do mesmo partido do governador, o PSDB.

O "adágio" da Banda Sinfônica não é um drama desconhecido das orquestras. Se o leitor abrir o site de uma das mais antigas formações musicais do Brasil, a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), fundada em 1940 no Rio de Janeiro, encontra o recado: "A Orquestra Sinfônica Brasileira precisa de sua ajuda para continuar existindo", e dois números para ligar para doações.

Em 16 de janeiro, os músicos da OSB emitiram uma nota de solidariedade à Banda Sinfônica, ressaltando que seu conjunto "também vive o risco de encerrar as atividades por falta de atenção do poder público". Acrescenta a nota: "Diante dos desafios econômicos e sociais no Brasil, pôr fim às atividades de uma instituição cultural significa, mais do que adequação de gastos, a aniquilação de um dos pilares da sociedade: a arte. Durante as maiores crises da história, mesmo em tempos de guerra, os obstáculos foram superados com a presença da arte, componente visceral de uma sociedade que nela vê refletido o sentido de sua existência".

É uma triste situação para uma orquestra com tamanho prestígio e história. O pianista Arnaldo Cohen tinha 14 anos quando pisou no palco do Theatro Municipal do Rio para tocar o primeiro concerto de Mendelssohn, ao lado da OSB. Além de Cohen, a orquestra contribuiu para revelar nomes como Nelson Freire e Antônio Meneses e teve colaborações de regentes como Leonard Bernstein, Zubin Mehta, Kurt Sanderling, Arthur Rubinstein, Claudio Arrau e Rostropovich.

Tradicionalmente, as atividades da Fundação OSB são viabilizadas com apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro, além de investidores privados. Nesta semana, a nova secretária de Cultura do Rio de Janeiro, Nilcemar Nogueira, reuniu-se com o presidente do conselho da Sinfônica Brasileira, Eleazar de Carvalho Filho. Nilcemar disse considerar a orquestra "um patrimônio" da cidade e que quer todas as linguagens

culturais em diálogo com a nova gestão. "Conversamos sobre parcerias futuras entre a orquestra e a prefeitura", declarou.

Em todo o País, as notícias são as piores possíveis para a área de música orquestral e instrumental. Mesmo o prestigioso Festival de Campos do Jordão trouxe toda a parte didática para a capital, para economizar recursos. Em Curitiba (PR), o recém-eleito prefeito Rafael Greca (PMN) cancelou a 35ª edição de um dos mais tradicionais festivais do gênero do Sul do País, a Oficina de Música de Curitiba. Seria entre os dias 7 e 29 de janeiro, e muitos grupamentos e músicos já tinham as passagens compradas para a mostra.

Por conta do que consideram um massacre imposto ao setor, dezenas de músicos de São Paulo criaram o movimento

Drama nacional. A Orquestra Sinfônica Brasileira também enfrenta uma situação delicada; José Roberto Sadek, secretário de Cultura paulista, admite dificuldades

Música pela Democracia, que montou um show coletivo aberto ao público para o sábado, dia 11, no club Jazz nos Fundos, em Pinheiros. O grupo enxerga um sucateamento deliberado de políticas culturais, segundo um dos seus líderes, o compositor, arranjador e baterista Carlos Ezequiel, que estudou no prestigioso Berklee College americano.

"A área de música instrumental nunca foi objeto de grande atenção do poder público, mas o que nós estamos vendo agora é uma estratégia de desmonte generalizada", ele diz. "E o que estamos cobrando das autoridades é o cumprimento da Constituição, que assegura o acesso à cultura a toda a população do Brasil. Estão desrespeitando a Constituição."

Na pauta do movimento, além do recente desmonte de orquestras, festivais e escolas públicas de música, estão questões como o aparelhamento político do Ministério da Cultura, a criação da Lei de Fomento à Música em São Paulo e a revisão da Lei Rouanet e do Procultura, segundo o manifesto dos artistas. •

CICERO RODRIGUES E ALINE ARRUDA/AGÊNCIA FOTO

Bravo!

"O melancólico deve ser alegrado, serenado: deve-se tentar devolver-lhe a sensação de seu valor"

JEAN STAROBINSKI
(EM *A TINTA DA MELANCOLIA*, CIA. DAS LETRAS)

EXPOSIÇÃO

Tropical e *O Grupo dos Cinco*, com os amigos modernistas, compõem a fase de interesse pela temática nacional de Anita

O pioneirismo de Anita

MUSEU DE ARTE MODERNA DE SÃO PAULO REAVIVA A IMPORTÂNCIA DA ARTISTA QUE ESTAVA À FRENTE DE SEU TEMPO

Aos 28 anos, a paulistana Anita Malfatti acumulava uma bagagem cultural invejável. Tinha vivido em Berlim, entre 1910 e 1913, quando entrou em contato com a efervescente arte moderna alemã, e por outros dois anos nos Estados Unidos, onde estudou na Art Students League, em Nova York. Em 12 de dezembro de 1917, ousou montar a Exposição de Arte Moderna, no Centro de São Paulo. Cada uma das 53 obras, entre pinturas, gravuras, desenhos e aquarelas, era vendida a preços que variavam de 50 a 1,2 mil-réis. Oito dias depois, Monteiro Lobato publicou um artigo em *O Estado de S. Paulo*, em que elogiava o talento da jovem pintora, mas menosprezava os traços modernos desses trabalhos. A crítica fez com que cinco obras compradas fossem devolvidas.

O episódio foi o estopim para a realização da Semana de Arte Moderna, em 1922. Porém, como efeito colateral, eclipsou em parte a história da artista que vivia um passo à frente de seu tempo. "Todos dizem que, depois de 1917, Anita não foi mais a mesma. Mas naquele ano ela se revelava na vanguarda, já antecipando um retorno à ordem", explica a curadora Regina Teixeira de Barros. É com esse olhar de revalorizar e ressignificar a magnitude do pioneirismo da pintora que Regina montou a exposição *Anita Malfatti: 100 anos de Arte Moderna*, em cartaz no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo. Com 70 obras, apresenta cronologicamente momentos centrais da trajetória da modernista. Ao tratar do interesse pela temática nacional, com obras como *Tropical* e *O Grupo dos Cinco* (nele estão Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e ela própria), atravessa uma fase naturalista influenciada pelos anos de estudo em Paris e encerra com os quadros ora familiares, ora populares, de 1930 a 1950.

De forma oportuna, o MAM traz também a mostra *O Mercado de Arte Moderna: 1947-51*, com curadoria de José Armando Pereira da Silva, que relembra os 70 anos da Galeria Domus. Aberta entre 1947 e 1951, a Domus foi fundada pelo casal de italianos Anna Maria e Pasquale Fiocca e organizou 91 exposições de artistas como Tarsila do Amaral, Victor Brecheret, Alfredo Volpi, Di Cavalcanti, Oswald e Mario Zanini. – Eduardo Nunomura

ANITA MALFATTI: 100 ANOS DE ARTE MODERNA
O MERCADO DE ARTE MODERNA EM SÃO PAULO: 1947-51

MAM-SP, Parque do Ibirapuera, até 30 de abril, 6 reais e gratuita aos sábados

ISABELLA MATHEUS E ROMULO FIALDINI

Bravo! AGENDA

SÃO PAULO

Autointitulados coletivo (em vez de banda) e inspirados na MPB dos anos 1960 e 1970, os jovens compositores do **5 a Seco** antecipam o próximo álbum, ***Síntese***, no **Sesc Bom Retiro**. Dias 18, às 21h00, e 19, às 18h00. 30 reais.

SÃO PAULO

O **Instituto Tomie Ohtake** apresenta a primeira exposição individual brasileira do artista tcheco **Jiří Kolář** (1914-2002). ***As Descobertas de Jiří Kolář - Colagem e Experimentação*** fica em cartaz de 15 de fevereiro a 2 de abril. Gratuito.

LITERATURA

A ENCHENTE DE OSWALD

POESIA COMPLETA DO MODERNISTA CHEGA ÀS LIVRARIAS COM 22 POEMAS INÉDITOS E JOGA NOVA LUZ SOBRE O ESCRITOR

Publicado pela primeira vez há 72 anos, volta às livrarias o volume *Poesias Reunidas*, de Oswald de Andrade (1890-1954), acrescido de 22 poemas inéditos (Companhia das Letras, 59,90 reais). Naturalmente, os inéditos chamam mais atenção do que os poemas muito conhecidos que integram o conjunto – "Pau Brasil" (1925), "Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade" (1927), "Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão" (1942), "O Escaravelho de Ouro" (1946), "Poemas Menores" (de 1925 e 1944), "Poemas Dispersos" e, finalmente, "Poemas Inéditos". Em um desses poemas, *Reivindicação*, Oswald imodestamente chama a si mesmo de precursor de toda a modernidade, em seu estilo bonachão. *"Que pena/ Não achar/ Aquele Poema/ Que eu fiz/ Antes de todos os poemas/ De Mario de Cendrars de Luiz Aranha e de Manuel"*.

A edição chama a atenção para os "cortes rápidos e telegráficos" da poesia de Oswald, além de "técnicas de montagem das artes plásticas e do cinema". Mas seriam essas qualidades suficientes para assegurar a relevância de seus poemas ainda hoje? Parece que o que garante isso é o próprio cosmopolitismo visionário de Oswald, anotado em texto de Paulo Prado, de 1924, que abre a edição de *Pau-Brasil*: "Oswald de Andrade, numa viagem a Paris, do alto de um atelier da Place de Clichy – umbigo do mundo – descobriu, deslumbrado, a sua própria terra".

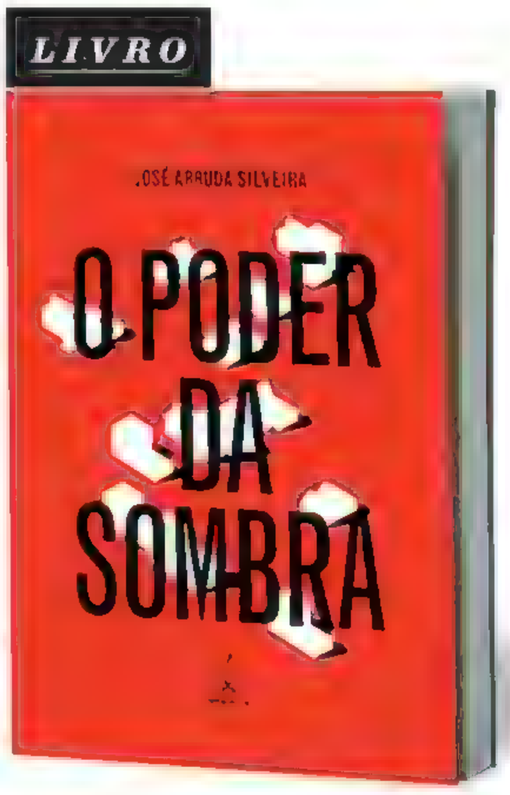
Oswald, no poema-manifesto "Falação", que abre *Pau-Brasil*, expõe sua mecânica de combate: a contribuição milionária de todos os erros, a sábia preguiça solar, a reza, a hospitalidade. O sarcasmo e a alegria caminhando lado a lado, abrindo fendas na sociedade de "doutores anônimos" e "náufragos eruditos".

No caldo cultural de Oswald, coube o Brasil de "bois, arados e rosas, cavalos e motocicletas". Tanto a observação sociológica e antropológica quanto o termômetro da linguagem industrial, pop, "bicos elásticos sob o jersey", a couve mineira com gosto de bife inglês, serviram sua poesia e dela se serviram.

A felicidade anda a pé/ Na Praça Antonio Prado/ São 10 horas azuis/ O café vai alto como a manhã de arranha-céus/ Cigarros Tietê/ Automóveis/ A cidade sem mitos. A influência de sua poesia é vastíssima. É possível encontrar de colegas a contemporâneos, como Roberto Piva, levados pela enchente de seu ritmo alucinante. O livro conta ainda com ilustrações originais de Tarsila do Amaral, Lasar Segall e do próprio Oswald; uma carta de Carlos Drummond de Andrade e texto de Haroldo de Campos, de 1965. – Jotabê Medeiros

Postura cosmopolitana e visionária mantém a vivacidade de Oswald

LIVRO



O BRASIL IRRESOLUTO

O Poder da Sombra.
De José Arruda Silveira.
Lamparina. 122 págs. 35 reais.

O filho do prefeito de uma tal Montenegro Paulista, no interior de São Paulo, morre assassinado, aparentemente pelo próprio irmão. Tudo leva a crer que se trata de um crime político. O romance político-policial *O Poder da Sombra* foi escrito pelo jornalista José Arruda Silveira (egresso de veículos como *Jornal do Brasil*, *Última Hora*, *O Estado de S. Paulo*, TV Rio e TV Manchete) e se apoia em fatos aparentemente imaginários. Mas parece querer dizer o tempo todo que aquilo pode, poderia, deve ter acontecido na chamada vida real. Premida por interesses privados, a Justiça não resolve completamente o caso, o que faz o leitor se remeter a episódios reais igualmente obscuros, alguns bastante recentes. A insatisfação diante do interdito, do não dito e de um Brasil sempre irresoluto se transfere do autor ao delegado, e deste ao leitor. – PAS

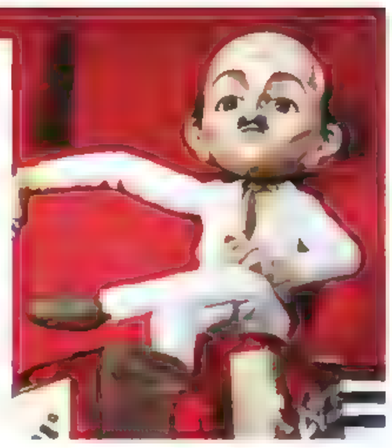
ACERVO MASP, RAFAEL BLASI, WALMOR CARVALHO/ FOTOARENA, MARCELO LACERDA E GREGORI WARCHAVCHIK

RIO DE JANEIRO

Entre Nós - A Figura Humana no Acervo do Masp é o título da exposição que leva uma amostra do acervo do Museu de Arte de São Paulo ao **Centro Cultural Banco do Brasil** do Rio. Até 10 de abril. Gratuito.

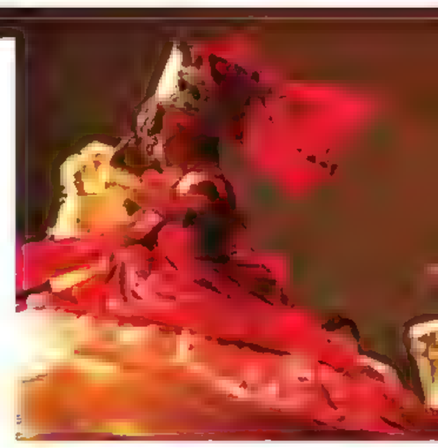
RIO DE JANEIRO

A obra musical de **Lamartine Babo** (1904-1963) inspira e povoa o musical infantojuvenil ***Tra-La-Lá***, idealizado por **Anna Bello** e dirigido por **Ana Paula Abreu**. No **Oi Futuro Ipanema**, sábados e domingos, às 16h00. 20 reais.



SALVADOR

As imagens de **Carybé** e **Pierre Verger** norteiam o espetáculo ***Tradições de uma Bahia***, criado e encenado por jovens da periferia de Salvador. No **Espaço Cultural Casa 14**, terças-feiras, às 19h30. 30 reais.



CARNAVAL

PARA BOTAR OS BLOCOS NA RUA

A FOLIA DE 2017 PROMETE INTERVENÇÃO DO PREFEITO EM SÃO PAULO E MUITO "FORA TEMER" PELO BRASIL

DE PÉ, Ó, VÍTIMAS DA FOME

Bloco Soviético. Dia 18, 14 horas, no Tubaína Bar (Rua Haddock Lobo, 74), São Paulo

Depois de apagar os grafites da Avenida 23 de Maio, o prefeito João Doria Jr. tenta orientar o Carnaval paulistano, por meio de portaria restritiva para o bairro de Pinheiros e novas regras que ameaçam transformar a anarquia dos blocos dispersos pela cidade em desfiles "organizados" no estilo Sambódromo, só que nas ruas. O Bloco Soviético pinta como foco de resistência ao dar prosseguimento à sátira debochada (mas muito bem-educada) aos velhos costumes comunistas, mas mais ainda àqueles que os odeiam no Brasil em tempos de golpe. "Só concedemos entrevistas à imprensa soviética", um porta-voz responde civilizadamente ao pedido de *CartaCapital*. - Pedro Alexandre Sanches

1

2

LEIA NA MINHA CAMISA

Eu Acho É Pouco. Sábado (25), segunda e terça-feira de Carnaval, Olinda

Há 40 anos, o Brasil sofria as consequências de ser um país castigado por um golpe de Estado. Em meio à luta pela resistência, um grupo de ativistas de esquerda decidiu fundar o hoje tradicional bloco do Carnaval de Olinda. A ironia é que, ao comemorar quatro décadas de vida, um novo golpe viceja na praça. Neste ano, a camiseta vem estampada com um "Fora Temer". - EN

SÓ AS CACHORRA

Comuna Que Pariu. Dia 27, às 14 horas, na Cinelândia, Rio. Ensaio quartas e quintas-feiras, às 19 e 21 horas, no botequim Vaca Atolada

"As bi, as gay, as trans e as sapatão tão juntas no Comuna pra fazer revolução", diz o convite do grupo carioca. Ponto final. - EN

3

4

CUIDADO COM O BULDOGUE

Pitbull Banguela. Dia 19, às 15 horas, na Vila Romana (esquina das ruas Catão e Camilo), São Paulo

Entre marchinhas ácidas do século passado, surge uma inédita: *2017 é ano pós-golpe/ ano que as velhas raposas em Brasília se uniram pra raspar o nosso cofre/ (...) tudo supercombinado com jornal, televisão.* - PAS

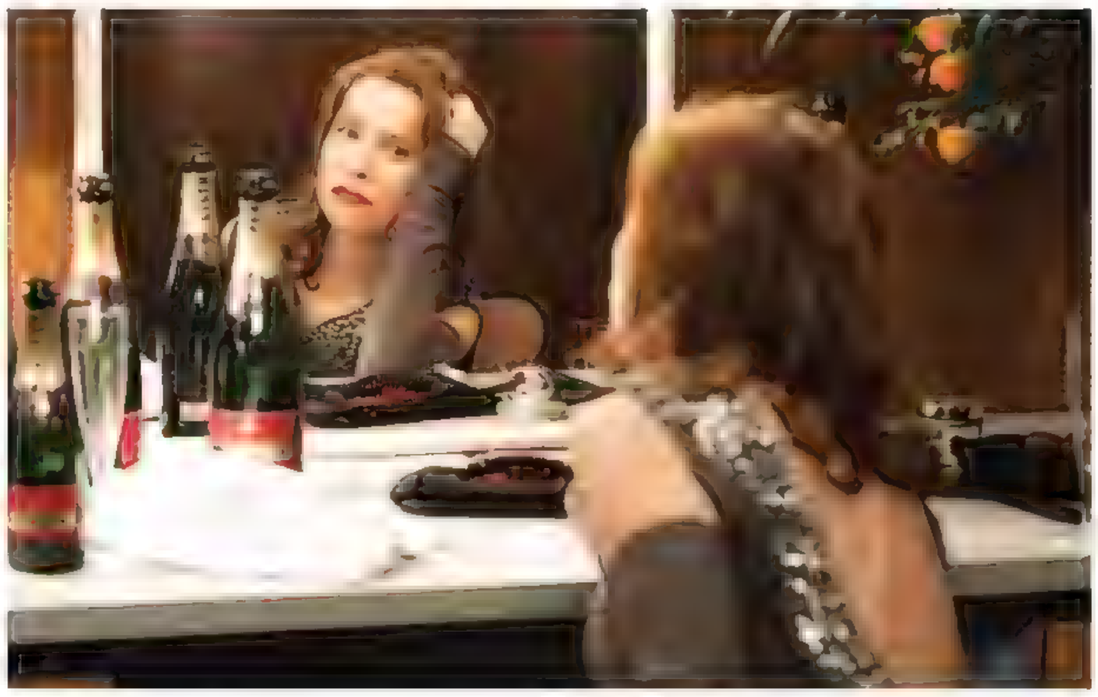
Mais rebeliões. 1. O **Sai na Marra**, de Fortaleza, tem como personagem a vidente Nauntema. Ensaios dias 11 e 18, às 17 horas. **2.** O **Bloco Popular Fora Temer** sai da Cinelândia carioca em 24 de fevereiro, às 14 horas, e promete reunir 100 mil foliões contra o golpe. **3.** No espírito de que orgulho (negro, pagodeiro etc.) também é política, o **Lua Vai** pulará ao som do Raça Negra, do Molejo e do Exaltasamba, na Praça Dom José Gaspar, no Centro paulistano, dia 19, às 11 horas. - EN e PAS

Bravo!

CINEMA

A VOZ DE ISABELLE

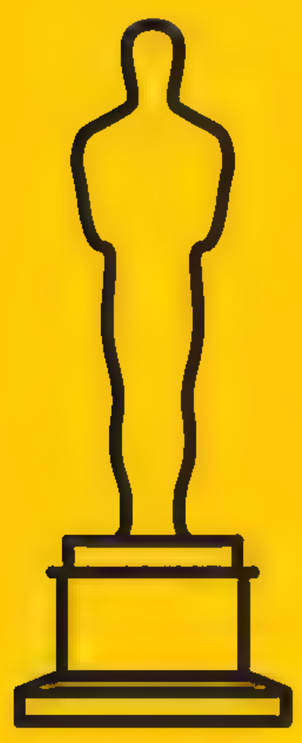
ATRIZ ESTRAÇALHA NO PAPEL DE OPERÁRIA QUE FOI CANTORA DE SUCESSO E DEPOIS ESQUECIDA



Em um passado remoto, a cantora francesa Laura (cujo nome verdadeiro é Lilliane) chegou ao final do concurso europeu da canção com a música *Souvenir*. Perdeu a finalíssima para o grupo sueco ABBA. Logo a seguir, ela começou a despencar: o agente, marido e compositor bandeou-se com outra mulher, a gravadora a abandonou. Acabou esquecida e foi trabalhar numa fábrica fazendo enfeites em tortas. Até que, certo dia, um rapaz xereta de 22 anos (cujo pai é fã ardoroso da diva que ela foi) a localiza e a obriga a voltar ao métier.

O argumento já foi usado em filmes hollywoodianos de sucesso, como *Letra e Música*. Mas *Souvenir*, dirigido por Bavo Defurne, é mais delicado ao realçar certos sonhos de proletariado alimentados pelas portas da esperança da tevê. Isabelle Huppert, que concorre ao Oscar de melhor atriz pelo filme *Elle*, é Laura/Lilliane. Isabelle é, de certa forma, propaganda enganosa: ninguém vai chegar aos 63 anos como ela. Somente ela seria capaz de fazer par romântico com um garoto de 25 anos, Kévin Azais (que interpreta o boxeur Jean), com tamanha autoridade. Dramalhão com senso de humor, acaba sendo uma bela história de amor dos tempos de Daniel Blake.

Isabelle estraçalha: sua Laura canta fazendo mímica brega e chora, mas não derrama uísque. A trilha sonora é da big band Pink Martini, que veio a São Paulo para a Virada Cultural Paulista em 2011 e crê que a grandeza dos filmes está na atmosfera criada pela música. – JM



O DESAFIO CONTINUA!

VENHA ASSISTIR OS MELHORES INDICADOS AO OSCAR AQUI COM A GENTE

USE A HASHTAG
#MARATONAOSCARNORESERVA

NOS ACOMPANHE NAS REDES SOCIAIS!
/RESERVACULTURAL
/RESERVACULTURALNITEROI
WWW.RESERVACULTURAL.COM.BR

RESERVA CULTURAL

SÃO PAULO
AVENIDA PAULISTA 900
11 3287 3529

NITERÓI-RJ
AV. VISCONDE DO RIO BRANCO 880 • 21 3811 8537

TEATRO INFANTIL

UMA PEÇA "DIFÍCIL"

Um Estranho com Asas. Cia Mevitevendo. Sesc Pinheiros, dias 12 e 19, às 15 horas. A partir de 5 reais

"Teatro para todas as idades" é o slogan da companhia gaúcha Mevitevendo, criada em 1998, com dezenas de montagens na bagagem e hoje residente em São Paulo. A peça *Um Estranho com Asas* tem classificação livre e é voltada para o público infantojuvenil. Minha caçula comentou: "Difícil". A mais velha, de 8 anos, perguntou se a encenação tinha a ver com a dificuldade de manter as amizades hoje em dia. Talvez, e é nisso que reside o valor dessa montagem, a possibilidade de compreensões distintas sobre o que cada um vê e sente.

A história fala de amizades, da passagem do tempo e da aceitação, ou não, das diferenças. Ela se passa numa pequena e prosaica vila, onde subitamente surge um ancião de asas, uma espécie de "anjo de carne e osso". A comunidade tem diferentes reações diante do recém-chegado, do menino que quer ser seu amigo ao padre que prefere excomungá-lo. A montagem inspira-se, livremente, no livro *Um Senhor Muito Velho com umas Asas Enormes*, de Gabriel García Márquez, escrito em 1968. O universo do realismo fantástico do autor colombiano está presente e é realçado com novas leituras propiciadas por técnicas que usam máscaras, sombras e bonecos-híbridos (parte corpo do ator e parte boneco). "Difícil", mas a vida não é fácil, inclusive para as crianças. – EN

Uso de bonecos, máscaras e sombras realça a história inspirada em García Márquez

ELE DESATINOU

Divina Graça. Bruno Capinan. Joia Moderna. 30 reais.

Baiano refugiado há década e meia em Toronto, no Canadá, Bruno Capinan batiza de *Divina Graça* seu segundo álbum,

O som de Capinan parte de várias fusões para discutir o culto à identidade

que tem na Tropicália uma irrefreável fonte nutriz. O tom é de fusão entre masculinidades e feminilidades, africanidades e branquitudes, candomblés e ateísmos, recato e celebração homoerótica, axé alegre e soul depressivo, racionalidade, e assim por diante.

O Jorge Ben Jor melancólico de 1970 ecoa nos falsetes de *Vicente*, explicitamente gay: *Quero sair de mim, Vicente/ só pra te ver/ seus olhos de mel/ anjo que não tem céu/ Vicente, meu anjo vingador*. A Gal Costa fatal de 1971 ressoa em *Mera Mulher*: *Olha se eu fosse a mera mulher/ que você tanto desejara/* (...) *se eu fosse aquela mulher/ senhora dos esmos/ dona das águas*. A *Tatuagem* (1971) de Chico Buarque (e de Elis Regina) se imprime transvirada em *O Porto Prazer*: *Ô, marinheiro, quem no dorso tu navegas/ leva o meu cheiro/ que na pele tatuou*. O calor afro-brasileiro da axé music ventila negritude na quase alegre *Saint Salvador*, bilíngue à moda do Caetano Veloso de *Transa* (1972).

A liberdade ao ar livre é homenageada em *Da Rua* (*sou o chão da rua*, define a letra). As religiosidades afro-indígenas misturam-se com solidão e ode à liberdade sexual em *Mandinga*: *Se mandinga desse efeito/ a gente já tinha vingado/ mesmo que eu seja pajé/ das coisas do coração/ prefiro ver meu amado/ bem feliz em outros braços*. Na reta torta entre o gay, o negro, a mulher e seus múltiplos meios-termos, o culto à identidade é a senha de Capinan. - PAS

Bravo!

CD

ELA NÃO DESATINOU

Soltasbruxa. Francisco, el Hombre. Independente. 30 reais.

Triste, Louca ou Má usa uma referência a *Ela Desatinou* (1968), de Chico Buarque, para recusar o senso comum silencioso de que mulheres são por "natureza" tristes, loucas ou más. A banda chama-se Francisco, el Hombre e é formada por uma mulher (que canta a faixa em questão) e quatro homens, sendo três cidadãos brasileiros e dois mexicanos. No título do CD independente de estreia, El Hombre solicita algo de que todos nós sentimos falta: *Soltasbruxa*.

Banda lança disco de soma, com rock, MPB e folk latino-americano

Aceita que tudo que tudo deve mudar/ que um homem não te define/ sua casa não te define/ sua carne não te define/ você é seu próprio lar, canta Juliana Strassacapa em *Triste, Louca ou Má*, antes de pregar mais dor em Chico Buarque: *Ela desatinou/ desatou nós/ vai viver só*. *Soltasbruxa* é disco de soma, com rock, MPB e folk latino-americano, protesto (*Bolso Nada*, dedicada àquele deputado cujo nome não se deve pronunciar, com participação da múltipla Liniker) e diversão (*Axé e Auê sem Fuzuê*) e muita conexão com o espírito do tempo (*Muro em Branco*).

Trata-se de um grito por liberdade em diversas modalidades e combinações, que a festiva faixa de protesto *Calor da Rua* resume: *Vai Maria cansada de apanhar/ não sou pedra, mas posso endurecer/ vai José se arrastar pela cidade/ não sou lenha, mas eu incendeio/ (...) já sei pra onde vou:/ eu vou sentir o calor da rua*. Francisco, el Hombre tem um bloco carnavalesco, o Eita, Fudeu! Sai dia 18, na frente do bar de refugiados palestinos Al Janiah, no Bexiga, em São Paulo. - PAS

NJBE ABE

ShopCapital

OFERTAS DA SEMANA

PRÉ-LANÇAMENTO

SKATE ELÉTRICO COM BATERIA DE ALTA QUALIDADE SAMSUNG

- Segurança total ao usuário
- Rodas de 6.5 de diâmetro
- Potência: 500w (2x 250w)
- Dimensões: 17.8 x 18.6 x 58.4
- Peso: 10kg
- Tempo de recarga: 1-2h
- 110 ou 220v (bivolt)

AUTONOMIA
Percorre até 15km com uma única carga

Bateria Samsung
Mais segurança e durabilidade

VELOCIDADE MÁXIMA
Alcança até 10km/h

1 ANO de garantia

SKATE ELÉTRICO
R$ 2.399,90
à vista ou 12x de 240,96
Fixas no cartão Juros de 2,99a.m

ILUMINAÇÃO
Para localização em ambientes escuros

TELA DE 5 POLEGADAS

Modelo P9015

DUAL CHIP

MODERNIDADE SEM PERDER FACILIDADE

SMARTPHONE PARA IDOSOS

Whatsapp Facebook Internet Vídeos Fotos Músicas

1 ANO de garantia

- **123** NÚMEROS GIGANTES
- **SOS** FUNÇÃO EMERGÊNCIA
- **ABC** LETRAS GRANDES

DUAL CÂMERA

8 GB MEMÓRIA FLASH

WI-FI 3G BLUETOOTH

PROCESSADOR QUAD CORE

ANDROID LOLIPOP

1 GB DE MEMÓRIA RAM

SMARTPHONE PARA IDOSOS
R$ 699,90
à vista ou 3x de 233,30
Sem juros no cartão

COMPRE ONLINE OU PELO TELEVENDAS EM ATÉ 12X*

www.shopcapital.com.br

São Paulo (11) **4858-1261** | Rio de Janeiro (21) **2391-0219** | Belo Horizonte (31) **2595-0125**

ATENDIMENTO TELEVENDAS
2a a 6a feira
8:00h às 20:30h
Sábado e domingo
8:00h as 14:30h

Estas ofertas são válidas enquanto durarem os estoques. Caso haja diferença de preço ou descrição do produto entre este anúncio e o do site, a condição válida e praticada será a do site. Reservamo-nos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação neste anúncio. Frete a cobrar. * Parcelas mínimas de R$ 30,00

Drauzio Varella: a menopausa chega antes para quem menstrua cedo 61

Afonsinho: campeonato só da cidade do Rio valorizaria times de bairro 64

Papinho Gourmet: singelas croquetas - e eis que a boa cozinha se revela 65

Temer no Parnaso

O que a Academia de - vá lá - Letras está esperando para agasalhar o talento ficcional do presidente fictício?

POR NIRLANDO BEIRÃO

BETO BARATA/PR

QI/Temer no Parnaso

Eu não sabia.
Eu juro que não sabia!

(**SABER**, PÁG. 90)

Está
Cada vez mais difícil
Fugir de mim!

(**FUGA**, PÁG. 123)

Um homem sem causa
Nada causa

(**PENSAMENTO**, PÁG. 140)

Embora o *personal advisor* tido por Gaudêncio Torquato – arregimentado para propagandear as virtudes caligráficas do patrão na contracapa do volume – tenha ido incomodar, à guisa de comparação, lá nas aragens gélidas da Germânia, o filósofo Arthur Schopenhauer, é na poesia brasileira, no vigor multifocal de sua Crestomatia, que Michel Temer busca inspiração. É ela que o irriga e a ela que Temer vigorosamente supera.

Incursiona, em cadência pastoril, entre os árcades da Inconfidência Mineira, ao pé de castas Marílias, e, sem trégua a época e a estilo, atravessa os nativistas e terça lira com os românticos (o romantismo está incrustado na alma gentil do bacharel de Tietê); para, enfim, desaguar na veia erótica dos bardos do modernismo, centauro rompante que é, esse Michel Temer, capaz de fazer inveja ao namorador Vinicius de Moraes – pálido escriba, o "poetinha", se acareado com o viril poetastro que dormita no tribuno.

Não apenas Vinicius se apequena ante o vate Temer. No cotejo proposto aqui por *CartaCapital*, não há quem lhe faça sombra, é uma covardia a confrontação de talentos, o que sugere a constrangedora, mas justificada indagação: por que é que tão delicada sensibilidade nas artes do versejar foi se distrair em searas outras, onde o discurso requer o aprisionamento engravatado das mesóclises, em vez da espontaneidade libertária das hipérboles?

Um desperdício, certamente, tal domínio ficcional sufocado nas entranhas de um presidente fictício.

É Carlos Ayres Britto, ex-ministro do Supremo Tribunal, ele também, ao que consta, repentista bissexto, quem se incumbe, no prefácio, de resgatar a identidade oculta do trovador pungente de dentro da couraça opressora do jurisconsulto e homem público. Não que o

VERMELHO

De vermelho
Flamejante.
Labaredas de fogo.
Olhos brilhantes
Que sorriem
Com lábios rubros.
Incêndios
Tomam conta de mim.
Minha mente
Minha alma.
Tudo meu
Em brasas.
Meu corpo
Incendiado
Consumido
Dissolvido.

Finalmente
Restam cinzas
Que espalho na cama
Para dormir.

(Pág. 135)

O sutil galanteador sucumbe à voracidade do garanhão, com um estampido erótico que evoca, mas empalidece Vinicius de Moraes.

SEM TÍTULO

Era uma tarde,
Tardezinha
Aguardando o anoitecer.
O sol
Vermelhando o céu.
A brisa
Suave. Leve.
Não havia razão
Para tensão.
Nem músculo retesado.
Nem ranger de dentes.
Havia distância
Entre o exterior
E o meu interior.
O mundo não era eu,
Eu não era o mundo.
Dois estranhos
Contra a minha vontade
Convivendo.

(Pág. 77)

A sonoridade poética flui, na ilusória banalidade do cenário, o qual, porém, logo irá se encrespar em drama íntimo. A arquitetura das palavras busca a precisão matemática que nem João Cabral de Melo Neto terá alcançado.

OUTRO

O outro sou eu.
Assim. Triste. Desarticulado. Desejoso. Choroso.
Alegre, às vezes.
Romântico. E terno. Necessitado de ternura. Carente.
Criança. Que, crescendo, assustou-se. E volta a ser criança
Neste livro. A recuperar-se. Traçar o rumo que desejei.
E não consegui.
Para vencer o medo, encorajei-me. Combati. Com firmeza.
Determinação. Contido. Para não chorar.
Argumentando, sempre.
Ao invés da lágrima, o músculo retesado. E o enfrentamento.
O debate. E a vitória.
Para quê? Reduzi a miséria no mundo? Material,
Pessoal, espiritual?
Não. Vivi o eu aparente. Apenas. Mas eu sou o outro.
Este, que está nestas páginas.
(Pág. 21)

A engenharia poética atinge o seu pináculo, com respingos de metafísica que trazem à ribalta o drama pós-moderno da identidade do artista. Ao contrário de Fernando Pessoa, Michel Temer recusa o artifício dos heterônimos, já que o rapsodo do golpe, sendo uno, consegue ser múltiplo

DÍVIDA

Não me dei conta
Da conta que o tempo faz.

Multiplicações. Divisões.
Adições. Subtrações.
Nessas operações
Tive descontos
Na minha conta.
Mas sou, ainda,
Devedor.
(Pág. 126)

Embora conhecido por sua veia satírica, Gregório de Mattos haveria de apreciar essa contabilidade literária a que o poeta-presidente se submete, se bem que com austera seriedade.

Em ação, "o lado direito do cérebro", de acordo com o científico Ayres Britto

autor de "pareceres e discursos parlamentares", de "tantos projetos de leis e outros documentos normativos" já não exiba aí "as salientes notas do intelectual que mescla num mesmo tom a escorreita forma idiomática e o conteúdo mais consistente". Desse Temer não consegue escapar a sensibilidade lírica, nem sequer ao fazer preleção sobre Direito Consti-

tucional, nem mesmo quando ele redige uma Medida Provisória.

Mas não é ao cabedal científico do prefaciado – ainda que sempre impregnado do vício da doçura vocabular – que Ayres Britto dirige sua epifania. O magistrado sai a lhe esmiuçar, com entusiasmo, o hemisfério direito do cérebro, "que não é senão o dominante lado do sentimento". Convém ouvir, aqui, o trombetear de aspas: "Sentimento que é fonte de uma outra espécie de energia vital: aquela que nos faz contemplativos e disponíveis para tudo que se manifeste em nossa interioridade e também do nosso lado de fora, de parelha com os estados d'alma que atendem pelos nomes de intuição, sensitividade, imaginação criativa, percepção (que não se confunde com reflexão), coragem para sermos nós mesmos e, portanto, originais".

O turbilhão de encômios arrasta consigo sem o pudor da contenção Nietzsche, Sócrates e até Manoel de Barros, coitado, incapaz de se defender. Extasiado, Ayres Britto celebra "alguém que, dentro de si, bravamente impede que o adulto de hoje feche todos os espaços de movimentação da criança de ontem", e que "põe asas de condor na própria imaginação para deixar emergir o universal que dentro dele se confronta com o individual" – "convicto de que sem o eclipse do ego ninguém se ilumina".

E, no entanto, em contraponto inibido com o alvoroço do cortesão, Michel Temer, o artífice das palavras, ele próprio abriga-se na modéstia confortável de quem está convicto de sua primazia, sem alarde, seguro de si, desimpedido até mesmo do compromisso prisioneiro da rima e da métrica tirana dos sonetos – e vai folheando estrofes em que confessa a debandada passageira da inspiração (*De manhã/ Uma inspiração./ Fantástica. Criativa./ Anotei-a na memória./ À noite/ Cadê?/ Será falta/ De*

CONSELHO

Se eu fosse você,
Não seria como eu.

Dúvidas todo dia,
Noites indormidas.

Estudos pela metade
Discursos incompletos
Conselhos mal dados
Raciocínios mal
formulados
Crenças abaladas
Decisões não tomadas
Temores fundados
Enganos praticados
Erros repetidos.

Seu eu fosse você,
Seguiria meu conselho:
Não seria como eu!

(Pág. 86)

Como diria Mario Quintana, no seu poema "Dos Milagres": "Milagre é acreditarem nisso tudo!"

QUEM?

Loira. Os olhos
Negros.
O cabelo, na raiz,
Negro.
Os lábios
Grossos.
O olhar (não os olhos)
Distante. Triste.
Romanceado. Vendo a África.
Sem a rapidez
E alegria
Dos olhos da loira
Postos na neve.
A quem minha memória
Deve armazenar?
A loira, falsa,
Ou a mulata, verdadeira?

(Pág. 58)

A fixação labiolibidinal, estampada em mais de um poema, remete aos trovadores da Arcádia, como o inconfidente Tomás Antônio Gonzaga, com as fantasias libidinosas de beijos de ambrosia resguardadas em pudicas sobrecasacas.

A VIDA E O TEMPO

Chorei lágrimas milhares
Chorei lágrimas centenas
Chorei lágrimas dezenas
Chorei uma única lágrima.

Depois, não chorei nunca mais.

(Pág. 159)

Paulo Leminski ficaria atordoado. Impossível alcançar a profundidade minimalista do bardo do Jaburu com minúsculas digressões como esta que Leminski rascunhou: "Não discuto/ com o destino/ o que pintar/ eu assino" (Não discuto).

LULA MARQUES/AG. PT

memória/ Ou de nova/ Inspiração?) e trata de reduzir sua obra magna à condição de uns tantos rabiscos arquivados em guardanapos de papel.

O único rasgo de imodéstia – desculpável, diga-se – é dedicar uma ode sua a Jorge Luis Borges. Desafortunadamente, Borges já não pode retribuir tal gentileza.

A musa Erato, *patronnesse* das elegias amorosas, baixa invariavelmente em Michel Temer "nas viagens aéreas no trajeto Brasília-São Paulo". Dar polimento a súbitos poemas nas citadas circunstâncias tem o condão de inflar ainda mais seus méritos de rapsodo, já que, em jatinhos da FAB, o máximo de intercâmbio erudito a lhe caber poderia ser a eventual presença de um Moreira Franco (*nom de plume*: Gato Angorá). Porque com caronas como Paulo Skaf, o da Fiesp, fica difícil encetar qualquer veleidade intelectual. Skaf jamais leu um livro na vida.

O bardo relutante, em "constante questionamento", no dizer do imortal Carlos Nejar – um a mais recrutado, no

QI/Temer no Parnaso

ofício de redigir a "orelha", para certificar em Temer o dom de arquiteto de coplas e estanças – é reclamado por Ayres Britto "no assento da irmandade dos que fazem da palavra escrita um hino de louvor à estética". Se o recado se dirige especificamente ao Solar de Machado de Assis, pode ficar descansado o ex-ministro do STF. A chancela da editora Topbooks e do editor José Mario Pereira serve de convite vip e ingresso automático à Academia Brasileira de Letras.

Sempre à frente de seu tempo, Pereira publicou o menestrel em 2012, quando apenas Temer e o editor (mas nem mesmo a fiel *entourage* do então vice) concebiam voos mais altos para aquele que, à sombra de Dilma Rousseff, rastejava em sua própria e empolada mediocridade. Cinco anos atrás, o editor reuniu em Michel Temer o pendor da profecia com a urgência da militância.

José Mário Pereira é um fenômeno. Conseguiu eleger para a ABL o doutor Roberto Marinho a bordo dos escritos de seus *ghost-writers*. Mas quem disse que a Academia de Letras tem as letras no seu foco? No enorme elenco dos doutos incapazes de enfileirar um vocábulo depois do outro avulta a figura de Merval Pereira, mais um inegável triunfo de José Mário, o grão-chanceler da imortalidade, na tarefa de aliciar os enfardados nos sussurros do chá das quintas.

Anônima Intimidade é o título que ficará na posteridade, nessa ordem indireta que, *noblesse oblige*, privilegia a adjetivação, usual artifício da trova, sem esquecer que é indireto o autor, e sempre será, aos olhos da História. Talvez *Intimidade Anônima* se ajustasse melhor a um *thriller* policial classe B. O fato é que Michel Temer, coroado com guirlandas e guiado pelas ninfas, ingressou no Parnaso. A poesia brasileira nunca mais será a mesma. •

A LETRA P

Perpassa
Quando ela passa
Com seu passo
Perfeito
Petulante
"Potrancado"
Perturbadora presença
Penugem na pele
Um perfume perfumado
Uma paz progressiva
Um pedido de perdão
Perdoo-a!

(Pág. 100)

Na língua do pê, o peripatético do Planalto irrompe num cipoal de paradoxos, digamos, peristálticos. Incomparável proeza de pirotecnia, tão plenamente perpetrada. Na trilha de Carlos Drummond de Andrade: "Palavra, palavra / (digo exasperado),/ se me desafias,/aceito o combate" (O Lutador).

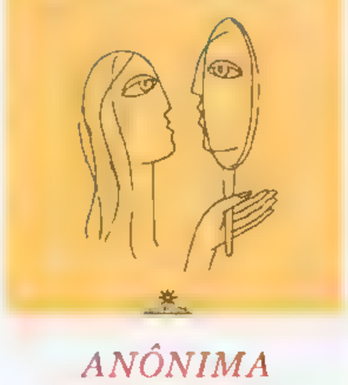
VELA E VIDA

A vela é vida
Por que vela
No velório?

Ou é vela
Porque ilumina
A escuridão?

(pág. 161)

Que Chico Buarque que nada. Sai pra lá, Caetano Veloso. Tchau, Arnaldo Antunes. A beleza categórica de tal poema parece ter sido esculpida sob medida para um fragoroso hit do Lobão.



ANÔNIMA INTIMIDADE

Michel Temer.
Editora Topbooks,
165 págs., R$ 39,00

DRAUZIO VARELLA

Menarca e menopausa

▶ A menstruação precoce, na adolescência, pode levar à menopausa antes do tempo. Onde está o perigo?

Meninas que começam a menstruar cedo correm risco mais alto de entrar na menopausa prematuramente. O risco é maior ainda naquelas que nunca tiveram filhos.

Essa relação foi documentada num estudo do International Collaboration for a Life Course Approach to Reproductive Health and Chronic Disease Events (INterLACE Consortium), que reuniu 50 mil participantes arregimentados no Reino Unido, na Escandinávia, na Austrália e no Japão.

O inquérito mostrou que mulheres sem filhos (nulíparas) que menstruaram pela primeira vez (menarca) antes dos 11 anos de idade, apresentam risco cinco vezes mais elevado (risco relativo = 5,64) de entrar na menopausa antes dos 40 anos (menopausa prematura), quando comparadas àquelas com menarca depois dos 12 anos e que deram à luz dois ou mais filhos.

Quando as que menstruaram antes dos 11 anos foram comparadas com as que o fizeram depois dos 13, o aumento do risco de menopausa prematura foi de 80%.

Na comparação de todos os grupos, a nuliparidade aumentou em 32% o risco de menopausa prematura, em relação às que tiveram dois ou mais filhos, independentemente da idade em que ocorreu a menarca.

Já sabíamos que a menarca precoce está associada a alterações da função reprodutiva, como irregularidade dos ciclos menstruais e incidências mais altas de endometriose e da síndrome do ovário policístico, mas havia dados contraditórios sobre a duração da fase fértil em função da idade na primeira menstruação.

Essas diferenças podem ser atribuídas ao emprego de metodologias diferentes e à variabilidade das análises estatísticas.

"Que caminhadas.
Que sangramento de passos"

HILDA HILST

ISTOCKPHOTO

No estudo australiano foram avaliadas 50 mil mulheres, número capaz de detectar diferenças significantes. No grupo, a última menstruação ocorreu, em média, aos 50 anos. Menopausa antes dos 40 anos (prematura) foi documentada em 7% das mulheres; menopausas precoces (entre 40 e 44 anos), em 2%.

Esses achados não são mera curiosidade científica. Menopausa é fenômeno fisiológico acompanhado de sintomatologia característica (crises de calor, ressecamento vaginal, depressão, fadiga, perda de libido, labilidade emocional etc.), que predispõe e aumenta o risco de outras doenças (infarto do miocárdio, acidente vascular cerebral, osteoporose, fraturas ósseas, obesidade, infecções ginecológicas e urinárias, entre outros).

Saber que uma mulher de 30 anos teve a primeira menstruação antes dos 11 permite adotar medidas preventivas para contrabalançar os problemas de uma possível menopausa em idade prematura: planejamento familiar, aumentar os níveis de atividade física, evitar a obesidade, não fumar e reduzir o risco de doenças cardiovasculares.

No passado, as mulheres tinham um filho atrás do outro, a menarca acontecia aos 16 ou 17 anos, e a menopausa pouco depois dos 40.

Calcula-se que as mulheres do século XIX não menstruavam mais que 40 a 50 vezes na vida. Hoje, em que as menstruações começam mais cedo, terminam mais tarde e o número de filhos não passa de um ou dois, a mulher menstrua de 400 a 500 vezes. •

GP da Bélgica-64 e, abaixo, John Surtees, GP de Mônaco-67

Correr já foi um charme

FOTÓGRAFO DA FÓRMULA 1 EXPÕE A "ERA DE OURO" DO AUTOMOBILISMO: OS ANOS 60, ANTES QUE OS BRASILEIROS ENTRASSEM NAS PISTAS

Estas imagens contrariam o ufanismo verde-amarelo que, trovoando na voz de um Galvão Bueno, sugere que a Fórmula 1 só teve graça enquanto contou com um brasileiro na disputa do título. Antes e depois, o circuito dos Grand Prix cultivou o glamour da aventura e o background do perigo, se bem que os pilotos, fora das pistas, até contemplavam uns aos outros com os bons modos de uma rivalidade elegante. A legião canarinho da graxa e da benzina, esta sim, primaria por circular na contramão disso.

O fotógrafo alemão Rainer W. Schlegelmilch começou a fotografar corridas, *paddocks* e *pit lanes* em 1962. Continua clicando, desde então, mas elegeu os anos 60 como "a era de ouro" da Fórmula 1 – título do livro que está lançado este mês pela editora teNeues. "Grandes anos, grandes carros, grandes figuras", concorda o tricampeão Jackie Stewart. O escocês Stewart forma, com seu compatriota Jim Clark (campeão em 1963 e 1965), o inglês Graham Hill (em 1962 e 1968), o australiano Jack Brabham (em 1959, 1960 e 1966) e o belga Jacky Ickx (25 pódios, 8 vitórias), o *dream team* dessa geração, que precedeu a de Emerson Fittipaldi.

THE GOLDEN AGE OF FORMULA 1

Fotos de Rainer W. Schlegelmilch
(161 imagens em pb).
teNeues Edit
(www.teneues-buecher.de)
Textos em inglês, alemão, francês, espanhol e italiano
29,90 euros (ou 45 dólares)

RAINER W. SCHLEGELMILCH

Vistas do alto, as três torres do futuro Greenwich Peninsula

Branco total à moda de Calatrava

O arquiteto espanhol Santiago Calatrava é, onde quer que ele implante seus projetos, um convite à extravagância e à polêmica. É Londres, mais exatamente o bairro londrino de Greenwich, que se prepara para acolher, com Calatrava, suas megalômanas estruturas de intenso branco, uma conta de 1 bilhão de libras (cerca de 3,9 bilhões de reais) e as já previsíveis consequências do estilo Calatrava: atraso nas obras, orçamento estourado e processos judiciais. O complexo Greenwich Peninsula vai ocupar 130 mil metros quadrados e terá uma estação de metrô e outra de ônibus, além de bares, lojas, casas de entretenimento, coroados por três imponentes torres de apartamentos, escritórios e suítes de hotel. Uma ponte ligará a península – um apêndice do Tâmisa a sudeste da capital – ao outro lado do rio. Tudo bem branquinho, como todas as outras 50 pontes nas quais Calatrava, 65 anos, imprimiu com orgulho sua marca registrada.

O retorno do idiota

Num universo de super-heróis valentes, mas quase sempre limítrofes, o Aquaman consegue ser, certamente, o mais idiota e, possivelmente, o mais ridículo. Não por acaso, a DC Comics aproveitou a atual conjuntura para trazer à ribalta o "rei dos sete mares", o relutante soberano de Atlântida. Vem repaginado e reposicionado para enfrentar o desafio de se impor mesmo com tantos outros idiotas em volta. O Aquaman continua conversando com os peixes, empunhamdo seu tridente, desfilando a bordo de um cavalo-marinho ou pegando carona num polvo. Até Dan Didio, um dos chefões da DC Comics, reconhece que o personagem é uma piada. Não só ele, infelizmente.

Muita concorrência para o Aquaman reposicionado

Carência

▶ Um campeonato só da cidade do Rio – boa ideia. E ecos do Super Bowl, da Europa e do apelo do papa

O começo dos campeonatos Paulista e Carioca dá a arrancada do ano no futebol brasileiro, enquanto, no principal continente da bola, o embalo é para a segunda metade da temporada 2017. Por nosso lado, a marca da carência mostra logo a cara, com a classificação de 100% para clubes que jogaram apenas duas ou três partidas, em alguns casos meros amistosos de pré-temporada.

A situação dos estádios no Rio de Janeiro continua precária. As cenas de esvaziar o campo encharcado até com enxada, e o técnico Abel clamando pela suspensão do jogo Fluminense x Portuguesa, foram tristes. Não há possibilidade de adiamento, não existem datas, tudo espremido e sem previsão de nada.

Fiquei entusiasmado com a ideia de se fazer um campeonato municipal independente na cidade do Rio de Janeiro, exercendo a rivalidade – e as possibilidades – dos clubes de bairros obstruídos neste momento, Campo Grande, Bonsucesso, Portuguesa etc., alguns com bons patrimônios deteriorados. Melhor assim do que servir simplesmente como apêndice de um torneio grande qualquer. Se, na Inglaterra, existem nove ou mais divisões, por que não?

A solução para as dependências esportivas emperradas parece ser mesmo a mobilização dos torcedores, como diz a moçada tipo "Ocupa o Maraca". Agora se vê a importância daquelas manifestações que preservaram partes importantes do Complexo Mario Filho.

A Assembleia Legislativa do Estado do Rio está em sérios apuros com as mobilizações dos funcionários públicos, inclusive policiais, sem salários; o cúmulo da falta de responsabilidade dos detentores do poder, que, de cara lavada, empurram para os trabalhadores a conta do descalabro. Tudo que seja remendo é pura perda de tempo. Esse ciclo político apodreceu, se esgotou.

Parênteses. Vou até a padaria para um café e continuar escrevendo, me deparo com a notícia nos jornais da indicação para o STF. A polícia, que já no ministério se mostrava desastrada, agora vai vigiar o tribunal. Vamos mal.

De volta à vaca fria: fechada a janela das transferências, sempre entreaberta, porém, o Fluminense dá mostras de evolução negando a saída do seu melhor jogador, o Gustavo Scarpa, e mantendo Richarlison, jovem promessa, motivo de cobiça de clubes europeus, asiáticos e árabes. Por aí vamos bem, em termos do futebol brasileiro como um todo, com todas as desculpas dos tempos de crise. Registramos outro dia a pretensão do Tricolor carioca, não sei se concreta, de deter pelo menos 70% dos direitos do clube sobre os jogadores formados pelo bom trabalho da base.

Em plena euforia de ascensão econômica, vendiam-se não só os craques mais importantes, mas também qualquer jovem que se destacasse. Pior, tinha-se como objetivo preparar nas bases jogadores "a metro e a quilo" para os "mercados" mundo afora, mais até, o "gado" fatiado entre "investidores" (leiam-se pensão, mercadinho, posto de gasolina...). Ao clube quase nada. Deu no que deu. Ainda se preparam e se vendem jogadores nesse esquema, quem sabe na maioria dos clubes. No entanto, a roda girou.

Fala-se muito, e com grande entusiasmo, do futebol europeu, pois lá estão os craques mais valorizados do mundo. Mas o jogo que se pratica no Velho Mundo anda feio. Não compartilho da adoração a Pep Guardiola, novamente a carência, embora reconheça nele o melhor técnico do momento, pois é o profissional que ensina a necessidade premente de mudar esse futebol engessado que anda por aí.

Quando assumiu o Bayern, Guardiola valorizou o nosso Douglas Costa, extrema-esquerda autêntico, mesmo que às vezes incursionando pelo meio. Na falta de um destro ofensivo, fixou o holandês Robben na ponta-direita. Com o mesmo problema no City, fala em deixar por lá o nosso Gabriel Jesus. Mas chega de ver Neymar e outros de camisa 11 se fingindo de ponteiros.

Outra vez a carência batendo forte. Gabriel, como o próprio Salvador, virou o desaguadouro de toda a mídia, mas parece vacinado contra o deslumbramento, e está fazendo por merecer. Terá o talentoso atacante se inspirado em Gilberto Gil, que filosofou: "A gente deve procurar sempre a perfeição, mesmo sabendo que ela não existe"? Felicidade.

Quente a disparada do ano, o Botafogo encarando seu tradicional "osso engasgado", o Colo-Colo chileno. E, de repente, eis que até aparece a top Gisele Bündchen vibrando no campo com o título doméstico, conquistado pelo Patriots, equipe de seu marido, Tom Brady. Nada mais falta à badalada decisão do Super Bowl americano, puro espetáculo. Ou falta quase nada. Não houve a manifestação prevista contra o *Topetão*, mas o pronunciamento do papa arrasou: "Participar de atividades esportivas nos ensina o significado do sacrifício, respeito e fidelidade às regras... possa ser um sinal de paz, amizade e solidariedade para o mundo". •

colunistas@cartacapital.com.brå

BAPTISTÃO

MARCIO ALEMÃO

Quali e quanti

ILUSTRAÇÃO: ESTELLA MARIS. FOTOS: ISTOCKPHOTO

Gostei de tudo que comi no Tanit, do *chef* catalão Oscar Bosh. Se você entrar no site, que é benfeito, diga-se, verá um pouco da história do rapaz, que, apesar da pouca idade, há muito frequenta as boas cozinhas do mundo, incluindo a de seu pai, dono de uma estrela Michelin há mais de 30 anos em um restaurante a 100 quilômetros de Barcelona.

Mas eu, de fato, fiquei animado, porque fazia muito, muito tempo que não dava uma mordida no que fosse e me sentisse gratificado. Grato e recompensado, principalmente. Você sabe que me tornei um chato, nada me agrada, tudo me incomoda, cobro um retorno que não seja o obrigatório. Quero mais e todos deveriam fazer o mesmo. Lembram do tal bife à milanesa num restaurante bacana e bem famoso da cidade? Uma lástima. Uma tristeza, um absurdo, um crime de lesa-milanesa. E, no entanto, a caravana segue e são raros os cães que ladram.

Comecei com singelas croquetas, uns bolinhos fritos, quase o nosso croquete. Alguns de pato e o outros de alho-porro e queijo de cabra. Na dentada, a abissal diferença entre a boa cozinha e os fazedores de salgadinhos para festas. Fui me lembrar de um *capeletti in brodo* que tentei comer em um restaurante chique. O recheio lembrava um nada misturado com tudo. Pois o pato que recheava essas croquetas tinha sabor, cremosidade e muita delicadeza. Idem, idem o de alho-porro com queijo de cabra.

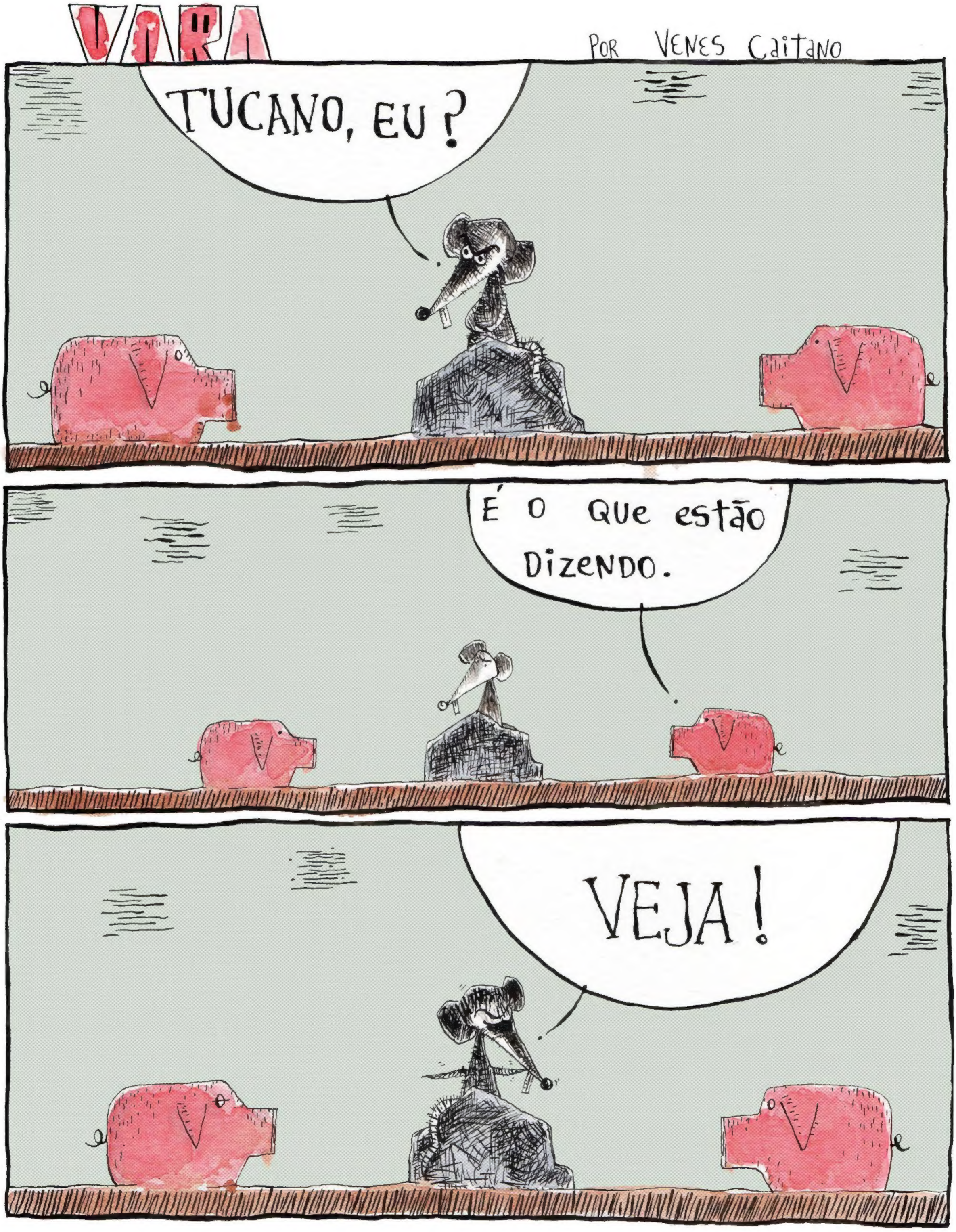
Depois comemos leitão assado a baixa temperatura com muito sabor e sabor de leitão benfeito, pelo menos sete vezes melhor que o servido na Casa do Porco, que não me convenceu absolutamente a que veio, mas está sempre cheia, como o Paris 6. Um atum no perfeito ponto e uma sobremesa de peras encantadora encerraram a refeição.

Saí de lá animado, até porque a conta foi mais que razoável. Comecei a imaginar que talvez exista um novo movimento surgindo na cidade. E o que é melhor: sem cara de movimento, sem assessoria de imprensa tentando agregar valor ao que não tem tanto valor, e sem palestra. Jovens *chefs* que trabalham focados em suas cozinhas, não preocupados em ter um programa na tevê e garantir o futuro, posto que... *lascia stare*. Vejo, enfim, com bons velhos olhos alguma renovação na cena paulistana.

E pulo da qualidade para a quantidade para explicar por que um pé-sujo na esquina da Rebouças com a Alameda Jaú lota sobremaneira durante os fins de semana ou noites quentes da semana. O nome do local? Não faço ideia. Faz parte daquela categoria de bar, de boteco que frequentamos uma vida apenas usando o nome de seu dono: o Bar do Zé, do Galvão, do Mané. O local é horrível. A localização é péssima, sem o menor encanto. As pessoas amontoam-se, sentam-se nas guias, invadem o espaço da rua. E sabem por quê? Porque é o local com o *litrão* mais barato da cidade. O que é *litrão*? É uma garrafa de cerveja de 1 litro. E mais não digo por hoje. •

VIRA

POR VENES CAITANO



ShopCapital

OFERTAS DA SEMANA

CHEGOU O MAIS COMPLETO CELULAR PARA IDOSOS

Com tecnologia para não perder o sinal!

- Dual chip
- Saída Para Antena Externa Rural
- Camera VGA
- Rádio FM
- Envio de mensagem SMS
- MP3, MP4 player
- Bluetooth
- Lanterna
- Viva voz
- Quadr Band: 850/900/1800/1900 Mhz
- Entrada auxiliar para fone de ouvido 3.5mm

Botão SOS
Dispara mensagem de socorro para até 5 número cadastrados

Antena Rural
Ultra sensibilidade para sinal. Ideal para lugares afastados

Dual Chip
Desbloqueado para todas as operadoras

Teclas Grandes que falam
Para facilitar o uso do celular

CELULAR PARA IDOSOS
R$ 189,90
à vista ou 3x de 63,30
Sem juros no cartão

1 ANO
de garantia

Rádio FM
MP3, MP4 player
Bluetooth

POTÊNCIA E VERSATILIDADE EM UM SÓ PRODUTO

Informações adicionais:
- Auxiliar P2 3.5mm
- Guitarra P10 6.1mm
- Super Bass
- Portátil
- Entrada para microfone

Informações Técnicas:
- Frequencia: 100 Hz - 20KHz
- Impedância: 3.3Ω
- Bateria de lítio: 1200 mAh
- Freq. do rádio: 87.5- 1080 FM

CAIXA DE SOM PORTÁTIL
R$ 379,90
à vista ou 3x de 126,64
Sem juros no cartão

CAIXA DE SOM PORTÁTIL

3 ANOS
de garantia

COMPRE ONLINE OU PELO TELEVENDAS EM ATÉ 12X*

www.**shopcapital**.com.br

São Paulo (11) **4858-1261** | Rio de Janeiro (21) **2391-0219** | Belo Horizonte (31) **2595-0125**

ATENDIMENTO TELEVENDAS
2a a 6a feira
8:00h às 20:30h
Sábado e domingo
8:00h às 14:30h

Estas ofertas são válidas enquanto durarem os estoques. Caso haja diferença de preço ou descrição do produto entre este anúncio e o do site, a condição válida e praticada será a do site. Reservamo-nos o direito de corrigir eventuais erros de divulgação neste anúncio. Frete a cobrar. * Parcelas mínimas de R$ 30,00

Assinante CartaCapital
Agora é sócio
CartaCapital
A partir de 2017, defenda o jornalismo crítico e transparente.
Garanta a diversidade de opiniões. Vamos construir juntos
um projeto editorial mais participativo.
socio.cartacapital.com.br
Acesso ao dia a dia da redação
Espaço para enviar artigos
Conteúdos exclusivos e especiais
Privilégios em eventos, debates e seminários
#sócio CARTA CAPITAL
Faça parte do jornalismo que o Brasil precisa.
/cartacapital
@cartacapital
CartaPlay
@cartacapital
CartaCapital
EDITORA CONFIANÇA